



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE EDUCAÇÃO E PESQUISA
COORDENAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS (PPGL)
MESTRADO EM LETRAS

ANA CECÍLIA DOS SANTOS AZEVEDO

**ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E GORDOFOBIA MÉDICA:
REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NO *TWITTER* E NO *INSTAGRAM***

SÃO CRISTÓVÃO

2023

ANA CECÍLIA DOS SANTOS AZEVEDO

**ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E GORDOFOBIA MÉDICA:
REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NO *TWITTER* E NO *INSTAGRAM***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa. Dra. Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno.

Coorientadora: Cleide Emília Faye Pedrosa.

SÃO CRISTÓVÃO

2023

ANA CECÍLIA DOS SANTOS AZEVEDO

**ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO E GORDOFOBIA MÉDICA:
REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NO *TWITTER* E NO *INSTAGRAM***

Aprovada em 23/08/2023.

Esta dissertação foi julgada adequada pela Banca Examinadora para aprovação no processo de defesa para obtenção do título de Mestre em Letras pelo Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Sergipe.

Banca Examinadora

Prof^ª. Dr^ª. Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno (Presidente e Orientadora)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof^ª. Dr^ª. Maria Luísa Jimenez (Externa à instituição)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr. Paulo Sérgio da Silva Santos (Externo ao programa)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

Prof^ª. Dr^ª Sandra Raquel Santos de Oliveira (Externa ao programa)
Universidade Federal de Sergipe (UFS)

À tainah Andrade, Jéssica Alves e Leny Max
(*In memoriam*).

À sociedade, que nos encoraja a tranformar a
“dor” em metáfora sobre seguir.

AGRADECIMENTOS

Ao poderoso Deus pelo dom da vida, pelos livramentos, por me guiar em meio às dificuldades e por me resgatar quando as sombras permeavam os dias, fossem dias de verão ou de inverno.

À minha família pelo apoio e vibrações positivas. Em especial, sou grata a minha mãe Ana Paula, pelo exemplo de luta e de perseverança, por todo colo e todo zelo. Agradeço ao meu Pai, Erinaldo. Aos meus irmãos, Eduardo e José Álvaro, essa conquista também é de vocês. Minhas avós Lúcia e Maria, meus avós José e Zezé. Ao meu tio Saulo, tia Nilda e tia Maria de Fátima. Meus ilustríssimos bisavós Luzia e Dona Bia; Zé de Ciro e Bebê (in memoriam).

Aos professores transformadores da Universidade Federal de Sergipe: Alberto Roiphe, Raquel Ko Freitag e Fernando de Mendonça sou eternamente grata pela inspiração.

Aos professores Maria Luísa Jimenez, Paulo Sérgio Santos e Sandra Raquel, por aceitarem compor a banca avaliadora do meu trabalho e pelas contribuições valiosas.

A Éccia Aléxia por cada minuto de partilha e de vivência.

Aos amigos que a Universidade Federal de Sergipe me deu, Yann, Laís, Ray, Kathe, Luara, Letícia, Renata, Vitoria Lais, vocês viram todo o processo de materialização desse trabalho e sempre me apoiaram, é valioso tê-los em minha vida.

Aos amigos que me apoiaram: Evelyn, Gabby, Lorena, Edla, Carol, Allana, Valesca, Janderson, Renisson, Natanny, Darlla, Vitória Santana, Cleidson, Allan, Juninho, Rute.

Meus primos, Alex e Joice. O que seria de mim sem a alegria de vocês?

A Nikolas Chaves, pela amizade de uma vida e por todo cuidado, carinho e afeto, mesmo a milhares de quilômetros de distância! Você é sinônimo de resiliência, meu amigo.

À Jussonia Melo, por cada colo nas horas que eu estava aflita. Pelos sorrisos nos momentos de alegria, pela companhia e presença.

A Rafael Viana, pela parceria na vida, na profissão, nos valores e nos ideias. Por ser quem é e por sê-lo aqui, perto de mim.

À Danniela Nascimento e Jorge Pereira, por acreditarem nesse sonho quando eu mesma pensava em desistir.

À Fabiana, Sameque e Marlon, por ressignificarem a visão que eu tinha sobre atividade física e me acompanharem em um ambiente não gordofóbico.

Aos meus amigos e colegas do grupo ASCD, conhecidos como ascedianos, por cada leitura, escuta, vivências, em especial Alzenira, Maiane, Juliana, Ângelo, João Paulo, vocês fazem parte da minha história.

A Augusto Souza e Leoni Ramos pela parceria ao longo desses anos. Vocês foram o presente que o universo me enviou, obrigada por cada momento ímpar que vivemos, aproveitamos, compartilhamos juntos.

À minha orientadora Prof^ª Dr^ª Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno, por todo apoio, engajamento e dedicação ao longo desta orientação. Esse trabalho não existiria sem você.

À minha Coorientadora Prof^ª Dr^ª Cleide Emília Faye Pedrosa, por ter me aceitado, inicialmente, como orientanda, pela paciência e por cada gesto de carinho. Fez toda a diferença.

Ao PPGL, por todo apoio e acompanhamento durante esses dois anos.

À Universidade Federal de Sergipe, minha casa, pela oportunidade. Que a excelência seja o padrão da ciência neste lugar.

A Luís Inácio Lula da Silva.

A todas as pessoas que, direta ou indiretamente, me ajudaram na construção deste trabalho, mesmo que sem entender como ou quando.

Por fim, dedico este trabalho a todas as pessoas que, mesmo quando o padrão solicitado era ceder, escolheram revolucionar.

“gorda

(gor.da) [ô]

Adjetivo

1: palavra descritiva.

não tem nenhum significado profundo.

não deve determinar

o valor

(ou a falta de)

de um ser humano.”

*(“A princesa salva a si mesma neste livro,
Amanda Lovelace).*

RESUMO

Com as Revoluções Industriais e as modificações do papel da mulher na sociedade, o controle acerca do corpo feminino foi visto enquanto uma oportunidade única de segregação, comparação. Nesse âmbito, mulheres que não se integram aos padrões idealizados socialmente, como as mulheres gordas, sofrem, além de invisibilidade e de inacessibilidade, violências no dia a dia e nos mais variados contextos, como por exemplo, em consultórios médicos. Isto posto, situada nos Estudos Linguísticos, esta dissertação apresenta uma perspectiva transdisciplinar (Análise Crítica do Discurso, Sociologia para Mudança Social, Estudos Gordos e Linguística Sistêmico-Funcional). A metodologia de pesquisa adotada é qualitativo-interpretativista (PARDO, 2015). O objetivo geral da pesquisa é compreender como se configura a violência em mulheres vítimas de Gordofobia Médica, operacionadas pelo poder-hegemonia e pelo poder-autoridade, estabelecidas em relatos a partir da rede social Twitter e sinalizados pela *hashtag* “#gordofobiamedica”. A análise crítica desses discursos foi motivada pela inquietação advinda do vislumbre de tais comentários nas mais diversas redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *Tiktok*, porém, para nível de análise nosso *corpus* é constituído por vinte relatos transcritos, advindos da *hashtag* #gordofobiamedica, no *Twitter* e no *Instagram*, e subdivido nas seguintes categorias de análise: Sanção por Anulação, Sanção por Padronização e Sanção por Condenação. O trabalho foi endossado inicialmente pelas linhas teóricas da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001, 2006) e traz uma abordagem em destaque para esse fim: a ASCD - Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso – (PEDROSA, 2012, 2013). Utilizaremos o conceito de Hegemonia (BAJOIT, 2008) para destacar como esta se representa em consonância à violência causada pelo princípio de estigma (GOFFMAN, 1985) e, assim, refletir sobre a importância acerca da luta antigordofobia e da despatologização do corpo gordo. Com esse foco, com base na sociologia do corpo (BRETON, 2007), compreenderemos como o estigma identitário é construído e caracteriza traços hegemônicos de poder, utilizados, com frequência e produz modos de subjetivação gorda-doente. Os Estudos Gordos (JIMENEZ, 2020) deram o suporte necessário à conceituação e à problematização acerca da gordofobia, termo invisibilizado e, por inúmeras vezes, utilizados enquanto sinônimo de romantização da obesidade. Busca-se evidenciar como o discurso médico se configura enquanto um sistema perito (GIDDENS, 1991), assim, operacionando fichas simbólicas de encaixe e de desencaixe que materializam a violência simbólica enquanto verdade universal. Este trabalho, também, busca contribuir com o cenário atual de pesquisas nacionais sobre os Estudos Críticos do Discurso e sobre o Ativismo Gordo.

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso; Estudos Gordos; Linguística Sistêmico-Funcional; Gordofobia médica.

ABSTRACT

With the Industrial Revolutions and changes in the role of women in society, control over the female body was seen as a unique opportunity for segregation and comparison. In this context, women who do not fit into socially idealized standards, such as fat women, suffer, in addition to invisibility and inaccessibility, violence in their daily lives and in the most varied contexts, such as, for example, in doctors' offices. That said, situated in Linguistic Studies, this dissertation presents a transdisciplinary perspective (Critical Discourse Analysis, Sociology for Social Change, Fat Studies and Systemic-Functional Linguistics). The research methodology adopted is qualitative-interpretivist (PARDO, 2015). The general objective of the research is to understand how violence occurs in women who are victims of Medical Fatphobia, operated by the power-hegemony and the power-authority, established in reports from the social network Twitter and signaled by the hashtag “#gordophobiamedica”. The critical analysis of these speeches was motivated by the concern arising from the glimpse of such comments on the most diverse social networks, such as Facebook, Instagram, Twitter and Tiktok, however, for the level of analysis our *corpus* consists of twenty transcribed reports, coming from the hashtag #gordofobiamedica , on Twitter and Instagram, and subdivided into the following analysis categories: Sanction for Annulment, Sanction for Standardization and Sanction for Conviction. The work was initially endorsed by the theoretical lines of Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2001, 2006) and brings a prominent approach for this purpose: the ASCD - Sociological and Communicational Approach to Discourse – (PEDROSA, 2012, 2013). We will use the concept of Hegemony (BAJOIT, 2008) to highlight how this is represented in line with the violence caused by the principle of stigma (GOFFMAN, 1985) and, thus, reflect on the importance of the fight against fat phobia and the depathologization of the fat body. With this focus, based on the sociology of the body (BRETON, 2007), we will understand how identity stigma is constructed and characterizes hegemonic traits of power, used, frequently and produces modes of fat-sick subjectivation. Fat Studies (JIMENEZ, 2020) provided the necessary support for the conceptualization and problematization of fatphobia, a term made invisible and, on numerous occasions, used as a synonym for the romanticization of obesity. The aim is to highlight how medical discourse is configured as an expert system (GIDDENS, 1991), thus operating symbolic plug-in and un-embedded tokens that materialize symbolic violence as a universal truth. This work also seeks to contribute to the current scenario of national research on Critical Discourse Studies and Fat Activism.

Keywords: Critical Discourse Analysis; Fat studies; Systemic-Functional Linguistics; Medical fatphobia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estratégias de pesquisa e vínculos teóricos.....	24
Figura 2: Subsistema da Atitude.....	40
Figura 3 : Pessoas com 18 anos ou mais de idade com excesso de peso ou obesidade, por sexo ou grupo de idade.....	48
Figura 4 Esquema das categorias de análise.....	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Contribuições da Linguística Crítica (LC)	18
Quadro 2 - Conceitos em Análise Crítica do Discurso.....	21
Quadro 3 – Campos de Estudo em Análise Crítica do Discurso na área de Educação, até 2023.....	26
Quadro 4- Conexões ASCD.....	33
Quadro 5– Tipos de Poder.....	35
Quadro 6 – MACROFUNÇÕES – Linguística Sistêmico-funcional.....	38
Quadro 7 – Subsistemas de Avaliatividade.....	39
Quadro 8 – Características principais dos subsistemas da ATITUDE.....	42
Quadro 9 – Catálogo de Teses e de Dissertações da Capes, até 2023.....	56
Quadro 10 – Etapas de Decisão.....	62
Quadro 11 – Tabela de peso e altura por idade.....	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD	Análise Crítica do Discurso
ASCD	Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso
BO	Boletim de Ocorrência
CF	Constituição Federal.
CID	Classificação Internacional de Doenças
DIH	Declaração Internacional dos Direitos Humanos
IMC	Índice de Massa Corporal
GSF	Gramática Sistemico-Funcional
LC	Linguística Crítica
LSF	Linguística Sistemico-Funcional
OMS	Organização Mundial de Saúde
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. ITINERÁRIOS TEÓRICOS.....	17
1.1 PARADIGMA FUNCIONAL.....	16
1.2 LINGUÍSTICA CRÍTICA E A ACD. ENTENDENDO OS LIMITES TEÓRICOS.....	18
1.3 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO EM FOCO.....	20
1.4 OBJETIVOS DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSOS.....	23
1.5 CORRENTES DE PESQUISA EM ACD.....	24
1.6 PREFERÊNCIAS TEMÁTICAS DOS ESTUDOS EM ACD.....	27
1.7 ACD NA AMÉRICA LATINA.....	28
1.8 ACD NO BRASIL.....	30
1.9 ASCD: DECOLONIALIDADE NO NORDESTE.....	32
1.10 LINGUÍSTICA SISTÊMICO FUNCIONAL. CONTRIBUIÇÕES ANALÍTICAS.....	36
1.11 O SISTEMA DE AVALIATIVIDADE.....	39
1.12 FECHANDO O CAPÍTULO.....	42
2. ITINERÁRIOS TEÓRICO II.....	47
2.1 O CORPO E O ESTIGMA.....	47
2.2 A GORDOFOBIA.....	52
2.3 DIÁLOGOS JURÍDICOS SOBRE A GORDOFOBIA.....	54
2.4 O SISTEMA PERITO E A GORDOFOBIA MÉDICA.....	54
2.5 BREVE PANORAMA DAS PESQUISAS SOBRE GORDOFOBIA NO BRASIL.....	54
2.6 FECHANDO O CAPÍTULO.....	54
3. METODOLOGIA E CAMINHOS DA PESQUISA.....	69
3.1 JUSTIFICATIVA.....	69

3.2 ABORDAGEM DA PESQUISA.....	71
3.3 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	76
3.3.1 Objetivo Geral	
3.3.2 Objetivos Específicos	
3.4 GERAÇÃO DE DADOS.....	78
3.5 CATEGORIAS DE ANÁLISES.....	81
3.6 FECHANDO O CAPÍTULO.....	83
4. ANÁLISES: ENTRE A EMERGÊNCIA E A INSURGÊNCIA.....	84
4.1 SANÇÃO POR PADRONIZAÇÃO.....	85
4.2 SANÇÃO POR ANULAÇÃO.....	92
4.3 SANÇÃO POR CONDENAÇÃO.....	96
4.4 FECHANDO O CAPÍTULO.....	100
5. CONSIDERAÇÕES E REFLEXÕES.....	101
6. REFERÊNCIAS.....	106
7. ANEXOS.....	108

INTRODUÇÃO

Não passar em uma catraca de ônibus, ter vergonha de chamar atenção por estar vestido de determinado estilo, ser motivo de zombaria por estar comendo em lugar público ou por estar fazendo exercícios físicos em academias ou praças, não encontrar roupas de preços acessíveis com a numeração adequada, não ter acesso a atendimento médico humanizado, não ser validado enquanto indivíduo ativo e social, ser estigmatizado enquanto doente apenas pelo tipo físico, não caber em poltronas de avião, assentos de veículos coletivos, não ter acesso a aparelhos de resgate que suportem o peso.

Todos esses são exemplos do que vem a ser a gordofobia, em inglês “fat-shaming”, que resumidamente é um “neologismo para o comportamento de pessoas que julgam alguém inferior, desprezível ou repugnante por ser gordo”, segundo o Dicionário Online (2019). Esse estigma negativo é problemático em diversas perspectivas e, ao adicionarmos à discussão o recorte de gênero, entendemos como essa inacessibilidade se dá e quais são os critérios hegemônicos que estão alinhados ao problema, moldando as práticas sociais nele existentes e ditando como serão as resoluções e empecilhos adotados, baseando-se em aspectos coloniais, generalizações e preconceitos, não compactuando com a Constituição Federal que, em seu Art.14, garante igualdade a todos perante a lei, sem quaisquer discriminações.

Existem inquietações pelas ruas, cantos e casas, latentes, buscando maneiras de serem ouvidas, pensadas e trabalhadas. A motivação inicial para o desenvolvimento deste trabalho se deu a partir de duas experiências de gordofobia médica sofridas pela autora desta dissertação, entre os anos de 2018 a 2020, na cidade de Aracaju/Sergipe.

Como forma particular e de pertencimento à luta, é oportuno sinalizar o lugar de onde parte tal observação enquanto vítima. A pesquisadora, mulher, branca, tinha 20 anos, em 2020, e sua ida ao médico era baseada em exames de rotina (anuais, como conhecidos) apenas como uma vistoria se tudo estava correndo bem. No primeiro momento, ao adentrar o espaço, o médico (especialidade ginecologista), olhou de cima até embaixo e comentou, sem nenhuma receio ou medo, que era evidente que a paciente precisava, de imediato, perder “uns quinze quilos, pois assim ficaria muito mais bonita”¹. Ao se dar conta de que o interesse da paciente era somente solicitar a guia de autorização para os exames anuais devido ao protocolo solicitado pelo plano de saúde, o médico entregou a guia, mas, repetiu, novamente, o quanto ela deveria

¹ Fala literal do médico ginecologista.

pensar em emagrecer, pois, “além da saúde restaurada, ela ficaria muito mais linda”². A faixa-etária e o não conhecimento da causa resultou em um silêncio de conformismo, porém, ao passar do tempo, as palavras ecoaram pela mente da vítima e, assim, esta buscou, nas redes sociais, um espaço para ecoar todos os sentimentos confrontantes.

Assim, após tais incidentes e entendendo as redes sociais como um espaço de apoio e de visibilidade, encontrou, no *Twitter*, a hashtag “#gordofobiamedica” que apresenta, desde 2018, inúmeros relatos sobre situações particulares nas quais mulheres sofreram violência verbal em consultórios médicos por estarem acima do peso. Para além do *Twitter*, ao pesquisar em outras redes sociais, como no caso do Instagram, também foi pertinente o aparecimento de publicações com o referido tema e a hashtag “gordofobiamedica”.

Posteriormente a esse momento inicial, o anseio por analisar as construções lexicais às vistas de uma análise crítica foi surgindo como um pensamento recorrente, e, ao desenvolver o projeto de como a pesquisa poderia ser desenvolvida (desde um artigo mais enxuto à pesquisa que se transformou em dissertação), as inquietações não pararam. Questionamentos como “Qual será a metodologia?”; “Há arcabouço teórico para sustentação da proposta ?” “Qual a perspectiva de onde a pesquisadora está?” “Como trabalhar um tema sensível e caro para as mulheres de uma forma que a pesquisa não se torne uma militância com vieses pessoais, mas de uma forma ativista, uma vez que todo argumento é advindo de um ponto de vista?” entre outras ponderações que permearam o desenvolvimento do pré-projeto dessa dissertação.

Em uma reflexão primitiva, houve o questionamento se, de fato, todas as gordofobias existentes não seriam derivadas, de fato, da gordofobia médica, haja vista a presença maçica de um discurso que é entendido enquanto autoritário e se torna, portanto, hegemônico, modalizador de práticas e de comportamentos. Desde então, existe o interesse e a busca por fóruns, debates, eventos, rodas de conversa que pautem o assunto de “gordofobia”, haja vista a naturalização de tal preconceito e a banalização das consequências que crianças, jovens, adultos e idosos podem chegar a ter ao passar por momentos de violência verbal.

Entendemos que a prática de gordofobia silencia vozes e corpos gordos de pertencerem à sociedade, enquanto a gordofobia médica, como um retrocesso adicional, além de negar o acesso à saúde, cristaliza estereótipos sociais. A este trabalho é imprescindível o questionamento acerca do debate sobre a colonização do corpo, da raça, do gênero. Por isso, esta pesquisa alia-se aos Estudos Transdisciplinares do Corpo Gordo³.

² Fala literal do médico ginecologista.

³ Endereço eletrônico < <https://lutecomomagorda.net/category/estudos-do-corpo-gordo-feminino/>> Acesso em: 21/09/2023.

Desde as antigas civilizações, como a grega e a egípcia, a cultura ao corpo “belo” e livre de imperfeições era vista como a mais pertinente e eficaz. Essa padronização a respeito do corpo está intrínseca à sociedade atual, na qual homens e mulheres são vistos e validados de acordo com a sua padronização de beleza, esta fomentando exclusão de toda tipologia corporal fora dos seus critérios, principalmente para as mulheres, uma vez que, segundo Wolf (2018, p. 29), “ao atribuir valor às mulheres em uma hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir para atingir os recursos que os homens se apropriam”. Assim, há a manutenção de um sistema patriarcal, hegemônico e misógino.

Para responder à pergunta “Como se dá a representação de mulheres vítimas vítimas de gordofobia médica no *Twitter* e no *Instagram*?” mobilizamos algumas áreas de conhecimento que serão valiosas nessa investigação.

O primeiro capítulo, intitulado “Itinerários Teóricos” dará conta de todo o arcabouço teórico acerca da Análise Crítica do Discurso (ACD) e da ASCD (Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso). Assumimos a escolha pela ACD por seu caráter político e social nas lutas anti-hegemônicas e contra as desigualdades sociais. Também, por sua perspectiva que permite ao analista a não imparcialidade com o fenômeno em análise.

O segundo capítulo, intitulado “Itinerários Teóricos II” dará conta de desmistificar o conceito acerca de Gordofobia, partindo do estigma aos corpos em geral, e indo de encontro à reflexão central sobre o corpo enquanto uma biopolítica e mais, uma possibilidade emancipatória e revolucionária.

O terceiro capítulo traça o caminho metodológico adotado nesta pesquisa e seus meios analíticos que sustentam as análises a partir das etapas decisórias, escolhas, métodos. Por fim, apresentamos nesse capítulo as categorias de análise que foram elencadas para o estudo.

O capítulo intitulado “Análises: Entre a emergência e a insurgência” apresenta as análises as quais chegamos a partir do *corpus* coletado. As subcategorias de análise “Sanção por Condenação”, “Sanção por Padronização” e “Sanção por Anulação” darão conta de segregar a natureza das recorrências discursivas encontradas nos relatos.

No último capítulo “Considerações e Reflexões” apresentamos as respostas referentes às questões da pesquisa em consonância com os objetivos específicos elencados. Em seguida, levantamos reflexões pertinentes aos estudos em Análise Crítica do Discurso e à Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, além da contribuição às pesquisas dos Estudos Gordos e à agenda na luta pela despatologização do corpo gordo.

Espero que a leitura dessa dissertação seja produtiva e lance horizontes de possibilidades em meio à crítica, à reflexão, à concordância, à discordância, à militância consciente e ao ativismo. Que este trabalho possa contribuir com os estudos de interesse.

1. ITINERÁRIOS TEÓRICOS

Este capítulo apresenta, em compilado, os postulados teóricos que nortearão as análises que serão empreendidas nesta dissertação.

Os itinerários abarcarão os campos da Linguística Aplicada, da Análise Crítica do Discurso e da Linguística Sistêmico-Funcional. Por meio desses diálogos, ressaltaremos as práticas discursivas e sociais que servirão de arcabouços para nossa investigação.

1.1 Paradigma funcional

O funcionalismo surgiu como corrente em contraposição ao gerativismo e ao formalismo. As relações linguísticas foram percebidas de diferentes formas entre essas correntes. Para Saussure, considerado o fundador do estruturalismo, baseava a língua enquanto as conexões existentes entre suas estruturas a partir de relações sintagmáticas e paradigmáticas (Saussure, 1975). Já o gerativismo, desenvolvido por Noam Chomsky, surge em oposição ao estruturalismo bloomfieldiano, este sendo uma categoria desenvolvida em adição ao que Saussure defendia, e visava a tentativa de padronização dos fatos linguísticos a partir de um tratamento matemático (Martellota, 2011). Entre essas possibilidades de áreas de estudos, o trabalho atual seguirá a corrente funcionalista.

No bojo das acepções funcionalistas, é primordial estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os contextos comunicativos díspares em que esses termos são utilizados. Martellota (2011) afirma que para os funcionalistas, a linguagem é um instrumento de interação social, dessa forma, há uma propensão a compreender a relação entre linguagem e sociedade. Assim, o paradigma funcionalista busca explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua e as condições discursivas verificadas durante esse uso. Visando conceituar a abordagem de uma maneira mais recente, em Cunha (2016, p. 157) temos que “O funcionalismo é uma corrente linguística que [...] se preocupa em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas”. Assim, é correto afirmar que um trabalho de cunho funcionalista adota as seguintes proposições. A primeira, concebe a linguagem como um ferramenta de interação social. A

segunda, o interesse investigativo vai além das análises gramaticais, dessa forma, buscando a motivação para os fatos linguísticos no contexto do discurso.

No cenário brasileiro de pesquisas, o eixo de estudos funcionalistas ganharam foco a partir dos anos de 1980, com diversas ordenações teóricas funcionalistas e diferentes perspectivas de análise. Para essa corrente teórica, a sintaxe, a semântica e a pragmática são relacionadas e interdependentes, além da estrutura linguística ser uma variável, pois é a partir dos usos linguísticos, seus contextos e propósitos comunicativos que o sistema vai tomando forma e, ao longo do tempo, transformando-se.

Existem algumas diferenças entre as abordagens formalista e funcionalista, pois a dualidade decorre da forma que cada uma entende a linguagem. A abordagem formalista entende a linguagem como um objeto autônomo e isolado, enquanto a funcionalista entende a linguagem enquanto insuficiente caso esteja isolada de seus contextos de uso/aplicações. Com isso, a perspectiva funcionalista abarca as funções externas da linguagem ao sistema, compreendendo as relações entre as formas e as funções linguísticas.

Dessa forma, no âmbito de trabalhos em Análise Crítica do Discurso, apenas a corrente funcionalista é aplicável, pois, nesse escopo, a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si e essas funções externas influenciam a organização do sistema linguístico, por isso o interesse em trabalhar com dados reais de fala ou escrita retirados de contextos efetivos de comunicação. É importante destacar que tal abordagem procura essencialmente trabalhar com dados reais de fala ou escrita, sendo estes retirados de contextos efetivos de comunicação.

É de interesse considerar o paradigma funcionalista como precursor das reflexões que, em seguida, historicamente, levariam ao surgimento da área da Análise Crítica do Discurso, e, em seguimento, para a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), sendo esta última desenvolvida desde o ano de 2012 no nordeste do Brasil, em especial nas Universidades Federais do Rio Grande do Norte e Sergipe, que será evidenciada mais à frente deste capítulo.

Em resumo, podemos caracterizar o modelo funcionalista de análise a partir de duas proposições. A primeira é que a língua desempenha funções que são externas ao sistema

linguístico. A segunda é que essas funções externas influenciam, também, a organização do sistema linguístico.

1.2 Linguística Crítica (LC) e Análise Crítica do Discurso (ACD) no mundo: entendendo os limites.

Os termos LC e ACD foram cunhados em momentos diferentes e independentes um do outro, e para alguns estudiosos podem haver pontos sobre os quais não haja uma concordância. Os marcos teóricos datam a Linguística Crítica a partir de 1970 com o foco na pragmática. Apenas em meados de 1990 que o termo ACD passou a ser usado amplamente.

O surgimento da LC pode ser indicado a partir de:

“O clamor para que as reflexões teóricas em torno do fenômeno da linguagem sejam conduzidas com base em uma postura crítica tem no máximo, *umas duas ou três décadas de história*. As primeiras conclamações nesse sentido ocorreram no Reino Unido” (RAJAGOPALAN, 2007, p. 14).

Assim sendo, é visível a brevidade quando tratamos da LC enquanto área de estudos e pesquisas. Além disso, seu local de surgimento também destaca o eurocentrismo científico, uma vez que as reflexões europeias acerca da linguagem estavam, de certa forma, desenvolvendo-se em grande escala em comparação a outros cenários de pesquisas.

A produção “Language and Control”, de Fowler (1979) marca, publicamente, o surgimento de uma nova área de pesquisa. Nessa obra, houve o desenvolvimento de uma análise do discurso público. De acordo com ele, “Os proponentes desse modelo linguístico estão interessados em usar a análise linguística para expor representações falsas e discriminações em diferentes tipos de discurso público: jornais, propaganda política, documentos oficiais, regulamentos, gêneros formais como a entrevista, etc” (FOWLER, 2004, p. 208).

Em acordo com a proposta inicial do ramo, identificamos uma funcionalidade central “medir” a eficácia da Linguística Crítica, pois, segundo Fowler (2008, p. 211), sua eficácia seria vista a partir da possibilidade de “equipar leitores para fazer leituras desmistificadoras de textos ideologicamente marcados”. Ou seja, o conhecimento crítico permitiria ao leitor destrinchar as

zonas de textos, independente do seu gênero, percebendo quais estruturas linguísticas operam a serviço de ideologias, quais seriam estas ideologias e para quê elas estariam intrinsecamente postas nos textos, uma vez que considerasse a não existência de um discurso verdadeiramente neutro.

Em resumo, a Linguística Crítica (LC), embora tenha sido, hordienamente, substituída pelo termo de Análise Crítica do Discurso, segundo Wodak (2004, p. 1), “[..] nos últimos tempos parece que o termo ACD tem sido preferido, e tem sido usado para referir-se à teoria anteriormente identificada como LC”, apresentou contribuições cruciais para a pesquisa em linguística. A seguir, é proposto um quadro com algumas das principais contribuições da Linguística Crítica.

- Quadro 1 - Contribuições da Linguística Crítica (LC)

Contribuições da Linguística Crítica (LC)

1. Explicar acerca dos problemas sociais;
2. Olhar o problema social a partir da/na linguagem;
3. Estreitar laços entre o que é social e o que é linguístico;
4. Aprofundar os estudos do papel da linguagem nas articulações das práticas sociais.

Fonte: A autora, baseando-se em Fowler (2004).

Assim, ambos os campos (Linguística Crítica e Análise Crítica do Discurso) possuem interesses em perceber e analisar relações interpessoais de desvelamento de poder e controle através da linguagem. Porém, não é interessante reduzir a ACD aos trabalhos em LC, pois, segundo Magalhães (2004), enquanto a LC desenvolveu um método para analisar um pequeno *corpus* textual, a ACD oferece uma contribuição significativa da linguística para debater questões da vida social contemporânea. Dessa forma, as duas correntes detêm singularmente os seus próprios caminhos. De toda forma, não há uma visão única quanto às comparações e os limites entre as áreas.

É interessante apontar que um dos eixos mais significativos entre a LC e a ACD e outras correntes linguísticas se dá pela extrapolação a respeito dos objetos de estudos, uma vez que existe a possibilidade de investigar as mais variadas formas de representação linguística, sejam textos falados ou escritos, pois há a preocupação em criar uma analogia entre o textual e

o social, para assim, evidenciar situações problemáticas que surgem a partir do uso da linguagem. Nos tópicos a seguir, trataremos acerca da fundamentação da Análise Crítica do Discurso.

1.3 Análise Crítica do Discurso em Foco

Antes de iniciarmos este subtópico, é de interesse destacar quanto ao uso das siglas ACD (Análise Crítica do Discurso) e ECD (Estudos Críticos do Discurso), sendo este último uma nova proposta teórica desenvolvida por Van Dijk. Por se tratar de uma perspectiva nova e ainda estar passando pelas discussões, reflexões e questionamentos necessários, esta dissertação sempre irá se referir ao campo teórico como Análise Crítica do Discurso (ACD), entendendo que o uso “ECD” implicaria um aprofundamento do termo, haja vista que, em entrevista recente, o próprio Van Dijk determinou que ambos os termos não devem ser utilizados como meros sinônimos, uma vez que apresentam grandes diferenças entre si.

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é uma forma de abordagem para o estudo da linguagem teórico-metodológica, que vem atraindo pesquisadores da era contemporânea (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 7). O termo Análise Crítica do Discurso (ACD) ou Critical Discourse Analysis (CDA) (em inglês) foi estabelecido por Norman Fairclough, em 1985, no *Journal of Pragmatics* (Fairclough, 2001). Teun van Dijk também teceu contribuições com o primeiro livro falando sobre racismo *Prejudice in Discourse*, em 1984, e com o lançamento da revista editada por ele *Discourse and Society*, em 1990. Ruth Wodak, em 1989, lançou *Language, Power and Ideology*. Todas essas publicações tiveram grande importância para as reflexões iniciais, mas só alguns anos depois, em janeiro de 1991, em uma reunião em Amsterdam, surge um grupo seletivo de estudo, com participantes de vários lugares do mundo, de analistas com perspectivas críticas, são eles: Fairclough (Lancaster); van Dijk (Amsterdam); Kress (Londres); van Leeuwen (Londres); Wodak (Viena).

Devido a sua conjuntura, ela é considerada transdisciplinar, ou seja, não só aplica conhecimentos de outras áreas, como também busca o rompimento de fronteiras epistemológicas para que as teorias encaixem a favor da abordagem sociodiscursiva (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 14). Os modelos de acesso ao discurso e aos eventos

comunicativos são um elemento essencial para a ACD, pois é de interesse do ramo analisar as situações que apresentam abuso de poder. Essa especialidade é, historicamente, de um ramo distinto do estudo da linguagem que compõe a Análise do Discurso Francesa.

Assim surgiu a ACD, com diferentes correntes, com um modelo teórico-metodológico amplo, considerando a linguagem a partir dos ideais funcionalistas que observamos no subtópico anterior. Cada membro do grupo teve a liberdade de seguir em estudos específicos, pois estariam diretamente relacionados às conexões teóricas pré e pós estabelecidas no encontro. Um dos expoentes da ACD é reconhecido por Norman Fairclough, de tal maneira a ser assentado chamar a sua proposta individual, a Teoria Social do Discurso, de ACD. Os estudos em ACD não se limitam ao proposto por Fairclough, inclusive, é verossímil afirmar que as investigações da área aliam muitas das reflexões de diferentes pesquisadores, ou seja, há a utilização de diferentes perspectivas na construção de uma teoria vasta e que dá conta de investigar e analisar o que se propõe.

Para Fairclough (2001), a ACD vê o discurso como a noção integradora de três dimensões: o texto, a interação/prática discursiva e a ação social/prática social. O uso da linguagem é percebido dentro das ações que criamos com os textos no momento das atividades sociais. Assim, como esse uso, para a ACD, é visto dentro de um contexto específico, também interessam os resultados das ações encontradas e dos discursos que além de sustentar, ajudam a moldar as práticas. Os trabalhos em ACD são percebidos como espaços de luta e de resistência, uma vez que são resultado de diferentes discursos e de ideologias, teorias. Uma das características que mais sintetizam a ACD é a sua preocupação com o poder como controle da vida social. O entendimento científico de crítica social é pautado pelo fato da ACD propor, como uma de suas motivações principais, uma base científica para o questionamento crítico da vida social, não em termos de senso comum, mas sim políticos e morais. Assim, “termos de justiça social e de poder”, segundo FAIRCLOUGH(2003a, p. 15).

A característica dialógica das práticas sociais é um ponto de destaque nos estudos em ACD. Para Batista Jr (2018) as práticas sociais moldam e são moldadas pelo discurso. Neste contexto, podemos compreender a linguagem a partir de novas perspectivas, afinal, o discurso dialógico é, pois, parte das ações e dos subsídios das práticas, uma vez que, mesmo ultrapassando o entendimento do discurso, ainda são influenciadas e, como dito anteriormente, moldadas por tal. Esses discursos sustentam o paradigma em ACD, dessa forma,

servindo como um instrumento de análise de como os sentidos atual “a serviço de projetos particulares de dominação e de exploração, além de contribuir para sustentar, modificar e [ampliar] conhecimentos, atitudes ou valores” CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH (1999), destaque nosso.

Alguns conceitos são importantíssimos para a compreensão das pesquisas e dos objetos em ACD. Pedrosa (2012) lista os conceitos básicos em Análise Crítica do Discurso, como as palavras Discurso, Contexto, Sujeito, Identidade, Intertextualidade e interdiscursividade, Crítica, ideologia, poder-hegemonia. Neste trabalho, os conceitos de crítica, poder-hegemonia serão cruciais para o desenvolvimento das análises, uma vez que a linguagem classifica o poder e expressa o poder. A ACD almeja, como um dos seus objetivos, desmestificar os discursos através da decifração da ideologia (PEDROSA, 2012). Assim, no quadro abaixo, listaremos os conceitos que serão utilizados neste trabalho.

Quadro 2 - Conceitos em Análise Crítica do Discurso

Quadro de conceitos em Análise Crítica do Discurso	
Crítica	Existem duas perspectivas para o seu uso em ACD. Em primeiro momento, a crítica está relacionada à questão de ética, de justiça, assim, a análise busca a correção das possíveis desvantagens sociais e seus fatores condicionantes, por isso a ACD se ocupa de entender esses problemas. Em segundo momento, o problema social demanda ao pesquisador a decisão de descrever a realidade, uma vez que a ACD não é neutra e a análise é construída através de um juízo de valor sobre o certo e o errado, o justo e o injusto.
Poder-Hegemonia	Tentar, a partir das relações díspares, operar com a construção de consensos e de persuasão entre aquele que detém o poder e o que está envolvido de forma vulnerável.

Fonte: A autora, baseando-se em Pedrosa (2012a).

Outros conceitos podem ser trabalhados, também, ao longo desta dissertação, entretando, o foco analítico estará estruturado a partir das ideias de crítica e poder-hegemonia, uma vez que ambos são cruciais para o entendimento da violência simbólica que a gordofobia médica apresenta, além de suas implicações.

Assim, percebemos que a ACD desenvolve, desde o surgimento do grupo, em 1991, um posicionamento comum frente à questão do discurso, mas, esse, pode ser estudado a partir

de abordagens diferentes e interdisciplinares. O discurso é, então, dialógico e dinâmico. Um dos grandes contribuintes para as pesquisas em ACD na América Latina é Teun Van Dijk Jr, o qual tratá, a partir de sua corrente Sociocognitiva, grandes contribuições para as análises deste trabalho.

1.4 Objetivos da Análise Crítica do Discurso

Como vimos, a linguagem para a ACD não é algo estático, mas sim dinâmico. Ela é construída socialmente, assim como todos os outros elementos constitutivos da vida humana. As escolhas linguísticas, discursivas e sociais feitas no momento de prática social são influenciadas por todo um conjunto contextual de convenções sociais institucionalizadas, dessa forma, a partir do texto, a unidade básica de comunicação, serão analisadas todas as informações necessárias.

As análises textuais irão depender do método. Chouliaraki e Fairclough (1999) dão os seguintes passos:

- (a) percepção do problema (como relações de poder);
- (b) identificação dos obstáculos (elementos das práticas sociais) para que o problema seja superado.
- (c) identificação da função do problema na prática;
- (d) indicação dos possíveis modos de ultrapassarmos os obstáculos.
- (e) reflexão sobre as análises

Assim, a corrente Dialético-Relacional busca estudar as relações problemáticas com desvelações do poder, compreende como esse problema funciona na prática, além de buscar compreender de quais formas é possível que haja a superação dos obstáculos, além da reflexão sobre as análises, visando a transformação social. Abaixo, evidenciaremos alguns dos objetivos evidenciados ao longo dos textos teóricos:

Cunha e Pedrosa (2011) afirmam que um dos objetivos em ACD é investigar como as práticas, eventos e textos surgem de relações e lutas de poder, sendo formados ideologicamente por estas, o que faz com essa relação entre o discurso e sociedade seja ela própria um fator que assegura o poder e a hegemonia. Dessa forma, tal interesse permite que o pesquisador vislumbre de que maneira o discurso está marcado uma vez que não há discurso desprovido de ideologia, sendo este também um dos objetivos da ACD, que está em “[...]’desmistificar’ os discursos decifrando as ideologias” (WODAK, 2004. P. 236).

Além disso, em especial para esta dissertação em foco, um dos objetivos assentados é o de que “[...] a ACD deve perseguir objetivos emancipatórios, e deve ser focada nos problemas que confrontam o que pode ser vagamente referido como os "perdedores" dentro de formas particulares de vida social” (WODAK; MEYER, 2009, p. 27), tendo em vista que a gordofobia é estrutural dentro de todas as particulares de vida, seja gênero, classe social, idade ou orientação sexual, e por isso, deve ser combatida com tamanha prontidão.

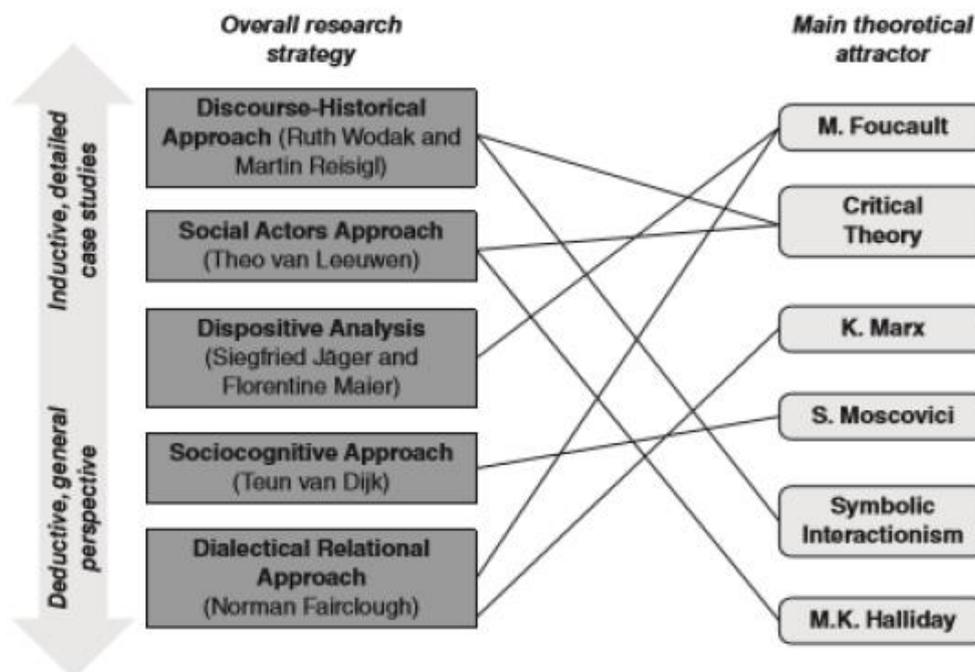
Em último lugar, o objetivo de denunciar “relações de poder e de dominação que oprimem e excluem para, assim, tentar viabilizar uma sociedade mais igualitária, justa e democrática” (GONÇALVES-SEGUNDO, 2018, p. 79).” É crucial desde já como uma das propostas de intervenção social que esta dissertação pode se tornar, pois, a partir da demonstração do quão áspera e violenta é a conduta profissional de indeterminados médicos, há a possibilidade de uma mudança no eixo das reflexões acerca do tratamento dado em consultas. Um ponto válido de trazer é que não há, neste momento, questionamentos acerca da validação ou não da obesidade e suas doenças conjuntas, muito pelo contrário. Entendemos que a partir de uma despatologização do corpo dos indivíduos gordos, a acessibilidade será vislumbrada, uma vez que a gordofobia médica impede até que pessoas gordas saiam em busca de cuidar de sua saúde.

1.5 Correntes de pesquisa em ACD

Como dito anteriormente, apenas na década de 1990, a ACD se consolidou como uma grande rede de estudos. Em Amsterdam, o simpósio foi importante, pois neles discutiram aspectos linguísticos-discursivos que ajudam no desvelamento de importantes elementos da

vida social e suas propostas de trabalho a partir deles. Os pesquisadores, apesar de estruturarem seus trabalhos de formas diferentes, trabalham em conjunto em prol da nova perspectiva de estudo. Em 1993, foi lançada uma edição especial da revista *Discourse And Society*, reunindo as perspectivas apresentadas até então. Além disso, outro resultado importante do simpósio foi a parceria de intercâmbio *ERAMUS*, repleta de estudantes e professores entre os países da Europa, que culminou em diversas parcerias. O simpósio transformou-se em encontro anual, no qual os pesquisadores apresentavam seus estudos em Análise Crítica do Discurso. Na figura a seguir, é possível vislumbrar algumas dessas abordagens, a partir de Wodak e Meyer (2015):

Figura 1 – Estratégias de pesquisa e vínculos teóricos



Fonte: Wodak; Meyer, 2015, p. 18

Neste ponto, resumidamente, é importante tecer breves comentários a respeito de algumas correntes em ACD. Assim sendo, a Abordagem Sociocognitiva (Teun van Dijk), está centrada na reprodução ideológica mediante o discurso nos meios de comunicação, baseando-se nos estudos da psicologia social; Já a abordagem histórico-discursiva (Ruth Wodak), também conhecida como Escola de Viena, apresenta enfoque no estudo da argumentação e da retórica; A Abordagem de Atores Sociais (Theo van Leeuwen), baseia-se em estudar aliados à

semiótica social, os propósitos argumentativos; E a Abordagem Dialético-Relacional (Norman Fairclough), observa as relações entre o discurso e a mudança social, sendo elas de suma importância para entender o papel da linguagem nos movimentos sociais e nas transformações das relações de poder. Esta última, de Norman Fairclough, é destacada em diversos trabalhos da área de estudos em ACD pelos seus métodos analíticos, visando, a partir da linguagem em uso, observar o resultado das ações e dos discursos que sustentam e estruturam as práticas, uma vez que, enquanto fenômeno, as práticas sociais moldam e são moldadas pelo discurso.

Mesmo havendo tamanha diversidade de correntes, algumas podem ser conciliadas concomitantemente em uma única pesquisa, desde que seja resguardada a lógica e a progressão das ideias relacionadas. Batista Jr (2018) enfatiza o papel social aferido às correntes de pesquisa em ACD, uma vez que todas apresentam em comum, como seu ponto chave, a preocupação social, embora sigam estratégias de pesquisa e de análise diferentes. Dessa forma, é verificável que o simpósio de 1991 permitiu que muito fosse desenvolvido.

Fairclough é considerado um dos grandes fundadores e pesquisadores da ACD, pois suas obras foram difundidas e traduzidas para outros idiomas de maneira rápida, inclusive aqui no Brasil, com a tradução do livro “Discurso e Mudança Social”, em 2002, pela professora Izabel Magalhães. Assim, a abordagem Dialético-Relacional acabou tomando grandes proporções no entendimento de coesão, plenitude e, como seu foco é visto e relacionado à vida social contemporânea, tal modelo é também, muitas vezes, considerado como um dos mais incrementados, uma vez que se entende enquanto capaz de coniugar a razão aos componentes ontológicos e em um estudo à produção das bases epistemológicas, metodológicas e políticas que a ACD tende a apresentar. Batista Jr. (2018, pag. 35). Entretanto, por se tratar de uma análise de discurso textualmente orientada, é a partir dos *corpus* que refletiremos acerca de qual corrente, escola, pode ser utilizada a fim dos propósitos analíticos. Por isso, no Brasil, atualmente, é diverso o campo de estudos e de pesquisas em ACD, de tal forma que encontramos reflexões com outras correntes, como a cunhada por Teun Van Dijk e Ruth Wodak, por exemplo.

No atual trabalho, haverá uma relação entre a Abordagem Dialético-Relacional, de Norman Fairclough, aliada à Gramática Sistêmico Funcional de M. K. Halliday, com aporte teórico também a Sociologia do Corpo, de David Le Breton; e a Abordagem Sociológica-

Comunicacional do Discurso, cunhada em 2012 pela professora doutora Cleide Emília Faye Pedrosa. Esta última abordagem terá um destaque ainda neste itinerário teórico I.

1.6 Preferências temáticas dos estudos em ACD

A partir do interesse em entender o papel social da linguagem, Fairclough (2001) suscita que a análise do discurso contribua de forma efetiva para o desenvolvimento de uma teoria social da linguagem, que seja transdisciplinar e preocupe-se em desvelar situações de abuso de poder. Nessa teoria, há a ampliação do objetivo de análise, uma vez que o pesquisador não estará apenas interessado na mera análise textual isolada ou apenas na análise de questões da vida social sem observar o linguístico. O interessante, dentro dessa perspectiva, é que o momento em questão está entre o linguístico e o social, um reforçando ao outro como parte indissolúvel da linguagem. Batista Jr (2018) apresenta um panorama sobre o que pode ser objeto de análise, sendo eles:

Roupas, embalagens, fotografias, anúncios, músicas, leiautes, cartazes\panfletos, sites, cardápios, arquitetura e mesmo o projeto urbano de uma cidade podem ser analisados pela ACD se tomarmos os discursos que participaram da construção dessas semioses naquele contexto histórico. A análise fará a conexão entre as práticas e os discursos contidos na atividade que desembocou no produto social analisado. (Batista Jr, 2018, p. 14).

Dessa forma, os mais variados gêneros textuais poderão ser inseridos enquanto objetos de análise, desde que sua materialidade linguística aponte as questões sobre ideologia, poder, abuso de poder, entre outras categorias de análise, a partir dos mais variantes *corpus*, uma vez que é apenas a partir de uma observação atenta do pesquisador que a situação de prática social, repleta de significações, pode ser entendida e adotada como objeto de análise, assim como as respectivas categorias.

Sob esse aspecto, Adriana Bolívar e Carlos Kohn (1999) sinalizam que, hoje, os estudos do discurso na América Latina estão no seu auge e trazem aos analistas do discurso o desafio de, em contextos de democracias vulneráveis, porque recém-sáidas de ditaduras, atentarem o olhar para explicar os processos por trás da construção de identidades sociais, políticas e culturais em cenários de pobreza, de ausência de políticas de educação, de corrupção, de injustiças. Assim, a ACD busca entender as relações dialéticas entre o discurso e as práticas

sociais, pois entende que os sujeitos podem tanto sofrer quanto atuar nesse movimento dialógico. Com isso, as pesquisas em ACD pretendem permitir ao analista um papel de interventor social, por meio de seu trabalho, que seja oposto aos discursos das elites consolidadas nas sociedades.

1.7 ACD na América Latina

Dentro da Análise Crítica do Discurso, algumas línguas como o inglês e o francês são prestigiadas no contexto de produção acadêmica enquanto línguas vistas como inferiores, português e espanhol, precisam adequar-se, como salienta Santander (2010, p. 228) “se torna necessário trabalhar sobre assuntos que contemplem os interesses da dita comunidade acadêmica [do Norte global] e, portanto, dentro de quadros ideológicos, teóricos e metodológicos” que norteiam as discussões, pois:

O fato de alguém se situar socialmente no lado oprimido das relações de poder não significa automaticamente que pense epistemologicamente a partir do lugar epistêmico subalterno. Justamente, o êxito do sistema-mundo moderno/colonial reside em levar os sujeitos socialmente situados no lado oprimido da diferença colonial a pensarem epistemologicamente como aqueles que se encontram em posições dominantes. (BERNARDINO-COSTA; GROSGUÉL, 2016, p. 19).

Pensar sobre pesquisas em Análise Crítica do Discurso no continente latino-americano é pensar em decolonialidade. E entender tal perspectiva é pensar a partir de Ballestrini (2013), que apresenta a fundação do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), constituído no final dos anos 1990. Desenvolvido por intelectuais latino-americanos estabelecidos em várias universidades das Américas, o grupo “realizou um movimento epistemológico fundamental para a renovação crítica e utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI: a radicalização do argumento pós-colonial no continente por meio da noção de “giro decolonial”.” (BALLESTRINI, 2013, p. 1).

Para Batista Jr. (2018, p. 52) os estudos em Análise Crítica do Discurso na América Latina representaram desenvolvimento, tanto teórico quanto metodológico, inclusive pelo contexto racial, social e político, apesar da corrente europeia ter sido muito difundida e compartilhada nas pesquisas latino-americanas, é fato que nos dias hodiernos percebemos lutas insurgentes pelo reconhecimento e pela validação de novas abordagens, novas formas de pesquisas que, de fato, para hoje terem a força de insurgir, são frutos dos primeiros trabalhos e

estudos dos seguintes pesquisadores, em seus respectivos países: Izabel Magalhães, Josenia Antunes Vieira, Denize Elena Garcia da Silva, José Luiz Meure, no Brasil. Leda Berardi, Adriana Bolivar, no Chile. Maria Laura Pardo, na Argentina. Neyla Pardo Abril, na Colômbia, e outros estudiosos.

De acordo com Batista Jr (2018), Teun van Dijk foi um dos que mais ajudou a engajar os estudos do discurso através de suas conferências em diferentes lugares, além de também contribuir para a elaboração da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso (ALED), fundada em 1995. Através de publicações importantes, como o editorial da revista *Discourse & Society*, em 1997, e a obra *Racismo y discurso em América Latina*, em 2007. É evidente que Teun Vank contribuiu no estreitamento das relações entre a comunidade internacional e seus colegas latino-americanos. Daí então, cada vez mais o desenvolvimento tecnológico permitiu que tais laços fossem ainda mais estreitados.

Em 2020, com a pandemia global do Covid, enquanto a grande parte da população dos países aderiu ao Lockdown, Van dijk participou de diversas lives em aplicativos de reuniões online, permitindo que diversos estudantes, que na versão presencial nunca teriam condições financeiras de se deslocar para assistir uma palestra, fizesse-o de maneira online, como por exemplo a palestra “Os discursos dos movimentos sociais”, em 22 de abril de 2021, vinculada à Universidade Federal de Uberlândia (UFU), em Minas Gerais, com carga horária de duas horas, desenvolvido pelo Sympla, sistema que permite a participação em eventos online.

Para Maria Laura Pardo (2015), desde a criação da associação (ALED), existe um intenso intercâmbio entre acadêmicos latino-americanos, uma vez que, como estão mais próximos geograficamente, torna-se mais acessível a criação de eventos, congressos e recortes de pesquisa centralizados nos contextos sociais que esses pesquisadores estão inseridos. O desenvolvimento teórico-metodológico na América Latina se deu por publicações de obras como, por exemplo, *Un modelo lingüístico para el análisis integral de discursos*, de Reyes e Pardo Abril (1991); *Teoría y metodología de la investigación científica: método sincrónico-diacrónico de análisis integral de discursos*, de Reyes e Pardo Abril(1991); *Teoría y metodología de la investigación científica: método sincrónico-diacrónico de análisis lingüístico de textos*, de Pardo (2011); *Análise de Discurso (para a) crítica*, de Viviane Ramalho e Viviane Resende (2011). *Análise Crítica do discurso: do lingüístico ao social no gênero midiático (interface: letras e comunicação social)*, de Cleide Emília Faye Pedrosa, em 2008.

Tanto no sentido continental quanto no sentido nacional, as relações de colonialidades do saber podem ser vista, embora no Brasil haja um fato curioso: O norte e sul geográficos não são da mesma forma os epistemológicos, ou seja, o norte/nordeste geográfico é o sul epistemológico, uma vez que os grandes centros de conhecimento são considerados nas regiões sudeste e sul. A linha Abissal (Sousa Santos, 2018) separa o que está lá (NORTE) e o que está cá (SUL).

Por isso, é preciso que as vozes do Sul ecoem, mais do que nunca, a partir de uma perspectiva decolonial, de produções suleadas sobre o próprio Sul, visando uma mudança de paradigma nos conhecimentos entendíveis como validáveis ou não. É dentro dessa perspectiva de decoloniedade que surge a Abordagem Sociológica e Comunicacional do discurso, pois, pensar em produções latino-americanas em um contexto de modernidade e pós modernidade é, de fato, muito importante, uma vez que essas propostas de suleamento e perspectivas decoloniais surgem nos estudos em Linguística Aplicada. Estender o olhar aos menos favorecidos é, segundo Moita Lopes (2006), ouvir as “vozes do Sul”, assim sendo, considerar aqueles que verdadeiramente experienciam as práticas sociais, para então buscar entender a vida social a partir de tais perspectivas marginalizadas.

1.8 ACD no Brasil: Influências e origens

No Brasil, as pesquisas no ramo já acontecem há algumas décadas. A conceituação brasileira sobre *Critical Discourse Analysis* (termo que ficou conhecido em inglês) não é, de fato, uma zona pacífica de entendimentos. Os conflitos se dão a partir da tradução. Para alguns é Análise Crítica do Discurso, enquanto para outros é Análise de Discurso Crítica. Ambas são aceitas e utilizadas de formas convergentes nos trabalhos.

Nesse enfoque, dentro das perspectivas possíveis de análise, as pesquisas nacionais, em sua maioria, estão alinhadas à abordagem cognitiva/sociocognitiva de Teun van Dijk e à Teoria Social do Discurso, de Norman Fairclough, mas, como é possível compreender, existem pesquisadores de todas as correntes no cenário brasileiro.

A seguir, delineamos os campos de estudo em ACD, na área de concentração Educação, no Brasil, de acordo com o banco de dados de acordo com o catálogo de teses e de dissertações da CAPES :

Quadro 3 – Campos de Estudo em Análise Crítica do Discurso na área de Educação, até 2023

Quantitativo geral de teses e dissertações	1.280.259
Quantitativo de dissertações (Mestrado)	863.596
Quantitativo de teses (Doutorado)	303.759
Grande área de conhecimento (Ciências Humanas)	217.790
Área do conhecimento (Educação)	78.960
Área de avaliação (Educação)	83.008
Área Concentração (Educação)	19.353
Nome Programa (Letras)	21.796
Instituição (Fundação Universidade Federal de Sergipe)	538

Fonte: Elaboração da autora, baseada no catálogo de teses e dissertações da CAPES.
Acesso em: 29/05/2023⁴

Existem pesquisas nos centros de pós-graduação em grandes universidades federais, entre outras instituições de ensino superior, como a Universidade Federal de Brasília (UNB), a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a Universidade Federal de Minas Gerais, (UFMG). A Universidade Federal do Piauí (UFPI), a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), a Universidade Federal de Sergipe (UFS), entre outras. Como

⁴ Link de acesso para o Catálogo de Teses e de Dissertações CAPES <
<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>>

aconteciam com os pesquisadores no início da ACD, os estudiosos brasileiros apresentam distinções em suas linhas teóricas, todavia, contribuem de forma singular para as pesquisas da área.

Alguns trabalhos e autores da área serão citados a seguir:

Izabel Magalhães. Trabalho de tradução, pela Universidade Federal de Brasília, da obra *Introdução: a análise de discurso crítica (Introduction: critical discourse analyses)*, como o início dos trabalhos em *Análise Crítica do Discurso*, haja vista a ausência de materiais acessíveis (em língua portuguesa e confiáveis a respeito da tradução).

Cleide Emília Faye Pedrosa: *A Socioanálise e a Abordagem sociológica e Comunicacional do Discurso: caminhos de análise em Análise Crítica do Discurso*. Trabalho apresentado na mesa-redonda da ABRALIN: *Análise Crítica do Discurso e os caminhos de análise*. VIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística. Natal: UFRN, 30/01-20/20/2013.

Célia Maria Magalhães. Autora do livro *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG. Uma obra que visa apresentar a perspectiva teórico-analítica do ramo de *Análise Crítica do Discurso*.

Viviane de Melo Resende. Autora dos livros *Decolonizar os Estudos Críticos do Discurso, Análise de Discurso (para a) Crítica e Análise de Discurso Crítica*. Apresenta interesse na divulgação e ampliação dos Estudos Críticos do Discurso nas academias pelo país, gerando engajamento e o desenvolvimento de pesquisas aliadas ao método.

Iran Ferreira de Melo. Autor da dissertação intitulada *A concepção da homossexualidade em textos jornalísticos: uma análise crítica da transitividade verbal*. 2007. Também autor da Tese de doutorado intitulada *Ativismo LGBT na imprensa brasileira: análise crítica da representação de atores sociais na Folha de S. Paulo*. 2013.

José Ribamar Lopes Batista Jr. Dissertação de mestrado intitulada *Os discursos docentes sobre a inclusão de alunas e alunos surdos no Ensino Regular: identidades e*

letramentos, 2008. Tese de doutorado intitulada *Discurso, Identidade e Letramento no atendimento Educacional à Pessoa com Deficiência*, 2013.

1.9 ASCD: Decolonialidade no Nordeste

Para compreender a importância teórica e metodológica dessa abordagem, é coerente revisitar algumas reflexões acerca da decolonialidade. Segundo Ballestrin (2013, p. 109 e 109), “o processo de decolonização não deve ser confundido como a rejeição da criação humana realizada pelo norte global e associado com aquilo que seria genuinamente criado no sul, no que pese práticas, experiências, pensamentos, conceitos, teorias”. Há, de certa forma, o esforço, dentro dos centros de produção de conhecimento, por atualizações teóricas, não no intuito de excluir tudo o que já tenha sido posto, mas, em contrapartida, traçar o percurso das pesquisas e os seus avanços. A reflexão proposta é aprofundada quando Ballestrini (2013, p. 112), pondera acerca da decolonialidade com questões como “é possível romper com a lógica da colonialidade da modernidade sem que abandonemos as contribuições do pensamento ocidental/europeu/iluminista -especialmente, liberalismo e marxismo, para a própria decolonização?” e mais importante, nesse âmbito, a reflexão acerca dos movimentos sociais, quando reflete-se “Os movimentos sociais atuais, em seus discursos e práticas, identificam a colonialidade e reivindicam a decolonização?” (BALLESTRINI, 2013, p. 112).

Ao observar essas reflexões, transpondo a questão para o eixo brasileiro de reflexão, é interessante observar que Santos (2010, p. 41) comenta sobre

[...] o pós-colonialismo de oposição que advogo e que decorre organicamente do pós-modernismo de oposição que tenho vindo a defender, obriga a ir, não só mais além do pós-colonialismo. Convida a uma compreensão não ocidental do mundo em toda a sua complexidade e na qual há-de caber a tão indispensável quanto inadequada compreensão ocidental do mundo ocidental e não ocidental. Essa abrangência e essa complexidade são os lastro histórico, cultural e político donde emerge a globalização contra hegemônica como alternativa construída pelo Sul em sua extrema diversidade. O que está em causa não é apenas a contraposição entre o Sul e o Norte. É também a contraposição entre o Sul do Sul e o Norte do Sul e o Sul do Norte e o Norte do Norte. (Santos, 2010, p. 41).

É nesse enfoque entre o “Sul do Sul e o Norte do Sul” que observaremos a ASCD. Cunhada em 2011 pela Prof^a Dr^a Cleide Emília Faye Pedrosa, a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso tem, como um dos principais objetivos, expandir os estudos críticos do discurso no panorama brasileiro, apropriando-se do conceito de mudança social a partir das novas transformações que as novas tecnologias de comunicação e informação têm acelerado e estendido a todas as esferas discursivas de interação social (ABELLA, 2017, p.22). A grande maioria dos artigos desenvolvidos no período inicial da abordagem estão no site www.ascd.com.br. Além disso, há alguns capítulos de livros e artigos disseminados em outros veículos, como revistas digitais, anais de eventos, entre outros.

A Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso não é meramente uma continuação ou subsistema da ACD. De acordo com Pedrosa (2016, p. 73), “a razão do surgimento da ASCD é a preocupação em aprofundar os estudos quanto: às mudanças sociais e culturais; aos tipos de poder; aos sujeitos e à contribuição de suas identidades; à contribuição das orientações da socioanálise para o estudo das narrativas do eu”. Assim, é aferido o seu caráter transdisciplinar, com uma vertente crítica, conforme assegura Damaceno (2013, p. 84), “a ASCD é uma proposta que se anuncia com o objetivo de (re)discutir algumas questões primordiais para a ACD, como Sujeito e Identidades, tipos de mudanças sociais e culturais, tipos de poder, entre outros”.

A abordagem traz pontos inovadores para a pesquisa em ACD, como a noção mutável de sujeito. A partir da reflexão entre os tipos de identidades e os seus fragmentos, a proposta de um sujeito transformador é vista como reflíxel. Deste modo, baseado na Sociologia para a Mudança Social (BAJOIT, 2012, 2008, 2006).

A ASCD entende que o sujeito se configura de forma diferente, pois não é assujeito como na AD, nem transformador enquanto categoria fechada, como na ACD. E como percurso analítico sugestivo, a ASCD (PEDROSA, 2013) propõe ao pesquisador os seguintes passos:

1. Definir seu objeto de estudo;
2. Traçar objetivos de análise;
3. Identificar as áreas de interfaces que atendem aos objetivos;
4. Selecionar as categorias de cada área interfática que alcancem os objetivos propostos; articular a discursividade à sua materialidade textual;

5. Estabelecer o diálogo entre as categorias de cada área definida e sua materialidade como pressuposto para os resultados analíticos a serem demonstrados;
6. Identificar os sentidos sociais representados e construídos no discurso; - relacionar os sentidos identificados às questões sociais situadas/contextualizadas.

Vale ressaltar que esses passos já foram ampliados em pesquisa recente, desenvolvida por João Paulo Cunha (2021), e será desenvolvido no capítulo metodológico enquanto uma proposta. Assim sendo, é uma abordagem que permite novas possibilidades de análise, principalmente a respeito de grupos subalternos. Os diálogos iniciais da ASCD ocorrem com a Sociologia (Aplicada) para a Mudança Social, a Comunicação para a Mudança Social, os Estudos Culturais e a Linguística Sistêmico Funcional. A ASCD enquanto abordagem busca intensificar as pesquisas relacionadas ao poder e ao abuso de poder. Alinha-se aos estudos qualitativos da linguagem. No quadro abaixo, está ilustrado algumas intersecções entre outras áreas e a ASCD:

Quadro 4- Conexões ASCD

CONEXÕES ASCD	
LINHA TEÓRICA	PRÁTICAS DE INVESTIGAÇÃO
SOCIOLOGIA DA MUDANÇA SOCIAL	<ul style="list-style-type: none"> • Identificar os tipos de mudanças sociais e culturais que o objeto de investigação sofreu historicamente. • Estabelecer diferenças entre as forças de coerção dos poderes.. • Investir em estudos identitários, articulando as identidades sociais e individuais. • Estudar Sujeitos e atores sociais.
COMUNICAÇÃO PARA MUDANÇA SOCIAL	<ul style="list-style-type: none"> • Incluir objetos de investigação que contemplem as mudanças sociais e culturais, frutos de posicionamentos de atores sociais que se constituem como cidadãos ativos, buscando ser ouvidos em sua comunidade.
ESTUDOS CULTURAIS	<ul style="list-style-type: none"> • A depender do objeto de investigação, incluir conceitos advindos dos estudos culturais, como, entre outros: identidade e sua tradução, capitalismo cognitivo, identidade e Sujeito fragmentado, identidades e globalização, cultura nacional como discurso, historicidade dos sujeitos cognoscentes e dos objetos cognoscíveis, intersubjetividades.
LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL	<ul style="list-style-type: none"> • Trabalhar os aspectos linguísticos de um texto, a partir das orientações da Linguística Sistêmico Funcional (LSF), da Linguística de Texto, entre outras, para evidenciar a materialização do discurso a partir da língua.

GRAMÁTICA DO DESIGN VISUAL	<ul style="list-style-type: none"> • Diante dos diversos recursos semióticos que caracterizam a maioria dos textos na atualidade, também busca fundamentar suas leituras respaldadas nas “gramáticas” que dão conta da multimodalidade.
----------------------------	--

Fonte: DAMACENO, 2013, p. 85, com base em Pedrosa (2012a).

É importante ressaltar que o quadro de conexões não parte de uma perspectiva excludente, sendo assim, a partir do *corpus* escolhido pelo pesquisador, as categorias de análise e os intercâmbios teóricos vão se moldando.

Uma das relações mais concretas na ASCD é com a Sociologia para Mudança Social de Guy Bajoit. Nesse enfoque, é possível entender as análises como parte das classificações dos tipos de sujeito, das esferas identitárias, dos tipos de poder que permeiam as relações humanas. Pedrosa (2012a) apresenta, em uma recontextualização de Bajoit (2008), os tipos de poder, justificando:

A fim de sobreviverem no tempo e no espaço, as coletividades precisam encontrar soluções para seus problemas vitais, que o autor elenca como administrar: a produção de riquezas, a ordem interna, a socialização de seus membros, o consenso e a solidariedade e suas relações com outras coletividades. A partir desses tipos de relações, surgem tipos diferentes de coerção: domínio, poder, autoridade, influência e hegemonia. Em uma recontextualização para nossa abordagem, ao considerarmos o discurso, e não uma situação empírica como o faz Bajoit, utilizaremos os termos poder-domínio, poder-Estado, poderautoridade, poder-influência, e poder-hegemonia, (PEDROSA, 2012a, p. 13).

Baseando-se nas classificações de Pedrosa (2012a), entendendo essas classificações como importantes no momento das análises do *corpus*, abaixo estão resumidos os devidos significados a cada tipo de poder:

Quadro 5– Tipos de Poder

PODER-DOMÍNIO	Refere-se ao modo de produção, o qual envolve a administração da produção e a utilização social das riquezas de uma coletividade. Como nem sempre as riquezas são suficientes, geram-se conflitos entre a classe de gestores que desejam controlar a produção em benefício próprio e a de produtores. Os atores sociais são gestores e produtores.
PODER-ESTADO	Refere-se ao tipo de regime político. A administração de uma ordem interna envolve: legislar (poder legislativo – decidir sobre o permitido e o proibido); julgar (poder judicial – avaliar as condutas conforme as leis); reprimir (poder repressivo – aplicar a 14 decisão do poder judicial) e governar (poder executivo – intervir na ordem instituída). Os atores políticos envolvidos são as elites estatais e os cidadãos.

PODER-AUTORIDADE	Refere-se ao modelo de integração social. Esse modelo dá conta da socialização dos membros da coletividade de acordo com as regras adotadas para o corpo social, tais como: prescrever e inculcar as regras, garantir a autoridade da hierarquia, avaliar as condutas dos dirigidos e castigar o desvio social. Os atores sociais são as hierarquias e os dirigidos.
PODER-INFLUÊNCIA	Refere-se ao tipo de contrato social, relação social em que se estabelecem, se negociam e se garantem os compromissos, bem como a existência entre os diferentes grupos. Os atores sociais envolvidos são os grupos instalados e os grupos minoritários.
PODER-HEGEMONIA	Refere-se ao modelo de ordem social, o qual diz respeito ao modo de administrar as relações entre as coletividades nos âmbitos regional e mundial. Os atores envolvidos são as coletividades hegemônicas e as coletividades dependentes. É uma relação de coerção em que a coletividade mais forte impõe (por diplomacia ou guerra) seus interesses políticos e econômicos a outras coletividades mais fracas.

Quadro . Tipos de Poder. Fonte: Autora, baseando-se em Pedrosa (2012a).

Dessa forma, dependendo do âmbito discursivo no qual a fala do indivíduo esteja inserido, o “poder” será identificado de forma diferente, seguindo a idealização de Bajoit. No caso, deste trabalho, especificamente, daremos ênfase às relações dotadas de poder-hegemonia, uma vez o discurso médico é entendido como hegemônico, detentor do saber, enquanto os indivíduos dependentes são as mulheres gordas a quem são impostas os interesses advindos da gordofobia estrutural, uma vez que é um comportamento enraizado e inerente à sociedade, mas não pode, de fato, ser naturalizado e reforçado.

Entender o corpo gordo enquanto capaz é necessário, pois, a partir disso, é possível lutar contra sistemas hegemônicos de opressão, tais como a acessibilidade de pessoas gordas a todos os grupos sociais e contextos hierárquicos de poder. Existe uma problemática muito rasa de que, ao se fazer ativismo gordo, está-se fazendo apologia à obesidade, o que não passa de uma interpretação equivocada dos estudos. Quando o indivíduo gordo pede a voz, o protagonismo, a gordofobia estrutural impede que haja, de fato, justiça social. Do mesmo modo, Como Baptista (2018) comenta acerca do campo educacional:

Tem nos servido para desalojar certos lugares teóricos, em busca de uma compreensão outra das diversas realidades educacionais em que nos movemos e com a quais nos deparamos cotidianamente e que nos desafiam a considerar a colonialidade da linguagem como uma dimensão da colonialidade do poder, ou ainda, como fundamental na e para a manutenção da diferença colonial. (BAPTISTA. 2018, p. 126)

Portanto, decolonizar os estudos e as práticas é necessário, uma vez que é preciso trazer visibilidade para essas questões que foram, por muito tempo, silenciadas.

1.10 Linguística Sistêmico Funcional. Contribuições analíticas.

Aliando-se às pesquisas em ACD e à abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), a Linguística Sistêmico Funcional (LSF), de Halliday (2003), baseia-se no paradigma funcionalista dos estudos linguísticos, assim, como a ACD. Esses estudos funcionalistas abordam a linguagem como sistema aberto, apresentam, por objetivo, além de estabelecer os princípios gerais ligados ao uso da linguagem, investigar a interface entre as funções e o conjunto interno das línguas. Compreender a decorrência de funções sociais na gramática é primordial à questão que relaciona a linguagem e a sociedade.

A Linguística Sistêmico-Funcional foi desenvolvida por um linguista Britânico conhecido como M.A.K. Halliday, tendo como pressupostos os estudos de Malinowski, antropólogo, e de Firth, linguista. A vasta produção de publicações basilares para tal método estão unificadas na obra *An Introduction to Functional Grammar*, sendo esta publicada inicialmente em 1985, revisada em 1994. A terceira edição é datada em 2004, quando houve, também, uma ampliação dos trabalhos. Fuzer e Cabral (2014) dão destaque à importância desta visão da linguagem, uma vez que esta serve de base para muitas áreas, em especial à educação.

É válido destacar que, além de Halliday (1978, 1985, 1994, 2004), outros estudiosos também trouxeram grandes contribuições teóricas que destacam o fator situacional, contextual e cultural para observar a língua em uso. São eles: Halliday e Hasan (1976, 1989), Eggins (1994), Martin e Rose (2003), Thompson (2004), dentre muitos outros de outras áreas, não só a Análise Crítica do Discurso.

A teoria da Linguística Sistêmico-Funcional pretende identificar os elementos de linguagem específicos que contribuem para a significação de um texto. Segundo Fuzer e Cabral (2014):

Após a contextualização da teoria, uma questão epistêmica que colocamos refere-se aos termos “sistêmico” e “funcional”, que caracterizam essa abordagem. Ela é sistêmica porque vê a língua como redes de sistemas linguísticos interligados, das quais nos servimos para construir significados, fazer coisas no mundo. Cada sistema é um conjunto de alternativas possíveis que podem ser semânticas, léxico-gramaticais ou fonológicas e grafológicas. É funcional porque explica as estruturas gramaticais em relação ao significado, às funções que a linguagem desempenha em textos. (FUZER e CABRAL, 2014, p. 19).

Assim, a grande preocupação da LSF é compreender e descrever a linguagem em funcionalismo como um sistema de comunicação humana e não como um mero conjunto de regras gramaticais fora de contextos reais de uso. Para Cunha e Souza (2007, p. 20) a importância de considerar o nível sistêmico é que este “implica a consideração de escolhas entre os termos do paradigma com a ideia de que cada escolha produz significados, embora estas seleções nem sempre sejam conscientes”. Assim, nada pode ser considerado neutro em um discurso, uma vez que há, desde sua elaboração, marcas ideológicas e hegemônicas permeando as escolhas léxico-gramaticais.

Cunha (2007), referenciando Eggins (1995), apresenta quatro pontos constitutivos e centrais da linguagem:

- 1- O uso de uma língua é sempre funcional;
 - 2- As funções são para fazer sentidos;
 - 3- Os sentidos são influenciados pelo contexto social e cultural do qual participam;
 - 4- O processo de uso da linguagem é um processo semiótico, um processo de produzir significado pelas escolhas linguísticas realizadas.
- (Cunha e Souza. 2007, p. 24)

Assim, a Linguística Sistêmico Funcional oferece possibilidades para a análise de línguas. Como forma de conceituação, Halliday (2004) entende que os três níveis de construção do significado correspondem às três metafunções, que agregam ao modo de análise textual. Aquela que olha para os processos, os participantes e as circunstâncias: função ideacional; a análise que prioriza os modos de interação entre os participantes: interpessoal; e a análise das formas de organização da informação, textual. Abaixo segue um quadro sintético sobre as macrofunções:

Quadro 6 – MACROFUNÇÕES – Linguística Sistêmico-funcional

FUNÇÃO IDEACIONAL	FUNÇÃO INTERPESSOAL	FUNÇÃO TEXTUAL
Experimental; Lógica;	Sistema de modo, modalidade e polaridade	Estrutura temática
Sistema de transitividade.	Sistema de avaliatividade.	

Quadro: Macrofunções. Fonte: A autora, baseada em Cunha e Souza (2007).

Sucintamente, de acordo com Cunha e Souza (2007, p. 32) as metafunções são “as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua”. Assim sendo, essas metafunções definem a oração enquanto “plurifuncional”, sendo possível verificar mais de uma ocorrência por discurso, porém, para fins didáticos, geralmente a análise se dá a partir do problema social que é analisado no texto.

Ainda segundo Halliday (2004), as escolhas que fazemos estão dentro das três metafunções e essas escolhas potencializam seus sentidos de acordo com os contextos de prática. Dentro da função interpessoal, encontramos o sistema de Avaliatividade, proposto por James R. Martin e Peter R. R. White (2005), que sustentarão as avaliações no *corpus* deste trabalho.

1.10 O sistema de Avaliatividade

O sistema de Avaliatividade, proposto por James R. Martin e Peter R. R. White (2005), é a perspectiva teórica que ampara as escolhas léxico-gramaticais. Ele faz parte da metafunção interpessoal, uma vez que é nela que se prioriza os modos de interação entre os participantes. Quando se fala em avaliação, não é em uma perspectiva individual e sim sobre a construção e negociação de valores sociais coletivos. É pertinente apontar que

[...] O sistema de avaliatividade, proposto por Martin e White (2005), caracteriza-se como um conjunto de significados interpessoais que se debruça sobre os mecanismos de avaliação veiculados pela linguagem, configurados em um sistema que oferece aos usuários possibilidades de utilizar itens avaliativos em suas interações cotidianas (MEIRA; CUNHA, 2014, p. 9).

Ao fazermos uma avaliação, Conforme Vian Jr (2010), também selecionamos o quanto queremos amplificá-la, isto é, se pretendemos, gradativamente, aumentar ou diminuir o grau avaliativo, assim como indicamos o item que está sendo apreciado em nossa avaliação, isto é, a fonte de nossa avaliação. Além disso, é crucial entender que

A relação entre linguagem e contexto e as possibilidades de avaliações que podem ser feitas pelos usuários nos contextos em que interagem faz emergir o Sistema de Avaliatividade como um sistema de recursos interpessoais à disposição do produtor de textos para que se posicione em relação ao que expressa (VIAN JR, 2010a, p. 28-29).

Nesse sentido, o pesquisador, a partir de uma análise textualmente orientada, pode observar quais os melhores aspectos para a análise do seu texto, seja um campo ou todos ao mesmo tempo, mesmo não sendo o mais indicado, pois uma pesquisa com um propósito tão extenso tende-se a ficar confusa e a não valorizar os critérios de clareza e continuidade na escrita.

Dentro do sistema de Avaliatividade, temos os subsistemas de Atitude, Gradação e Engajamento. As atitudes, à vista da perspectiva do Sistema da Avaliatividade, podem ainda ser aceitas como um sistema da semântica discursiva, que se realiza léxico-gramaticalmente por meio de diferentes estruturas gramaticais. Vejamos, a seguir, os recursos dos subsistemas de avaliatividade:

Quadro 7 – Subsistemas de Avaliatividade

ENGAJAMENTO	ATITUDE	GRADAÇÃO
Monoglóssico; Heteroglóssico.	Afeto; Julgamento; Apreciação.	Força; Foco.

Fonte: Vian Jr (2010, p. 22).

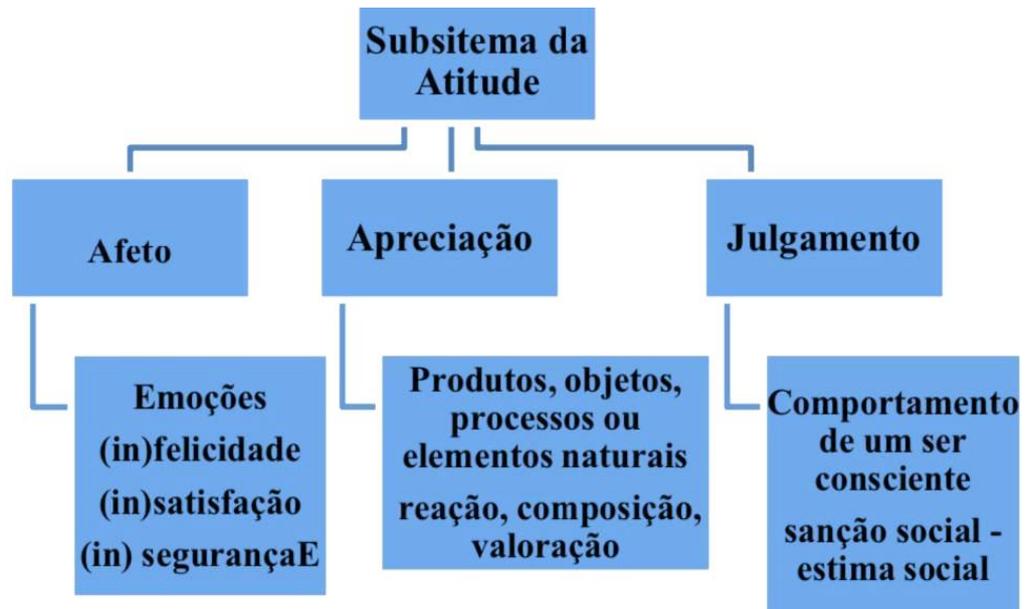
Vale ressaltar que, comumente, as classes gramaticais não apresentam, de fato, avaliações. Apenas a partir de diferentes contextos e das relações dialógicas entre os participantes do momento de prática social é que elas classes, como substantivos, por exemplo, “assumirão características ofensivas ou preconceituosas” (Vian Jr, 2010, p. 29).

Neste enfoque, trataremos, neste trabalho, de forma específica sobre o subsistema de Atitude, uma vez que ele dará amparo às análises nos próximos capítulos. Isso não quer dizer que não haveria situações analíticas, no *corpus* em observação, com traços de engajamento e de gradação, porém, o recorte se dá necessário em vista da proposta pretendida e dos resultados preliminares ao estudo do material de análise.

Ao se mencionar a Atitude, de acordo com Vian Jr (2010), A atitude é o subsistema do sistema de avaliatividade responsável pela expressão linguística das avaliações positivas e negativas, que compreende três regiões semânticas: a emoção, a ética e a estética.

Numa perspectiva organizada, abaixo, podemos entender os desdobramentos do subsistema de atitude:

Figura 2: Subsistema da Atitude



Fonte: Abella (2017), adaptado de Martin e White (2005)

O Afeto é o marcador das emoções no discurso. Ele é um recurso semântico que “diz respeito à avaliação pautada nos sentimentos dos falantes [...] indicando como se comportam emocionalmente” (Vian Jr, 2010, p. 101). Assim, é crucial este critério avaliativo, uma vez que as mulheres vítimas de gordofobia indicam, através de seus tweets, como se sentiram emocionalmente, seja positivamente ou negativamente, após o episódio descrito.

A apreciação é a forma de avaliação que diz respeito às coisas, elementos, objetos, além de abranger a reação dos falantes. O aspecto importante para esta dissertação é o destaque, segundo Vian Jr, “à forma, à aparência, à composição”, problemáticas diretamente ligadas à pressão estética, um aliado à gordofobia, que, a partir e apenas pelo vislumbre da forma, da aparência, tece avaliações acerca de corpos humanos. É ainda mais pertinente perceber que a violência verbal se dá em um ambiente que deveria levar muito mais em consideração do que apenas o estético.

Por último, o julgamento. Nele, de acordo com Vian Jr (2010, p. 106), há a “institucionalização do sentimento”. Os relatos englobam tanto o tipo de julgamento por estima social quanto por sanção social.

Para exemplificar a aplicabilidade dos sistemas e subsistemas, abaixo segue um quadro:

Quadro 8 – Características principais dos subsistemas da ATITUDE

SUBSISTEMAS	AFETO	APRECIACÃO	JULGAMENTO
NUANCES			
AVALIAÇÃO E FOCO	Emoções Foco no avaliador	Forma, aparência, composição de objetos, fenômenos naturais, processos e performances Foco no avaliado	Comportamentos humanos Foco no avaliado
CATEGORIAS	Positivo/negativo Autorial e Não autorial	Positivo/negativo Reação/Composição e Valor social	Positivo/negativo Estima social Sanção social
QUESTÃO E LINGUAGEM	“Como se sente em relação a isso?” Linguagem emocional	“O que você acha disso?” Linguagem estética	“Como você julga este comportamento?” Linguagem Ética

Fonte: Adaptado por Oliveira (2022) com base em Halliday (2004); Martin e White (2004).

É importante destacar que os três modos, afeto, julgamento e apreciação, estão interligados naturalmente, uma vez que estão relacionados à expressão de sentimentos. Oliveira (2022, p. 144) enfatiza que a distinção se dá pela questão, uma vez que o afeto é uma reação humana a determinado estímulo, já o julgamento e a apreciação mantêm os sentimentos institucionalizados, ou seja, há uma concentração nas propriedades do objeto/situação/fenômeno ou pessoa avaliada. Observaremos, no capítulo analítico, como as categorias de estima social e sanção social acionam, a partir do léxico, mecanismos de manutenção e banalização de um discurso hegemônico e violento.

No estima social, temos: normalidade, capacidade, tenacidade. Ao patologizar que “o indivíduo gordo é doente”, há uma quebra da estima social, pois apenas a partir dos resultados médicos é que se deve, enfim, elaborar conclusões e intervenções.

Já na sanção social, ao haver a quebra da “regra padrão” (Vian Jr, 2010, p. 106), há o julgamento moral do indivíduo como inconsequente por ousar viver fora do padrão que se espera (magro). Assim, entende-se que as sanções sociais são “implementadas através de penalidades e punições institucionalizadas, e são naturalizadas através de noções de moralidade, honra e religiosidade. Os valores compartilhados das sanções sociais sustentam o dever cívico e a obediência religiosa” (White, p. R. R, 2005, p. 188).

Por isso, em se tratando de uma análise textualmente orientada, os relatos advindos de mulheres que sofreram gordofobia médica englobam, de maneira muito abrangente, o subsistema de atitude, uma vez que, ao retratar no *Twitter* e no *Instagram*, podemos verificar suas emoções, sua reação, comentários acerca de valoração, além de sua estima social e da sanção social.

É de interesse deste trabalho questionar acerca da moralidade (in)compreendida à medida que os corpos gordos são subjulgados e desumanizados. Também, é interessante perceber a relação entre a honra e a religiosidade, o dever cívico e a obediência religiosa. Compreender a quem é interessante o controle populacional, a indústria de venda de remédios ditos enquanto emagrecedores, entre outros questionamentos, como a quem é interessante que se puna e se aplique pena às corporalidades gordas. Em sua sociedade capitalista, também é importante se questionar “quem lucra com essa naturalização da estética-saúde enquanto sinônimo de magreza ?”

A tabela a seguir é adaptada de IEDEMA, FEEZ e WHITE (1994) e evidencia um esboço/guia de possíveis significados envolvidos ao trabalharmos com o subsistema de julgamento, mas não é, por obrigação, um relatório de sub-tipos do subsistema. Vejamos:

Estima social	Positiva (admiração)	Negativa (crítica)
Normalidade (costume) Acerca do comportamento	Padrão, corriqueiro, médio, elegante....	Excêntrico, estranho, azarado, cafona....

Capacidade Acerca da competência	Habilidoso, inteligente, forte, poderoso....	Burro, lento, desajeitado, fraco....
Tenacidade Acerca da confiabilidade	Corajoso, valente, heroico, decidido.....	Covarde, irresponsável, distraído, preguiçoso....

Sanção Social	Positiva (elogio)	Negativa (condenação)
Veracidade Acerca da honestidade	Honesto, sincero, genuíno, franco....	Falso, desonesto, impostor, injusto....
Propriedade Acerca da ética	Bom, virtuoso, justo, respeitador das leis....	Mal, imoral, corrupto, injusto, cruel....

Dada tais características específicas, as análises se basearão na perspectiva entre estima social e sanção social, de forma a compreender cada processo enquanto perpetrador de possíveis violências, haja vista se tratar de um problema social em análise.

1.11 Fechando o capítulo

Neste capítulo, buscamos apresentar, de maneira consistente, nossos itinerários teóricos I, que se baseou nas contribuições da Análise Crítica do Discurso, desde sua origem até os dias atuais. Também nas contribuições da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso e, por fim, no grande papel da Linguística Sistêmico-Funcional. No próximo Itinerário, avançaremos nos estudos da gordofobia a partir da sociologia do corpo e da Pesquisa Gorda.

2. ITINERÁRIOS TEÓRICOS II

Neste capítulo, percorreremos as teorias que embasam o eixo do corpo. Primeiramente, refletiremos se o *corpora* é constituída por um grupo minoritário, utilizando, para isso, de reflexões acerca da decolonialidade e da conceituação do quem a ser uma minoria. Em seguida, delimitaremos a problematização do estigma social ao qual os indivíduos gordos são

submetidos, principalmente as mulheres. Por fim, refletiremos acerca da pressão estética e da gordofobia médica.

2.1 O corpo e o estigma

O padrão de corpo feminino desde à antiguidade foi construído perante as necessidades sociais da época. Em meados do século XIX, era comum o entendimento que as classes sociais mais ricas apresentavam mulheres com corpos mais curvilíneos, haja vista a fartura de alimentos, enquanto corpos mais esbeltos eram relacionados às classes mais pobres. Assim, no padrão de beleza esperado, havia a distinção social a partir da distinção física apresentada: a burguesia (gorda, voluptuosa, de pele alva e prole numerosa) contrastava com a mulher magra (doente, pálida e melancólica), a senhora respeitável e a mulher humilde (Vigarello, 2006).

Com as Revoluções Industriais e as modificações do papel da mulher na sociedade, o controle acerca do corpo feminino foi visto enquanto uma oportunidade única de segregação, comparação. O padrão de beleza idealizado, desde muito antigamente, constituía-se de corpos femininos brancos, traços “finos”, esbeltos, altos, loiros. Essa visão eurocêntrica de beleza, dentro dos estudos decoloniais, é explicada por Quijano (2005, p. 13) enquanto uma “construção eurocêntrica, que pensa e organiza a totalidade do tempo e do espaço para toda a humanidade do ponto de vista de sua própria experiência, colocando sua especificidade histórico-cultural como um padrão de referência superior e universal”. Assim, as características específicas de um povo, em determinado tempo da história, em determinadas situações de classe, renda, cor, passou, a partir das relações de poder desse continente para com os outros, a ser visto enquanto o “padrão” mundial e, tudo que se afastasse dessas características, era compreendido enquanto inadequado, feio, irregular, desprovido.

Dessa forma, é imprescindível o vislumbre haja vista perspectivas decoloniais de como se pensar o estigma, o corpo, e suas afeições e noções de valores pertencimento. Em outra nuance, há também de se refletir acerca das motivações que levam o padrão de beleza europeu ser configurado enquanto padrão mundial.

Por isso, o estigma, segundo Goffman (1975, p. 12) as nossas “expectativas normativas”, ou seja, a nível popular, os estereótipos dos indivíduos, são cruciais para compreendermos nossa identidade social. É fato que, ao depender do contexto situacional, pode ainda haver alterações singelas na identificação de uma identidade, ou até se falar em possíveis identidades variadas, na era de nativos digitais, que conseguem integrar, serem integrados, ao mesmo tempo que são, potencialmente, excluídos em razão do estigma estabelecidos socialmente. Sobre as “expectativas normativas”, Goffman situa:

Podem-se mencionar três tipos de estigma nitidamente diferente. Em primeiro lugar, há as abominações do corpo – as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas [...] inferidas a partir de relatos de conhecidos [...]. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião. (Goffman, 1975. p. 14, destaque nosso).

No estigma relacionado às pessoas gordas, visualizamos o estilo de estigma número um, denominado de “as abominações do corpo”. Nesse ínterim, é pertinente observar como houve, desde o ano da reflexão de Goffman, uma ampliação do que é considerado “abominação corporal”, uma vez que até o conceito sobre “deformidade” pode ser questionado. Entende-se, então, que as pessoas foras dos padrões eurocêntricos estariam, por suas características físicas, fadadas à estigmatização durante toda a vida.

Em conformidade, é a partir do social que a estigmatização do indivíduo se dá, haja vista que, a partir das experiências em sociedade, as normatizações e padronizações são desenvolvidas culturalmente. Assim, Goffman (1975, p. 138) foi visionário ao afirmar que “uma condição necessária para a vida social é que todos os participantes compartilhem um único conjunto de expectativas normativas”, porém, é preciso refletir o quanto uma ação restauradora, em prol da normatização dos indivíduos então estigmatizados, é mais eficiente que a formulação de uma nova expectativa normativa, mais assertiva e em prol, desde o princípio, da inclusão e não da segregação.

Ou seja, há uma construção social acerca do modelo corporal a ser vislumbrado em determinados períodos históricos, e tal vislumbre surgiu do papel desempenhado pela mulher na sociedade da época, como ilustrado ao se afirmar que, a partir da alocação das mulheres em trabalhos antes masculinos, houve um urgente incentivo para que se “transformasse o corpo feminino na prisão que o lar já não era” (Wolf, 2018, p. 268). Dessa forma, novos mecanismos

de opressão, controle e manipulação foram elaborados de jeito que as mulheres sempre ficavam marginalizadas, mesmo em suas histórias.

De acordo com JIMENEZ (2020, p. 1) “O corpo, portanto, pode ser considerado um cartão de visitas, provocando em seu observador alguns julgamentos. Mesmo que possamos nos equivocar com as aparências, e todos sabem disso, elas são relacionadas a qualidades morais positivas ou negativas”. Deste modo, o corpo está sempre passível a comentários, questionamentos, reflexões e opiniões institucionalmente coloniais e preconceituosas.

A visão colonialista do corpo foi posta à prova. Segundo Bretton (2007, p. 10) “O corpo, lugar de contato privilegiado com o mundo, está sob a luz dos holofotes”. Ao se observar o contexto pós Revolução Sexual, em meados de 1960, é visível o surgimento de questionamentos acerca da validação corporal. Embora tal validação seja camuflada, em muitas vezes, de preocupação com a saúde de mulheres gordas, há o refutamento de tais premissas logo ao perceber que, muito antes da questão de saúde, o que prevalece é o estigma social, construído socialmente e que, infelizmente, atua enquanto um discurso hegemônico.

Foucault (1999, p. 29) valida a respeito do corpo enquanto imerso a um campo político, no qual “as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias [...] o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso”. Com tal vislumbre, a cerimônia de um corpo visualmente magro é imposto enquanto entendível como “produtivo”, ao mesmo tempo no qual, em sua produtividade, torna-se “submisso”, haja vista as renúncias e abdicções necessárias para a manutenção desse corpo político, porém, moldável.

Sousa Santos (2010) corroborou, em se tratando de mecanismos de exclusão e de validação, o conceito de uma “linha abissal”. Claro, no seu argumento inicial, tratando-se sobre o conhecimento eurocêntrico e os conhecimentos subalternos. Uma transposição do conceito é considerável ao substituirmos a questão do conhecimento pela questão do estigma social. Nesse ponto, existe um “nós”, validado socialmente a partir das mais variadas concepções culturais e, do outro lado da linha, existe um “eles”, os quais não nos interessa “ouvir”, nem legitimar as vivências, experiências, conhecimentos e, também, os corpos. Tendo esse cenário em contexto,

é possível compreender a segregação e a estigmatização quando o foco do debate é o corpo gordo, uma vez que nele há, por sua existência, um rompimento de padrões.

De acordo com Foucault (1999, p. 31), ao tratarmos de um “corpo político”, aqui caberia a visão de um “conjunto dos elementos materiais e das técnicas que servem de armas, de reforço, de vias de comunicação e de pontos de apoio para as relações de poder e de saber que investem os corpos humanos e os submetem fazendo deles objetos de saber”. Logo, existe, de maneira clara e incisiva, nas entrelinhas das camadas sociais, uma visão pré-definida sobre o corpo e as suas possibilidades. À luz dessa proposição institucional, corpos gordos podem ser considerados políticos, uma vez que lidam, quase sempre, a vida toda, com o descaso e o desmerecimento sobre seu corpo.

É a partir de uma visão feminista⁵ que as questões relacionadas ao gênero e ao corpo feminino tiveram holofotes democráticos. Breton (2007, p. 68) comenta que apenas com o feminismo, através de uma militância engajada, houve a possibilidade de reflexões acerca das desigualdades sociais e das práticas sociais. Nesse âmbito, podemos questionar a qual feminismo interessa o debate acerca do corpo e a despatologização de corpos dissidentes⁶ Dessa forma, os primeiros esforços acerca de uma perspectiva de mudança foram vislumbrados. Ao falar de feminismo, então, é necessário uma visão mais aprofundada acerca do lugar de onde propomos nossa visão.

Neste trabalho não cabe o movimento de primeira onda do movimento feminista, feito por mulheres de classe média e brancas, visando direitos relacionados ao jurídico, à proporção. Do mesmo modo, não cabe aqui o movimento da segunda onda do feminismo e as reflexões sobre o objetivo de ser mulher, os modelos patriarcais sociais. De fato, a luta foi iniciada por estas, porém, certamente, a relativização de que mulher lutava por seus direitos é pertinente, haja vista que, por exemplo, a primeira onda do feminismo não contemplou vozes de mulheres pretas, afinal, para estas, o direito ao trabalho nunca foi uma “oportunidade”, pois, enquanto

⁵ Para compreender mais acerca dos feminismos citados, vale a leitura:

Angela Davis “Mulheres, raça e classe”(1981).

Jennifer Baumgardner “Manifesta” (2000);

Chimamanda Ngozi Adiche “Sejamos Todos Feministas” (2014);

Heloísa Buarque de Hollanda “Pensamento Feminista” e “Pensamento Feminista em conceito” (2019)

⁶ Segundo Oxford Languages, “aquilo que diverge”.

figuras marginalizadas, estas precisavam trabalhar, inclusive em situações de escravidão/análogas à escravidão.

Para além destes, há também o feminismo interseccional, que visa o estudo do sistema enquanto opressor, com o reconhecimento de diferentes grupos sociais, de diferentes mulheres e que, por conseguinte, possuem diferentes condições e pertencimentos, vivências. Neste, além do gênero, raça e classe, a questão da sexualidade também foi adotada enquanto parâmetro, uma vez que os dispositivos de opressão podem ser usados de uma forma cumulativa, então, as violências sofridas por uma mulher hétero são diferentes de violências sofridas por mulheres bissexuais e lésbicas.

Assim, a terceira onda do movimento feminista é a perspectiva mais viável para este trabalho, uma vez que sinaliza as diferenças de lutas entre as diferentes mulheres e os seus diferentes objetivos. Há, pois, nessa fase, a luta acerca de preconceito, seja o sexismo, a luta de classes, o racismo, temas imprescindíveis que, até então, não recebiam o destaque necessário na primeira e na segunda onda do movimento, afinal, não se tratava de demandas das participantes.

A interseccionalidade não é, de modo evidente, acionada nesse debate, uma vez que a violência médica se dá independente da orientação sexual e, por isso, o potencial de violência que uma mulher hétero pode sofrer é, então, semelhante ao potencial que uma mulher não hétero pode sofrer, afinal, a violência, neste caso, focaliza a questão do gênero, por ser mulher e subjulgada; da raça, pois mulheres negras sofrem mais preconceito que as mulheres brancas e, também, por classe, uma vez que mulheres de classe média baixa/classe baixa não possuem os dispositivos necessários para “escolher” o atendimento médico que desejam, esperam e merecem.

2.2 A gordofobia

A gordofobia, em pesquisas gerais na internet, ou seja, google, é entendida como um termo de origem desconhecida⁷ que assemelha-se à versão em inglês “fatphobia”, em moldes

⁷ Uma reflexão importante é a de quem lucra com a ausência de conhecimento sobre a pauta?

gerais, significa uma aversão às pessoas gordas.⁸ Jimenez (2020, p. 2) elucida que a gordofobia é, de fato, “uma discriminação que leva à exclusão social”. Assim, tal estigma é institucionalizado e recorrente. Ainda em Jimenez (2020, p. 3) temos que “a gordofobia está em todos os lugar e é, muitas vezes, disfarçada de preocupação com a saúde, dificultando, dessa forma, seu entendimento e embate. Sustentada por discursos de poder, de saude e beleza como geradores de exclusão”.

Falar sobre o corpo não é um tema inédito, haja vista as inúmeras possibilidade de abordagem, no entanto, Jimenez (2020, p. 20) assegura as primeiras discussões acerca da gordofobia no livro *Fat is a Feministissue* (“Gordura é uma questão feminista”), de Susie Orbach, datado de 1978. De lá para cá, muitas foram as tentativas e progressos visando trazer luz ao assunto nas academias do mundo, inclusive no Brasil.

Em suas características mais basilares, a gordofobia pode ser análoga ao proposto por Breton (2007) ao se referir a um indivíduo com deficiência: “quando ousa fazer um passeio, é acompanhado por uma multidão de olhares, frequentemente insistente; olhares de curiosidade; de incômodo; de angústia; de compaixão; de reprovação” (2007, p. 73).

Isso dito, ao considerar pessoas com “sobrepeso, gordas e obesas enquanto deficientes”⁹, há, evidentemente, a formação de um estigma social aos moldes do conceito de Goffman (1975). Jimenez (2020) reflete o estigma enquanto um controle social. Para ela, essa mobilização dicotômica entre isso e aquilo, entre o bom e o ruim socialmente, é uma forma de manipulação, pois nisso se está “criando um protótipo do que é permitido ou não na sociedade” (JIMENEZ, 2020, p. 57),

Jeronimo (2018, p. 25) assegura que a palavra “engordar” passou a ser vista como “alarme e temor” enquanto houve a associação positiva da palavra “emagrecer” a partir das publicações de moda, quando foi apresentado ao público leitor um corpo mais esguio e atlético.

⁸ O primeiro resultado da pesquisa consta um glossário. Disponível em: <https://educacaointegral.org.br/glossario/gordofobia/#:~:text=A%20gordofobia%20%C3%A9%20um%20preconceito,que%20%C3%A3o%20engra%C3%A7adas%20e%20atrapalhadas> Acesso em: 21/08/2023.

⁹ O uso das aspas é ideológico e político, surgindo pela proposta de reflexão acerca do significado das palavras utilizadas.

Assim, inicia-se uma construção padronizada de um novo tipo de comportamento, um novo modelo de corpo a ser seguido. Jerônimo (2018, p. 26) ainda ressalta que “o desejo de emagrecer ultrapassou a necessidade do emagrecimento, sobrepondo a questão da saúde, tornando-se um objetivo próprio”, ou seja, a construção de um padrão tende a oprimir tudo que foge dele, nesse caso, o corpo gordo.

Jimenez (2020, p. 56) comenta a respeito quando se refere “os indivíduos devem ser aceitos e considerados “normais” no corpo social; se não for assim, surgirão instrumentalizações para inserir o sujeito ao estado normatizado, considerado pelo grupo. E se isso não ocorrer, surgirá o estigma e a exclusão do sistema”. É inevitável discorrer, nesse ensejo, dos problemas cotidianos que a sociedade, por ser gordofóbica, acaba induzindo os indivíduos gordos.

São exemplos: a falta de equipamentos nos hospitais e nas clínicas de saúde, inacessibilidade ou acessibilidade reduzida em unidades de socorro emergencial, como o caso de ambulâncias do SAMU, falta de macas que suportem o peso, falta de profissionais para empáticos, entre outros. Por isso, em se tratando de uma visão decolonial do saber, do poder e das práticas, quando um indivíduo tem seu direito negado, todos os indivíduos minoritários, subalternos e marginalizados deveriam se movimentar em busca de modificar a realidade para o bem, o que, de fato, nem sempre acontece.

2.3 Diálogos Jurídicos sobre a gordofobia

Na atual sociedade nacional, é comum identificarmos o discurso de que “gordos são a maioria” dos indivíduos do país. De fato, esse cenário é cabível de reflexões acerca, uma vez que, ao analisarmos Wucher (2000), podemos perceber que há muitas lacunas para, de fato, identificarmos um grupo de pessoas enquanto minorias ou majorias. De fato, a pesquisa SIDRA desenvolvida pelo IBGE delinea um contexto de mulheres com 18 anos ou mais, com excesso de peso ou obesidade, entre os anos de 2013 a 2019. Abaixo, a tabela:

Figura 3 : Pessoas com 18 anos ou mais de idade com excesso de peso ou obesidade, por sexo ou grupo de idade:

Tabela 8168 - Pessoas de 18 anos ou mais de idade com excesso de peso ou obesidade, por sexo e grupo de idade	
Variável - Percentual de pessoas de 18 anos ou mais de idade com excesso de peso (%)	
Brasil	
Grupo de idade - Total	
Sexo - Mulheres	
Ano	
2013	2019
58,2	62,6
Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional de Saúde	

Fonte: IBGE- Pesquisa Nacional de Saúde – Tabela 8168

Ao longo dos anos, evidencia-se um crescimento no percentual de pessoas acima do peso, o que vai de acordo com o comentário anterior, sobre, de fato, inicialmente, entendermos os indivíduos gordos como maioria social. Porém, baseados em Wucher (2000), podemos trazer à tona as seguintes problematizações para, de maneira analítica, não há especificamente uma definição abstrata para o termo.

Cabe adicionar a esta discussão os principais pontos divergentes acerca da conceituação de um grupo minoritário, segundo Wucher (2000). São eles: A questão numérica, a questão de não-dominância e a manifestação de uma vontade implícita ou explícita de preservar as próprias características. No foco do nosso escopo, a questão numérica coloca-se como um empecilho à definição, uma vez que, segundo dados do IBGE apresentados anteriormente, os indivíduos gordos são maioria. Porém, já no campo da não-dominância, temos a visualização do grupo de mulheres gordas, seja pelo gênero, seja pela questão estética. Por último, há a manifestação explícita de preservar as próprias características.

Neste momento, note que não há, aqui, o interesse acerca de uma “romantização da obesidade¹⁰”, termo violento e muito usado para se referir às pessoas que, em suas redes sociais, enfatizam que vivem felizes “apesar” do “estado de sobrepeso¹¹”. A luta acerca de preservar as

¹⁰ Entendemos o uso de “romantização da obesidade” enquanto violento por ser utilizado como argumento por grupos interessados na perpetuação da violência e aliados à pesquisa de viés opressor.

¹¹ Utilizamos as aspas para enfatizar que essa é uma escolha lexical consciente e não diz respeito à visão da autora/da proposta dessa dissertação e sim como uma provocação à reflexão sobre a linguagem e suas formas de violência.

características engloba o fato de que, as mulheres têm, por lei constitucional, direito a ter direitos, independente do seu corpo físico.

Deste modo, baseada em Wucher (2000), podemos contemplar as mulheres gordas enquanto uma minoria, segundo a autora, “*by will*”, termo estrangeiro e sem tradução, que caracteriza o grupo que requer de “medidas especiais que lhe permitam a preservação de suas características” que “visam assegurar a pessoas pertencentes a grupos particularmente desfavorecidos uma posição idêntica a dos outros membros da sociedade, possibilitando assim uma igualdade no exercício de direitos” (Wucher, 2000, p. 54).

De fato, ao analisarmos que mulheres gordas devem ter assegurados os mesmos direitos que mulheres magras na sociedade, a gordofobia médica se constitui enquanto um empecilho para que tais indivíduos gozem de seus direitos, haja vista que tal problemática é recorrente e se apresenta como um fator limitante, haja vista a falta de acessibilidade, entre outros aspectos, envolvidos. Abordaremos, em tópico especial, ainda neste capítulo, as implicações deste problema.

Não há, nos dias atuais, uma lei no código penal que seja específica sobre casos de gordofobia. No entanto, o indivíduo gordo é respaldado a partir de algumas leis já existentes, embora levemente vagas, mas que são eficazes em se tratando de uma luta antigordofobia. Em primeiro plano, temos assegurado o direito igualitário segundo a Constituição Federal, norma desde 1988, nos termos:

Art 5º todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança, à propriedade, nos termos seguintes:

I- Homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição. (BRASIL. Constituição (1988, Art. 5º).

(BRASIL. Constituição. (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.)

Em uma sociedade perfeita e organizada, tal preceito proposto em um documento jurídico oficial seria mais que suficiente para garantir a execução dessa proposta, uma vez que deveria ser de interesse de todos serem tratados igualmente, sem prejuízos ou vantagens. O problema se dá a partir do não cumprimento da norma citada anteriormente, quando

determinados indivíduos se consideram superiores a outros indivíduos, utilizando-se do discurso para destilar ódio, preconceito e padrões não solicitados.

No setor penal, ainda não há a tipificação da gordofobia enquanto crime, porém, o fato de haver uma ofensa ou discriminação por conta do sobrepeso pode ser enquadrado como injúria, no Art. 140 do Decreto de lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940. Vejamos:

Art. 140 – Injuriar alguém, ofendendo-lhe a dignidade ou o decoro:
Pena - detenção, de um a seis meses, ou multa.

§ 3º Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião ou origem: (Incluído pela Lei nº 9.459, de 1997)(Revogado)

§ 3º Se a injúria consiste na utilização de elementos referentes a raça, cor, etnia, religião, origem ou a condição de pessoa idosa ou portadora de deficiência: (Redação dada pela Lei nº 10.741, de 2003)

Pena - reclusão de um a três anos e multa. (Incluído pela Lei nº 9.459, de 1997) (BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal.)¹²

Essa ausência de validação no setor penal corrobora com a ideia de que não é “errado” ser gordofóbico, opinião que inclusive é corriqueira, pois vale lembrar que a gordofobia é um comportamento institucionalizado há muito tempo, nas mais variadas camadas da sociedade, como família, amigos, ambiente de trabalho, entre outros e, por não estar descrito nos documentos oficiais, torna-se “nebulosa” a reflexão sobre o que é liberdade de expressão, opinião e gordofobia.

Tendo esse panorama atual em relação ao contexto jurídico brasileiro, não é de se desconfiar o quanto a luta antigordofobia é deslegitimada, invisibilizada e estigmatizada. Em uma situação de gordofobia, mesmo que haja respaldo constitucional para exigir um tratamento igualitário, sem que haja zombaria, preconceito, é muito nebuloso compreender, pelas vias judiciais, o entendimento sobre “injúria”, termo que contribuiria na categorização do crime, mas, que por ser subjetivo, pode sofrer modificações a depender de como os processos sejam apresentados e, lógico, compreendidos e julgados.

Em consulta ao site do JusBrasil¹³, há cerca de 1.300 resultados no campo de pesquisa “gordofobia”, entre processos, notícias e artigos. A difusão midiática e a ênfase no problema

¹² Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso em: 20/26/2021

¹³ Endereço eletrônico <<https://www.jusbrasil.com.br/processos/nome/28441780/gordofobia>> Acesso em: 22/10/2023

em destaque auxiliam no combate à gordofobia. Um exemplo visível de como a mobilização acerca do problema gordofobia está entrando em cena em meio ao movimento jurídico no Brasil é o caso da influenciadora digital Thaís Carla¹⁴, nome de batismo Thais Carla da Rocha dos Santos, a qual contém vinte e quatro processos ativos em diferentes tribunais de justiça, sendo estes o Tribunal de Justiça da Bahia, o Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, entre outros.

Thais Carla é uma mulher, branca, gorda, que recebeu visibilidade dançando nos palcos de emissoras como a Rede Record, SBT e Rede Globo, além de participação como dançarina no balé da cantora Anitta¹⁵. Ao fazer carreira e começar a produzir conteúdos na internet, Thais se tornou ponto de referência enquanto ativista pela despatologização do corpo gordo, haja vista que, em seus vídeos e legendas, a influencer tece provocações relacionadas ao estigma que é sinalizado às mulheres gordas. Porém, assim como recebeu apoio, as críticas, *haters* e comentários violentos surgiram, perpassando o nível de “liberdade de opinião” e chegando à categoria de crime digital.

Em entrevista concedida a um *podcast*, Thais deixa claro como age em relação aos comentários criminosos: “*eu processo muita gente, eu não dou voz, vou lá quietinha com a advogada, ganho meu dinheiro e tenho meu processo ganhado. E é sobre isso [...] eu fui a primeira no Brasil a processar por gordofobia, e que ganhou em primeira instância [...]*”¹⁶.

Muitos usuários, ao utilizarem a internet, sentem-se protegidos por estarem atrás de uma tela, muitas vezes usando perfis falsos para disseminar ódio e violência. Isso acontece porque esquecem o Marco Civil da internet, de 2014, Lei 12.965/2014, a qual regula os direitos e deveres dos internautas. Ou seja, em ambientes físicos ou digitais, há uma regulação que deve ser cumprida e esta é passível também de regimentos e de penalidades¹⁷.

¹⁴ Endereço eletrônico do perfil da influenciadora digital no *Instagram*:
<https://www.instagram.com/thaiscarla/?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igshid=OGQ5ZDe2ODk2ZA==>

¹⁵ Informações resumidas e adaptadas advindas de publicações nas redes sociais de Thais Carla no *instagram*, endereço eletrônico na nota de rodapé anterior.

¹⁶ Link da matéria < <https://contigo.uol.com.br/noticias/famosos/thais-carla-e-detonada-por-quantidade-de-processos-judiciais-por-gordofobia-se-vitimiza.phtml>> Acesso em: 20/10/2023.

¹⁷ Endereço eletrônico para denúncias de crimes cibernéticos:
<http://new.safernet.org.br/denuncie>

Visando o suleamento (Sousa Santos, 2010) de informações válidas, existe um passo a passo acerca de como proceder em situação de gordofobia, haja vista que, para que se consiga provar em trâmite jurídico, é interessante que as informações estejam de acordo.

Em primeiro lugar, é imprescindível o registro de Boletim de Ocorrência (BO), físico ou online. Em seguida, elaborar um documento único com todas as provas, sejam elas gravações, prints, conversas e, assim que obtiver tudo, leve ao Cartório e faça uma Ata Notarial. Em seguida, procurar um bom advogado e faça valer os seus direitos, afinal, mesmo não havendo uma lei específica para a problemática em questão, é importante não deslegitimar a luta. Dito isso, é importante compreender que tratamos aqui de um problema coletivo, por isso, há a necessidade de união através de grupos, fóruns, coletivos pertinentes à causa. A luta antigordofobia é um movimento social e político.

Como demonstrado neste tópico, há muito ainda o que evoluir, como por exemplo a criação e efetivação de medidas específicas para o crime de gordofobia, porém, já há mobilizações na área e há procedimentos possíveis e cabíveis em relação à esfera jurídica. A luta, de fato, é árdua, pois, é necessário um reconhecimento de que o problema existe para que, assim, ele seja entendido como o problema que é.

2.4 O Sistema Perito e a Gordofobia Médica

O discurso médico, enquanto validado e preenchido de autoridade, funciona como um *sistema perito* aos moldes do que designou Giddens (1991). Para entendermos melhor como se configura tal questão, é necessário que vislumbremos o poder implícito da confiança. Para Giddens (1991, p. 29) “A confiança está portanto envolvida de uma maneira fundamental com as instituições da modernidade”. Para Giddens (1991):

Os sistemas peritos são mecanismos de desençaixe porque, em comum com as fichas simbólicas, eles removem as relações sociais das imediações do contexto. [...] Um sistema perito desençaixa da mesma forma que uma ficha simbólica, fornecendo “garantias” de expectativas através do tempo-espaço distanciados. Este “alongamento” de sistemas sociais é conseguido por meio da natureza impessoal de textos aplicados para avaliar o conhecimento técnico e pela crítica pública (sobre a qual se baseia a produção do conhecimento técnico) usado para determinar sua forma. Para a pessoa leia, repetindo, a

confiança em sistemas peritos não depende nem de uma plena iniciação nestes procesos nem do domínio do conhecimento que eles produzem. A confiança é inevitavelmente, em parte, um artigo de “fé”. (GIDDENS, 1991, p. 30-31).

Assim, trazendo o foco para o eixo de discussão nesta dissertação, o sistema perito age, pautado na confiança, para estabelecer os meios pelos quais haverá a operação sistemática da hegemonia. Santos (2017, p. 31) evidencia a importância dos *sistemas peritos*, pois a confiança é pautada “na experiência e na tradição”, assim, discursos hegemônicos e institucionalizados são entendidos enquanto verdades absolutas, sem que haja uma incisiva análise acerca dos casos. Esse enfoque é importante e assertivo, em específico, para os casos clínicos citados nesta dissertação.

Além da confiança, Santos sustenta a importância do conceito de *Contigência* enquanto a ferramenta se entende como a qual “a credibilidade socialmente aferida pelos sistemas a partir de resultados positivos na operação dos sistemas” (SANTOS, 2017, p. 31). Ou seja, socialmente, um *sistema perito*, para se consagrar enquanto *sistema perito*, necessita da confiança de seus participantes, o que é de fato, inicialmente, não questionável, pois institucionalmente, o discurso médico já é em si respaldado por confiança, moral, respeito, validação e, por mais inadequado que a abordagem médica seja, o respaldo aos estudos da medicina quase sempre terão mais peso na visão hegemônica e colonial da sociedade, na qual entende que um médico não erraria um diagnóstico, afinal, eles sabem. Assim, todo saber médico é construído e produzido a partir do investimento do poder disciplinador e da violência institucional no “sequestro” dos corpos.

A medicina, há muito tempo, é detidora de umas das maiores formas de controle físico: o poder autoridade. Com as mudanças sociais já citadas em tópicos anteriores, não é difícil refletir como a conduta médica pode salvar vidas, afinal, todo o discurso gerado é proveniente de pesquisas, de estudos sérios e análises. Para Foucault (1979):

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política. (FOUCAULT, 1979, p. 80)

Com o avanço do capitalismo, todas as esferas da vida em sociedade foram associadas ao modelo estrutural do capital. Essa realidade “biopolítica” é entendida enquanto um método de controle das sociedades perante o corpo. O Corpo não é visto enquanto entidade livre, do

contrário, ele é visto enquanto massa de poder, ele é o que mais agrega ao capitalismo, haja vista a força de trabalho que provinha, antes da revolução técnico-científica, totalmente do corpo. Atualmente, mesmo com inúmeros avanços, ainda não há como substituir as possibilidades de trabalho que um humano pode executar, porém, com a inserção das tecnologias, o corpo ficou ainda mais em evidência e o padrão corporal foi ainda mais evidenciado enquanto necessário.

Em se tratando do conceito de medicina social, Foucault (1979, p. 97) ilustra, a partir da medicina social inglesa:

A realização de três sistemas médicos superpostos e coexistentes; uma medicina assistencial destinada aos mais pobres, uma medicina administrativa encarregada de problemas gerais como a vacinação, as epidemias, etc., e uma medicina privada que beneficiava quem tinha meios para pagá-la (FOUCAULT, 1979, p. 97).

Um fato curioso dentro dessa discussão é que, mesmo havendo três sistemas diferentes, a gordofobia transpassa todos os âmbitos, pois há relatos de gordofobia médica no eixo assistencial, administrativo e, também, casos na rede privada.

A democratização do acesso à saúde é previsto constitucionalmente e deveria ser entendido sempre enquanto um grande avanço, afinal, ao ter acesso à saúde, é possível trabalhar com uma perspectiva de prevenção, além de também cuidar das mazelas que forem diagnosticadas. Entretanto, nem sempre todos os indivíduos da sociedade encontram um ambiente médico empático e humanizado. É exemplo dessa ausência a notícia a seguir:

Notícia 1:

09/11/2012 15h34 - Atualizado em 09/11/2012 19h17

Médico é afastado após 'receitar' cadeado para mulher emagrecer

Ele escreveu 'cadialina' em papel timbrado de instituição médica em Salvador. Conselho de Medicina abriu sindicância para apurar caso.

Brenda Coelho e Ruan Melo
Do G1 BA



Fonte: G1 BA

A referida notícia demonstra um dos incontáveis casos que acontecem, diariamente, sobre a gordofobia médica, termo comumente utilizado para se referir aos atos preconceituosos que pacientes alegam terem sofridos, em consultórios médicos, devido às condições de sobrepeso e de obesidade.

O estigma sobre o corpo alheio chega aos consultórios revestido de uma problemática maior: a validação do discurso médico enquanto hegemônico (Pedrosa, 2012) e autoritário (Bajoit, 2008). Jeronimo (2018, p. 38) enfatiza que há “uma construção social negativa da obesidade”, haja vista o contínuo discurso, endossado por matérias, revistas, notícias, entre outros, de que a presença de gordura corporal é sinônimo de doenças, e validado pelas instâncias que incidem o imaginário médico.

Para Jeronimo (2018):

a obesidade não deve ser ignorada como problema de saúde [...] é interessante esse movimento de olhar para ela sob outras perspectivas dentro da sociedade que permita a reflexão do conceito construído nas ciências biomédicas que, afinal, possui atravessamentos políticos, sociais e culturas, onde se estabelecem relações de poder sobre (certos) corpos. (Jerônimo, 2018. p. 39).

São as verificações dessas relações de poder que interessarão aos pesquisadores de Análise Crítica do Discurso, haja vista a importância de entender as problemáticas vividas pelos indivíduos e o interesse de provocar uma reflexão social. De fato, em concordância à citação, muito ainda se deve em estudos sobre a obesidade, é claro, a saúde deve ser posta sempre em primeiro lugar para uma vida mais longínqua, porém, existe uma linha bem tênue entre tratamento de saúde e controle estético, ainda mais na era das intervenções cirúrgicas.

É importante perceber quais os mecanismos institucionais são acionados para legitimizar que violências simbólicas sejam profanadas sem danos aos abusadores, pautadas em discursos não legitimados, mas que foram legitimados ao longo de gerações.

A discussão acerca do gênero recai conforme observamos em Wolf (2018, p. 341) sobre a justificativa do “mito da beleza” que afirma que “a dor das mulheres em busca da beleza pode ser justificada”, assim, a legitimação da violência age enquanto norteador de comportamentos sociais, pois há a naturalização de que todas as mulheres pretendem sofrer para sucumbirem ao *status* de Mulher, deixando de fora todas as mulheres que não preenchem à obediência e o entendimento que além de saúde, ter um corpo socialmente construído como saudável é ideológico, tal qual as concessões que as mulheres devem estar dispostas a fazer para chegarem até lá

Jimenez (2020) aponta a importância do desenvolvimento de pesquisas acadêmicas brasileiras sobre o corpo gordo, como caso dos *Fat Studies*, para uma visualização da construção de conceitos médicos e epistemológicos. Tal qual aponta Jimenez (2020, p. 132) “estamos colapsando, apoiando essa ideia construída pelo discurso biomédico, que, aliás, não tem conseguido diminuir ou melhorar os índices de pessoas gordas no mundo, muito pelo contrário, como eles mesmos anunciam, a quantidade de pessoas acima do peso só tem crescido”, o que não é consequência direta de perspectivas e de achismos comuns, como desleixo, falta de amor próprio.

A própria ideia de sofrer preconceito ao buscar ajuda implica nos prejuízos futuros, uma vez que, em alguns casos, as mulheres que sofreram gordofobia médica não encontram força para continuar procurando um médico que seja atencioso, isso quando há ainda o poder de escolha. Segundo Jimenez (2020)

São inúmeros casos de mulheres que acodem em consultórios, ambulatórios com queixas de dores, manchas, ou simplesmente para ver como anda a pressão, e recebem um tratamento extremamente ofensivo, com um diagnóstico pronto de “obesidade”. Por consequência, muitas mulheres deixam de frequentar o médico ou até mesmo desenvolvem doenças não diagnosticadas, uma vez que, quando atendidas, o foco sempre recai no corpo gordo. (Jimenez, 2020, p. 146).

Tal problemática deve ser entendida enquanto um problema de saúde pública e privada, pois muitas mulheres sentem tanta vergonha das ofensas que não conseguem denunciar aos órgãos competentes, deixando assim o problema sem solução e correndo o risco de desenvolver patologias devido à falta de acessibilidade à saúde por pura gordofobia.

O estigma (Goffman, 1975) deixa de ser uma reflexão individual para torna-se um problema coletivo (gordofobia), pois os casos se repetem nos mais diferentes lugares, nas mais diferentes especialidades médicas.

Foucault (1999) enfatiza alguns “dispositivos de poderes”, instituídos enquanto regras e ideias de veracidade que funcionam enquanto mecanismos de controle. O discurso gordofóbico pode ser entendido enquanto um desses dispositivos na medida que, a partir dele, é sustentado um ideal de poder, baseado no controle dos corpos. Em uma consideração mais aprofundada, no discurso médico, tal problemática é ainda mais evidente, dado à institucionalização da gordofobia médica enquanto um disciplinador de padrões corporais, reafirmando e ressaltando o estigma corporal.

2.5 Breve panorama das pesquisas sobre gordofobia no Brasil

Tratando-se de pesquisas no ramo da Gordofobia, ainda há um longo caminho acadêmico para situar as problematizações e objetos de pesquisa que podem aflorar tendo esse tema como foco.

No Brasil, a recorrência desses estudos ainda é muito modesta, embora seja de fundamental importância o desenvolvimento de pesquisas que olhem as corporalidades gordas enquanto indivíduos “capacitados”¹⁸ e não apenas como portadores de patologias (diabetes,

¹⁸ Termo utilizado no sentido de CAPACIDADE, mérito de ser capaz de desenvolver pesquisas úteis que sirvam como fonte de combate à gordofobia.

obesidade, hipertensão, entre as mais variadas situações que são geralmente associadas aos indivíduos levando em conta apenas o seu corpo). No quadro abaixo, quantitativamente, a partir do endereço eletrônico Catálogo de Teses e de Dissertações da CAPES, até 2023, temos:

Quadro 9 – Catálogo de Teses e de Dissertações da Capes, até 2023:

Quantitativo total	46
Dissertação Mestrado	33
Tese de Doutorado	13
Instituição (Fundação Universidade Federal de Sergipe) ¹⁹	0

Fonte: Elaboração da autora, baseada em Catálogo de Teses e de Dissertações até 2013, acesso em 28/05/2023²⁰

Visando disseminar uma perspectiva de entendimento dos corpos gordos, neste momento traremos alguns exemplos, de outras áreas de pesquisa. É oportuno sinalizar que, alguns trabalhos, mesmo utilizando conceitos como “gordofobia”, são aliados aos Estudos da Obesidade, portanto, são potencialmente gordofóbicos.

A tese de Doutorado desenvolvida no Programa de Pós Graduação Estudos de Cultura Contemporânea – ECCO, da Faculdade de Artes e Comunicação, Universidade Federal do Estado de Mato Grosso – UFMT, por Maria Luisa Jimenez Jimenez, foi intitulada “lute como uma gorda: gordofobia, resistências e ativismos”. A tese parte do debate “acerca dos corpos gordos femininos, marcado pelo discurso normatizado socialmente, no qual a magreza é o cânone vigente. “Quando um corpo não está dentro desse padrão, ou seja, corpo magro, tido como belo e saudável, é estigmatizado, sendo considerado feio, mau, anormal, doente, fraco e triste, e, portanto, excluído socialmente. Esta discriminação é conhecida como gordofobia, preconceito que leva à exclusão social e nega acessibilidade às pessoas gordas. Este estigma é

¹⁹ Importante apontar para a proposta de pesquisa inédita na Universidade Federal de Sergipe (UFS).

²⁰ Disponível em: < [https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/)

estrutural e cultural, transmitido em muitos e diversos espaços e contextos sociais na sociedade contemporânea. O objetivo desta tese é, assim, desvendar o universo gordo na contemporaneidade, analisar como esses corpos são concebidos institucionalmente e como essas mulheres gordas se autopercebem, aceitam ou resistem à gordofobia. Para atingir esse objetivo, a autora utilizou autoetnografia, sociologia do cotidiano, estudos do consumo, feminismo e a netnografia.

Há também a tese de doutorado intitulada “O corpo gordo: uma cartografia do imaginário social”, da pesquisadora Patrícia Assuf Nechar, que, segundo o resumo “considerando suas múltiplas camadas, buscamos contribuir para as discussões sobre o corpo gordo a partir do desenvolvimento de uma cartografia do imaginário social. Nossa cartografia tem como base o estudo dos relatos das experiências e memórias de mulheres que vivenciaram a experiência do corpo gordo em uma sociedade onde o corpo magro é modelo ideal de saúde e beleza. A tese está em consonância com a proposta epistemológica da linha de pesquisa Processos de Criação e Comunicação na Cultura. O método de pesquisa adotado é a cartografia dos imaginários que emergem a partir das histórias de vida. A fundamentação teórica tem natureza interdisciplinar e agrega: Jung, Campbell e Whitmont, para os estudos sobre mitos e arquétipos femininos; Monteiro e Paiva, para a conceituação do feminino; Nechar, Aires e Jimenez, nos levantamentos sobre os movimentos em prol do corpo gordo; e a teoria do imaginário segundo Durand; e Leão e o método de cartografias de imaginários e histórias de vida. As análises foram realizadas a partir dos seguintes critérios: memórias da cultura familiar; adolescência; auto-percepção; body positivity e body neutrality; movimento plus size. Como resultados obtidos, foi possível perceber padrões e estruturas dominantes nas narrativas de histórias de vida e, ao mesmo tempo, as singularidades de cada uma das mulheres estudadas”.

A dissertação de mestrado é vinculada à Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no Programa de Pós-Graduação em Artes, intitulada “O corpo gordo: Diálogos poéticos em Elisa Queiroz e Fernanda Magalhães, escrita por Júlia Almeida de Melo, em 2015, que objetificou trazer uma “reflexão acerca do corpo gordo na arte contemporânea, tomando como base o projeto artístico de Elisa Queiroz e Fernanda Magalhães, pois ambas utilizam a própria imagem como ponto de partida em produções que permitem discussões entrelaçadas envolvendo arte, discursos hegemônicos, gênero e política.”

O artigo é da área das Ciências Sociais, elaborado por Valdelice Cruz da Silva Souza e Josiane Peres Gonçalves, membras do grupo de Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE), no Rio grande do Sul, intitulado “Vivências de gordofobia e discriminações de gênero entre pré-adolescentes naviraíenses” e foi publicado no “Conedu: VI Congresso Nacional da Educação”, e visou investigar as vivências de alunos préadolescentes, bem como analisar a opinião de docentes e familiares sobre a temática, analisando se o preconceito se relaciona com as questões de gênero. O referencial teórico baseiou-se em discussões sobre gordofobia e relações de gênero. A pesquisa de campo, de cunho qualitativo, realizou-se por meio de grupo focal, com cinco pré-adolescentes, gravação de entrevistas com duas professoras e uma mãe. Os resultados evidenciaram que, o corpo magro é conceituado como o modelo de perfeição e, os indivíduos que não se enquadram, independente do gênero, estão suscetíveis a marginalização, como é o caso dos pré-adolescentes que participaram da pesquisa”.

O artigo “Da patologização do corpo gordo à cirurgia bariátrica: reflexões a partir do debate sobre gordofobia”, escrito por Bárbara Mariano, em 2019, foi apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Residência do Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista. O artigo identificou nas produções acadêmicas elementos teórico-críticos do debate sobre a gordofobia no Brasil, bem como, caracterizou e sistematizou questões relativas a cirurgia bariátrica e aos serviços/profissionais de saúde. A pesquisa foi qualitativa, do tipo exploratória e descritiva, realizada a partir do levantamento de trabalhos sobre gordofobia na plataforma Catálogos de Teses e Dissertações da CAPES.

O próximo artigo é da área de saúde, publicado em 2020, com o título “Análise das diretrizes brasileiras de obesidade: patologização do corpo gordo, abordagem focada na perda de peso e gordofobia”²¹, dos escritores Marina Bastos Paim e Douglas Francisco Kovelaski, que apresenta o seguinte resumo: “Atualmente a obesidade é considerada um dos maiores desafios da saúde pública. Ela vem sendo enfrentada a partir do incentivo de mudanças comportamentais individuais, exaltando a perda de peso como forma inquestionável de garantir saúde. Tendo em vista este contexto e a importância das *Diretrizes brasileiras de obesidade* sobre o campo da obesidade, sua influência sobre a prática profissional, o tipo de

²¹ Um trabalho aliado aos Estudos da Obesidade e não à Pesquisa Gorda.

tratamento incentivado e o processo decisório em relação aos corpos gordos, foi realizada uma análise deste documento, associada à emergente discussão de como o discurso da saúde justifica e reproduz a gordofobia da sociedade. A análise se deu primeiramente em relação à patologização do corpo gordo e como isto é acompanhado de uma valorização do corpo magro. Em seguida, discute-se a abordagem normativa do peso, que propõe intervenções individuais sempre focadas na perda de peso. Pode-se notar que o discurso presente nas Diretrizes reforça a saúde inerente dos corpos magros, reproduz estereótipos relacionados ao corpo gordo e relaciona diretamente quilos perdidos com melhor nível de saúde.”

O último artigo é no ramo da Psicologia, intitulado “Discriminação baseada no peso: representações sociais de internautas sobre a gordofobia”, na revista *Psicologia em Estudo*, vol. 23, pp. 1-17, 2018, pela Universidade Estadual de Maringá. Na pesquisa, objetivou-se conhecer as representações sociais da gordofobia elaboradas por usuários de internet. Realizou-se uma pesquisa documental com base na seleção de comentários de internautas frente a uma matéria sobre gordofobia veiculada pela revista *Superinteressante*. “As opiniões selecionadas constituíram um *corpus* textual que foi submetido à análise lexical pelo IRAMUTEQ, desdobrando cinco classes temáticas: (i) "A saúde como discurso justificador da discriminação", (ii) "Gordo versus Magro: instituindo diferenças", (iii) "Emagrecimento: reforço versus desconstrução do padrão", (iv) "Gordofobia: invenção ou realidade?" e (v) "Gordofobia e a (in)adequabilidade de ações afirmativas".

Como exposto, diversas áreas já abordam, a partir de suas investigações e metodologias, a crescente preocupação com a estigmatização de corpos gordos, que precisam ser validados e estudados para além de casos clínicos, de possíveis doenças e muitas exceções.

Jimenez (2020, p. 12) discorre acerca da importância da internet no centro do Ativismo Antigordofobia, pois a internet, com suas tendências hipertextuais e dinâmicas, “interliga projetos na rede dentro da pauta gorda, e o ciberespaço acaba por mediar a aceitação do próprio corpo e a despatologização daquele que não se considera enquanto normal em nossa sociedade”. Dessa forma, a disseminação de informações e de publicações nas redes é, potencialmente, um bem em prol de se amenizar tais problemáticas.

Fechando o capítulo

Nesse itinerário teórico, foram visitados às teorias de cunho social que nortearam nossas reflexões sobre corpo e gordofobia.

No próximo capítulo, o percurso metodológico será apresentado.

3- CAPÍTULO METODOLÓGICO

Neste capítulo, apresentaremos os caminhos seguidos na pesquisa, os caminhos que levaram a escolha do objeto de estudo, bem como o lugar onde esta está assentada cientificamente. Deste modo, dividimos o capítulo nos seguintes tópicos: Justificativa; Abordagem da pesquisa; Geração de dados; Percuso das análises e Fechando o capítulo.

3.1- Justificativa

A proposta desta pesquisa é condicionada ao nosso primeiro contato com a Análise Crítica do Discurso (ACD), em um projeto de iniciação científica, em 2017, vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que elucidou o debate sobre questões referentes aos discursos de cotistas da UFS, incluindo discussões acerca dos impactos de natureza discursiva e social que são evidenciados pelos discursos de sujeitos/atores sociais beneficiados e não beneficiados pelas políticas afirmativas instituídas pela Lei 12.711/2012.

Dessa maneira, o projeto de iniciação científica nos possibilitou conhecer o método de análise em ACD através de Fairclough (2008) e da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), vinculados à Pedrosa (2012), e a utilização das vias de transitividade, advindas da Gramática Sistêmico funcional, enquanto norteadores de materialidade linguística Halliday (1985). Uma grande contribuição acerca desse estudo de iniciação científica foi concretizada em 2020, com a publicação de um capítulo intitulado “Análise crítica do discurso: cotas e representações pela transitividade” no livro “*Pesquisa em linguística: abordagens contemporâneas*”, pela editora Criação, em parceria com a Profª Drª Taysa Mércia dos Santos Souza Damaceno, orientadora da Iniciação Científica.

Além deste momento, a partir da disciplina de Análise do discurso II, na graduação, o interesse pela área de pesquisa foi ampliado, pois, durante as aulas, debates foram

desenvolvidos, aprofundamento teórico, estudos de métodos de pesquisa e de análise, assim, resultando em um estudo piloto sobre o tema em discussão neste trabalho de dissertação.

A motivação inicial para o desenvolvimento deste trabalho se deu a partir de várias experiências de gordofobia médica sofridas pela autora desta dissertação ao longo de sua vida. Após tais incidentes, com o avanço da distribuição da internet e entendendo as redes sociais como um espaço de apoio e de visibilidade, a pesquisadora encontrou, no *Twitter*, a *hashtag* “#gordofobiamedica” que apresenta, expõe e discute, desde 2018, inúmeros relatos sobre situações particulares nas quais mulheres sofreram violência verbal em consultórios médicos por estarem acima do peso, mesmo sem uma análise clínica (como resultados de exames ou testes médicos para validar tais abusos). A violência sofrida por essas mulheres parte de um discurso camuflado de autoridade (discurso médico) e enraizado pela hegemonia que a classe médica retém em detrimento das pessoas que os procuram para verificar seus status de saúde.

Entendemos que a prática de gordofobia silencia vozes e corpos gordos de pertencerem à sociedade, enquanto a gordofobia médica, como um retrocesso adicional, além de negar o acesso à saúde, cristaliza estereótipos sociais e assola um grande quantitativo de pessoas. Em adição a isso, segundo o IBGE, em 2019, cerca de 60% das mulheres brasileiras sofrem com o sobrepeso²², mas, também é importante questionar se apenas tal informação é suficiente para deduzir, sem mais pesquisas ou investigações, que esse mesmo quantitativo equivale a pessoas com comorbidades advindas e restritamente resultantes do seu status de peso ou sintoma de gordura.

Esta pesquisa contém engajamento social, uma vez que o tema gordofobia médica é uma realidade presente (infelizmente) nas redes sociais, marcando a violência com a qual determinados pacientes são tratados por seus médicos, contrariando os postulados da Constituição Federal, Art. 14, no qual apresenta a igualdade entre todos os indivíduos e salienta que não deve acontecer discriminações de quaisquer natureza, e o Art. 5, que garante o acesso à saúde, além disso, é importante frisar o ineditismo acerca do estudo sobre a gordofobia médica

²² Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29204-um-em-cada-quatro-adultos-do-pais-estava-obeso-em2019#:~:text=Em%202019%2C%20a%20obesidade%20atingia,com%2060%20anos%20ou%20mais>. Acesso em: 27/09/2021

na área da linguagem, em especial na linha da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD).

Enquanto mulher, gorda, que buscou atendimento médico e sofreu gordofobia inúmeras vezes, vejo-me enquanto uma vítima que, na época, pouco podia fazer para buscar justiça sobre minhas situações de angústia e de humilhação, já enquanto pesquisadora. vejo-me como uma possibilidade de contribuir tanto para os estudos linguísticos quanto para as pesquisas sociológicas pautadas no Ativismo Gordo, que embora recente nos seus preceitos, visa à despatologização do corpo gordo e compreende que, independente do formato corporal, peso, estilo, todas as pessoas merecem ter, de forma garantida, o direito à saúde sem preconceitos e com disponibilidade de exames clínicos, não apenas uma avaliação baseada no estigma social. Assim sendo, é de suma importância analisar os discursos provenientes dessas situações de violência.

Por isso, entendendo que a ACD busca analisar situações de dominação, de discriminação e de (abuso de) poder e controle, na forma como elas se manifestam por meio da linguagem (WODAK, 2003), a justificativa para esta pesquisa alia-se no âmbito de buscar dar visibilidade a um coletivo de mulheres que são diariamente humilhadas, invisibilizadas e estigmatizadas por suas características físicas, deixando de lado todo um processo avaliativo de diagnóstico e de respeito por parte dos médicos para com seus pacientes e deixando inúmeros traumas relacionados à saúde, estética ou à forma como as pessoas pretendem viver.

É sabido que a gordofobia, enquanto preconceito estrutural das sociedades pós-modernas, acontece em todos os aspectos contextuais de vida em sociedade, mas, para o esboço desse projeto, o recorte planejado será o de gordofobia na saúde pública e particular. Para dar conta das análises, haverá um recorte de gênero, assim, contemplaremos o gênero feminino, podendo ser mulheres cis ou trans, uma vez que a pesquisa não leva o foco a questões biológicas e sim identitárias.

3.2- Abordagem da pesquisa

A abordagem teórica deste trabalho está dentro dos estudos linguísticos, amparado na contribuição teórico-metodológica da ACD (Análise Crítica do Discurso) e, através de sua corrente ASCD, Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, abordagem brasileira e cunhada pela Prof^ª Dr^ª Cleide Emilia Faye Pedrosa, na qual desempenha, desde 2012, trabalhos voltados às situações comunicacionais que representam disvelamentos de poder. Além disso, nos estudos sobre gordofobia, utilizaremos a transdisciplinaridade ao nosso favor a partir da Sociologia para Mudança Social e Estudos Culturais, compactuando com Jimenez (2020), Bajoit (2008).

Os principais enfoques das pesquisas em Análise Crítica do Discurso dão conta de entender, analisar e trazer protagonismo às questões de racismo, sexismo, entre outros embates, dentre os quais, em pesquisas mais recentes no Brasil, podemos vislumbrar estudos sobre identidades e sujeitos surdos, discursos de ódio contra professores, tipos de poder, além do estudo de fobias, como a velhofobia e a gordofobia, estudos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa ao qual fazemos parte.

Esse trabalho alia-se aos estudos qualitativos, pois, segundo Severino (2017, p. 89), é uma abordagem de pesquisa que examina aspectos subjetivos de fenômenos sociais e do comportamento humano, e tem base no caráter subjetivo, usando narrativas escritas ou faladas. Os elementos de uma pesquisa qualitativa são fenômenos que acontecem em determinado tempo, local e cultura, uma vez que apresenta o seu foco em textos e discursos. Segundo Magalhães (2017), trata-se de um método que conjuga o estudo textual-discursivo à crítica social. Nesse âmbito, existe a problematização dos problemas ocorridos como uma forma de trazer reflexões sobre a temática. Além de qualitativa, a pesquisa é interpretativista, uma vez que, somente a partir da geração de dados, é possível desenvolver uma análise ética e pautada nos aportes teóricos e metodológicos propostos.

Nesse íterim, compactua com a linha de pesquisa “Linguagem: Identidades e práticas sociais”, dentro dos Estudos Linguísticos do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL-UFS), uma vez que entende enquanto premissa que a produção de linguagens significa lançar sentidos num diálogo entre os fenômenos linguísticos e os processos sócio-históricos.

Utilizando e adaptando o quadro “Etapas de Decisão”, elaborado por Cunha (2021, p. 51), delimitamos, a seguir, o caráter das decisões visando uma pesquisa propositiva, instruída e reflexiva:

Quadro 10 – Etapas de Decisão

Propostas de trabalho		
1ª Passo: Produzir reflexões preliminares		
	Explicações	Aplicação na dissertação
1. Decidir sobre a escolha de fazer uma pesquisa crítica.	Anseio de contribuir com uma questão social, a fim de superá-la.	Entender que existem diversos preconceitos a respeito das pessoas gordas.
2. Definir um problema social a ser investigado que tenha algum aspecto semiótico no centro da discussão.	Um problema social com preocupação linguística. Problemas reais, sérios, que afetam e ameaçam o bem-estar das pessoas, em que a linguagem é central.	Compreender que a gordofobia médica é um problema no qual a linguagem tem papel fundamental para a materialização das violências verbais.
3. Compreender a conjuntura engendada no problema social em estudo.	Entender as facetas do problema. Pensar quais as causas e o melhor método de pesquisa.	Entender as estruturas de dominação e a cultura da magreza como causadores da gordofobia, optando pelo método de pesquisa qualitativo-interpretativista.
4. Formular hipóteses e inquietações	Questões motivadoras da pesquisa.	Buscaremos responder à questão: “Como se dá a representação identitária em twetts de mulheres que sofreram gordofobia médica ?
5. Traçar objetivos de pesquisa	Objetivos gerais e específicos.	Serão desenvolvidos mais adiante, ainda neste capítulo.
2ª Passo: pré-análise		
6. Definir estratégias	Construção de um recorte de pesquisa.	Identificação de um <i>corpus</i> capaz de solucionar os problemas de acordo com os objetivos específicos.
7. Identificar interfaces	Quais conceitos serão trabalhados ou campos de atuação.	Transdisciplinaridade entre Análise Crítica do Discurso (ACD), Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e Estudos Culturais (EC).
8. Selecionar categorias	Categorias de análise gramaticais e discursivas, mais recorrentes e regulares, ressaltadas no conjunto do texto observado a fim de compreender	Serão desenvolvidos mais adiante, ainda neste capítulo.

	as questões discursiva e social estudadas.	
3ª Passo: análise		
9. Identificar os sentidos às questões sociais	Aspectos vinculados às práticas discursivas e sociais.	Exposto no capítulo de análise.
10. Articular a discursividade à sua materialidade	Apresentar dados linguísticos que justifiquem o posicionamento quanto às análises sociais.	Exposto no capítulo de análise.
11. Estabelecer diálogos	Diálogo entre análise dos dados com os conceitos trabalhados no aporte teórico da pesquisa.	Exposto no capítulo de análise.
4ª Passo: pós-análise		
12. Reflexão final sobre o trabalho	Uma forma de lançar um novo olhar sobre o problema social.	Exposto no capítulo de análise e na conclusão desta dissertação.

Fonte: Elaborado pela autora, baseado em Cunha (2021).

É conveniente salientar que, segundo Cunha (2021, p. 54) “cada pesquisa possui uma realidade. Embora o quadro possa servir como orientação, isso não quer dizer que todas as análises terão os mesmos passos de modo rígido e imaleável”, sendo assim, imprescindível o completo entendimento do *corpus* para que as etapas de decisão de um trabalho nessa conjuntura seja elencado de modo conciso e eficaz, ou seja, de um modo que atenda ao objeto de investigação.

Dentro do enfoque sociológico e dos Estudos Culturais, pesquisas voltadas a diversos aspectos sobre violências a grupos sociais minoritários estão no seu estopim. Segundo Wuch (2000), uma minoria não necessariamente é conceituada como um grupo característico com menos participantes, pois a conceituação perpassa outros critérios avaliativos que foram amplamente discutidos ao longo de décadas, visando uma chamada “definição universal”, embora esta proposta tenha sido entendida como ineficaz, uma vez que minorias podem apresentar diferentes estruturas que fundamentalizem tal como qual, como a vulnerabilidade do grupo em questão.

É nesse ponto que podemos encaixar a questão da gordofobia, mesmo, segundo dados do CNPQ 2019, o número de pessoas adultas com sobrepeso no Brasil está na média de 60%, o que em suposição os colocaria enquanto uma maioria. Porém, é possível considerar enquanto minoria, uma vez que esses indivíduos são duramente criticados em vários aspectos de suas vidas, além disso, não detém poder para mudar a forma genérica como são vistos, um outro critério importante de se refletir na questão sobre minoria.

As mulheres em especial acabam sofrendo ainda mais discriminação, desde o gênero à estética. O patriarcado amarras nas quais as corporaneidades perdem a legitimidade sobre os próprios corpos, o que é de fato lamentável, pois mesmo existindo um amparo legal, garantido pela Constituição Federal, os direitos de pessoas gordas não são implementados de modo eficaz.

Enquanto sujeitos gordos, algumas vivências são compartilháveis entre a comunidade gorda, uma vez que as mazelas desenvolvidas ao longo da formação ideológica sobre o que é belo e o que é feio, e os discursos hegemônicos ecoam há muito tempo nas sociedades contemporâneas. Numa perspectiva sócio-histórica, nos feudos, as mulheres gordas eram vistas como símbolos de riqueza, visto que os alimentos eram escassos, então, quem apresentava corpo mais volumoso, testificavam, também, que detinham riquezas. Com a expansão marítima e as revoluções industriais, o papel da mulher na sociedade apresentou mudanças e, com o desenvolvimento e a ampliação de uma cultura colonial e machista, a cultura da magreza passou a assolar toda uma coletividade, moldando questões relacionadas à alimentação, moda e estilo, como podemos ver no trecho abaixo:

“as dietas e a magreza começaram a ser preocupações femininas quando as mulheres ocidentais receberam o direito do voto em torno de 1920. Entre 1918 e 1925, "a rapidez com a qual a nova forma linear substituiu a forma mais cheia de curvas é surpreendente". Na regressão dos anos 50, por pouco tempo as formas cheias naturais à mulher puderam ser apreciadas mais uma vez, porque as mentes dessas mulheres estavam ocupadas na reclusão doméstica. No entanto, quando as mulheres invadiram em massa as esferas masculinas, esse prazer teve de ser sufocado por um urgente dispositivo social que transformaria os corpos femininos nas prisões que seus lares já não eram mais.” (WOOLF, Naomi, O mito da beleza. 2018, p. 120).

Neste íterim, é possível verificar a mudança temporal entre o paradigma a respeito do corpo feminino enquanto sua “eficácia” em suas funções desempenhadas. Ao entrar para o mercado de trabalho, as mulheres precisam desenvolver habilidades além do eixo profissional, visto que a beleza poderia (como veio) se tornar um critério para admissão ou demissão em determinadas empresas, criando ainda mais estereótipos acerca do corpo ideal feminino, mesmo que tal debate nunca tenha atravessado para uma questão sobre saúde e as problemáticas sobre dietas restritivas, o foco era realmente adequar o novo padrão de mulher para um novo lugar e novas funções. Wolf (2018, p. 29) problematiza o ideal de beleza feminina enquanto uma “Mulher Ideal Platônica”, uma vez que tal padronização é impossível e, neste “campeonato” rumo à beleza, o que não age de acordo com o que se espera, é violentado e julgado.

As pessoas com ações conexas à gordofobia têm um comportamento de julgamento em relação às pessoas gordas, criticando-as, ridicularizando-as e fazendo com que se sintam anormais. O discurso gordofóbico permeia os mais diversos veículos de comunicação em massa, além de redes sociais, grupos sociais, sejam minorias ou majorias, pois trata-se de um discurso hegemônico, estrutural das sociedades pós-modernas, que precisa ser problematizado, visando uma mudança social. Por se tratar de comportamentos muito sutis e categoricamente construídos historicamente, é possível compreender que a gordofobia está intrinsecamente presente nas relações entre indivíduos em coletividade. É interessante notar que

É perfeitamente possível ser gordo e saudável. Assim como é possível ser baixo e saudável. Criou-se uma espécie de superstição em torno da gordura. Se você é gordo nunca se casará, nunca terá um emprego, nunca terá uma vida sexual satisfatória. Frequentemente os gordos adoecem não por causa da gordura, mas sim pelo stress, pela opressão a que são submetidos. Ninguém assume que está incomodado com a gordura, dizem que estão preocupados com nossa saúde (WANN, 1999, p. 14).

De tal modo, esta violência se constitui enquanto manutenção do regime patriarcal, que visa aprisionar mulheres e condicioná-las em todos os aspectos de suas vidas, no qual o sistema hierárquico das relações de poder estão alinhados ao pensamento de herança colonial, quando as mulheres não podiam decidir, nem mesmo refletir acerca de como poderiam viver em melhores condições, dentro de um sistema de desigualdade, que “limita seus participantes em estruturas fixas e não permite uma ascensão de classe ou de pertencimento ao sistema” (BOAVENTURA, 2018).

A gordofobia médica sempre esteve presente em diversos consultórios, muitas vezes apropriadas do poder-autoridade (BAJOIT, 2008), por isso, na maioria das vezes, as vítimas são silenciadas, pois o que há, numa perspectiva geral e até mesmo de senso comum, é o entendimento de que o indivíduo que nesta situação desempenha a função de médico, é detentor do saber e suas propostas\métodos são inquestionáveis.

3.3 Objetivos da Pesquisa

Utilizaremos a #gordofobiamédica, entre os anos de 2018 a 2023, filtrando participantes que se identifiquem com o gênero feminino (cis ou trans) para relatar suas

experiências, uma vez que todos estariam no mesmo momento de prática social, ou seja, twitando após sofrer uma violência verbal. Dessa forma, o momento textual não é puramente livre, pois responde às relações de poder e às restrições do sistema no qual estão inseridos, todavia, é ainda capaz de provocar transformações nas estruturas semióticas e sociais visíveis. Assim, é imprescindível investigar como estão materializados linguisticamente e são entendidos sociodiscursivamente.

Entendendo a importância da despatologização do corpo gordo enquanto norteadora de opiniões e disseminadora de conhecimento, buscaremos responder a pergunta: “Como se dá no *Twitter* e no *Instagram* a representação identitária de mulheres que sofreram gordofobia médica ?

3.3.1 Objetivo geral

A delimitação do objetivo geral deste trabalho visa compreender, com base na Análise Crítica do Discurso, ancorados na Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, como se configura a violência em mulheres vítimas de Gordofobia Médica estabelecidas em relatos a partir da rede social *Twitter* e *Instagram*.

3.3.2 Objetivos específicos

- Identificar linguisticamente, através da ASCD, como estão as representações que denotam gordofobia médica;
- Demonstrar, a partir da análise linguística do objetivo anterior, como estão construídas discursivamente as escolhas lexicais das mulheres que relataram o problema;
- Reconhecer como as subjetividades se configuraram nas análises, instanciadas pelo estigma social construído através das relações de poder;
- Contribuir, no Brasil, para os estudos em Ativismo Gordo, Pesquisa Gorda e em ASCD através de uma pesquisa com recorte analítico inédito.

Ao lutar por uma medicina que despatologize o corpo gordo, abre-se o diálogo e o acesso médico às pessoas gordas que são metabolicamente saudáveis ou as que até não sabem de suas condições, mas mesmo assim são silenciadas e entendem que o discurso médico,

enquanto um discurso-autoridade, não é visto como um discurso aberto a erros e generalizações que uma profissão humana é. Dessa forma, entendemos que os indivíduos, no caso desta pesquisa – as mulheres - independente dos seus atributos corporais, merecem ter seus direitos constitucionais validados, além de, a partir da linguagem, ter o seu protagonismo e acessibilidade garantidos.

3.4- Geração de Dados

O *corpus* contemplará vinte relatos de mulheres que utilizaram as redes sociais Twitter e *Instagram* para denunciar situações de gordofobia médica através da *hashtag* #gordofobiamedica, uma vez que possibilita a filtragem e a ancoragem de tweets e de publicações pertencentes a um mesmo assunto central.

A nomenclatura “*tweet*” é dada ao tipo de comunicação rápida dentro de um contexto específico de uma rede social, o *Twitter*. Nele, os usuários podem tecer comentários, relatos e publicações em geral, limitados a duzentos e oitenta caracteres por postagem. Essa estrutura possibilita que as materializações realizadas busquem apresentar o conteúdo da forma mais sintética e clara possível. Para isso, é importante ter em mente que muitos usuários fazem o uso de abreviações, gírias e estruturas lexicais típicas do meio virtual, uma vez que a linguagem precisa estar construída de forma adequada ao ambiente. Em Telles (2010, p. 59) encontramos uma proposta de compreensão sobre a origem do nome da rede social, o qual é “inspirado em um pássaro que, para manter os outros pássaros informados do que está fazendo e onde está, emite um sinal periodicamente em trinado estridente”, o que justifica as escolhas comunicativas dentro da rede social.

Ao observarmos desde sua origem, em 2006, a rede social acompanhou diversos avanços tecnológicos e tornou-se acessível às pessoas que possuem smartphones e computadores, tendo a ideia inicial, com o nome da rede social, em inglês, que significa gorjear ou “uma breve e inconsequente explosão de informações”.

Assim, vê-se que o usuário da rede social está “piando” pela internet. É conveniente pontuar que um pesquisador pode pesquisar *tweets* mesmo sem uma conta na rede social, uma

vez que as publicações, após postadas, são visíveis a todos que tiverem interesse, entretanto, só há a oportunidade de escrever um *tweet* caso o indivíduo possua uma conta pessoal na rede social, que envolve a escolha de um nome para o usuário, relatar a idade e outras informações. Após tais procedimentos, o usuário pode interagir com quaisquer assuntos na plataforma, podendo utilizar textos, anexar fotos e vídeos.

De toda forma, a escrita do *tweet* ainda é uma das principais formas de comunicação e possui um layout específico: Todo material postado apresenta o nome do usuário, a data da publicação e o quantitativo de curtidas e de comentários.

Esses *tweets* são de natureza espontânea, motivados por um assunto do momento ou pelo uso das *hashtags*, também conhecidas como cerquilhas ou jogo da velha, simbolizadas pelo “#”. Elas servem para agrupar em uma só página tudo que for relacionado a determinados tópicos específicos, como no caso da gordofobia médica (#gordofobiamedica), que surgiu em 27 de junho de 2018, a partir da iniciativa da jornalista Flávia Durante, militante pela autoaceitação e contra a discriminação de corpos gordos (CLÁUDIA ONLINE, 2018). Convém sinalizar que o uso da *hashtag* e suas funções foram agregadas a outras redes sociais, como o Instagram, o Facebook e o Tiktok, mas, neste recorte, contemplaremos apenas a *hashtag* utilizada no *Twitter*.

É interessante destacar, também, que os relatos serão transcritos, respeitando a pontuação e ortografia original, e não identicando as vítimas, que terão seus nomes de usuários substituídos pelos prefixos “Relato 01, Relato 02” etc, dessa forma não havendo necessidade de submeter o projeto ao comitê de ética da Universidade Federal de Sergipe, uma vez que tais nomes podem ser verdadeiros ou fictícios e trabalharemos com os sujeitos discursivos que relataram na internet uma situação. Além disso, as materialidades selecionadas são advindas de perfis abertos ao público.

Não há marcações quanto ao nível de escolaridade, classe econômica, cor da pele, entre outros meios que poderiam servir para categorizar os tipos de relatos, logo, os relatos foram agrupados de forma aleatória, sem ordem específica. Por uma questão de recorte identitário e sabendo que a pressão estética permeia as mulheres desde a pré-adolescência, principalmente devido às orientações acerca da menstruação, questionamentos sobre o corpo, consideramos uma faixa etária entre 12 e 60 anos.

É importante destacar que a gordofobia médica pode ser visualizada em relatos dos mais variados casos, assim, é sabido que as especialidades médicas são inúmeras, mesmo havendo uma grande demanda de denúncias contra ginecologistas e obstetras, o que é curioso, pois, dada a especialidade, o *hall* dos problemas que podem estar relacionados ao sobrepeso dos pacientes é mínimo, visto que, segundo Fiorelli (2017), os seis principais problemas ginecológicos no Brasil são: cistos de ovário, endometriose, mioma uterino, corrimento vaginal e *ist's* (infecções sexualmente transmissíveis), anticoncepção não recomendada por médico ginecologista, prolapso genital e incontinência urinária, todos estes problemas podem assolar tanto pessoas magras como pessoas gordas, logo, o estilo e forma corporal não deveriam ser, necessariamente, uma causa ou uma justificativa.

Assim, o *corpus* deste trabalho originou-se de cem *tweets* listados a partir do uso da *hashtag*. Porém, como são interligados por meio da temática, esses *tweets* se subdividem em respostas relacionadas, em confrontos com usuários da rede que não concordavam com o que estava sendo exposto. Após uma pré-análise dos relatos, houve o recorte acerca do gênero das vítimas, destacando os relatos que partiam de mulheres desde que a *hashtag* foi utilizada pela primeira vez, nisso resultando em 10 relatos transcritos, de forma a preservar os nomes dos usuários responsáveis pelas postagens.

Já na rede social *Instagram*, utilizamos o filtro de publicações a partir do uso da *#gordofobiamédica*, em seus *posts*. A seguir, é possível visualizar como estão subdivididos as publicações que utilizam da *hashtag* (com suas diferenças lexicais):

Figura: Resultados da pesquisa no *Explorer* do *Instagram*



Figura: Pesquisa – explorar – tags do *Instagram* – *Instagram From Meta*²³

Por isso, dentre todas as publicações que utilizaram a *hashtag*, filtramos por temática e relevância para o público alvo, indicadas pelos números de likes, e chegamos ao total de sete publicações selecionadas²⁴ para que houvesse o levantamento dos comentários. Isso posto, foram vislumbrados dez comentários, às vistas de uma simetria entre as redes coais *Twitter* e *Instagram* para serem transcritos e analisados nessa dissertação.

Com a junção das duas redes sociais, o número de relatos analíticos é de 20 relatos, que estão organizados a partir das categorias Maternidade, Infância e Vida.

3.5- Categorias De Análises

Dentro dos estudos em Linguística Aplicada, a metodologia desta dissertação está ancorada na Análise Crítica do Discurso, em especial na ASCD, Estudos Culturais (EC) e na Linguística Sistêmico-funcional (LSF).

²³ Disponível em: <https://www.instagram.com/explore/tags/gordofobiam%C3%A9dica/> Acesso em: 27/02/2023

²⁴ A lista está nos anexos.

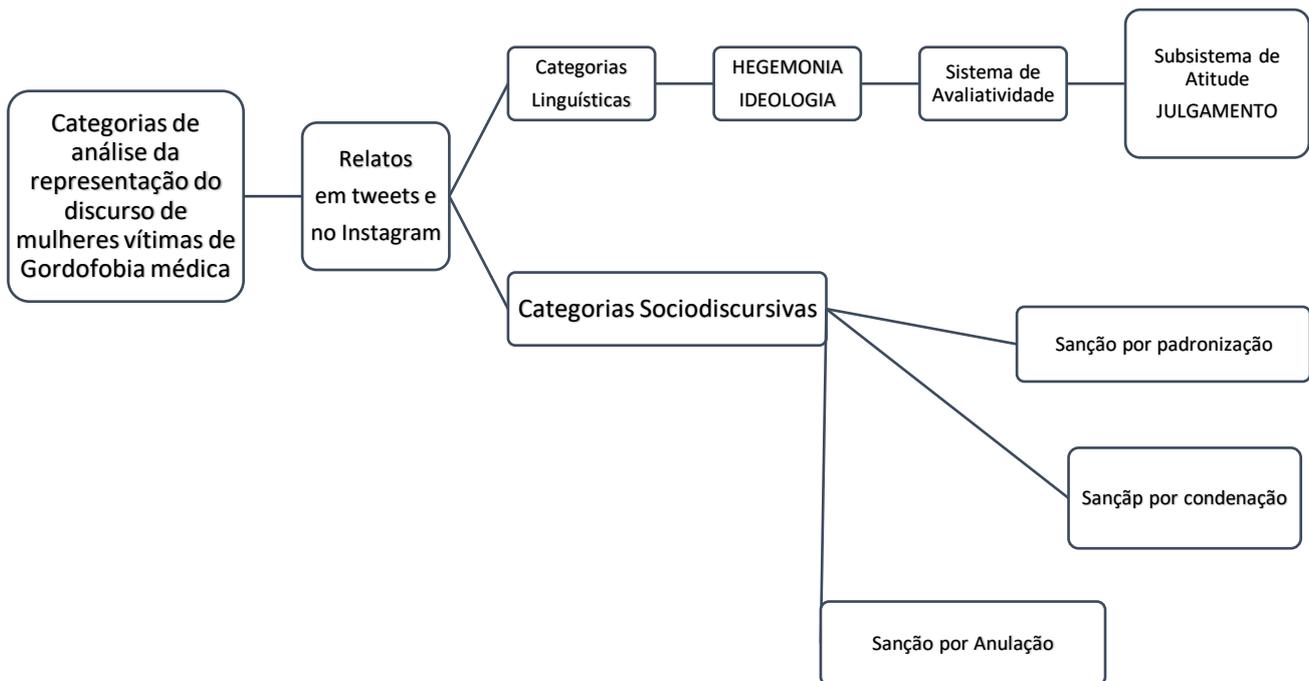
No bojo da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, o foco estará nas bases teóricas, em especial, no conceito de poder-hegemonia, uma adaptação de uma categoria da Sociologia para Mudança Social, além das relações de poder exercidas a partir da linguagem.

Nos estudos a partir da Sociologia do Corpo, vislumbrado por meio de Breton (1953), entenderemos a análise voltada ao corpo feminino, suas corporalidades e como estas são utilizadas de instrumento de patologização. Além disso, conceitos como “pressão estética” e “crises identitárias” serão cruciais para a dissertação. Agregaremos o conceito de “patologia” à discussão para entender como se dá esse processo de “endoçamento” nos consultórios. Além disso, utilizaremos o Feminismo de terceira onda²⁵ enquanto corrente que fundamenta e destaca o papel que o gênero exerce à vista da manutenção e da preservação da violência, a partir de Judith Butler (2021). Em comcomitância, basearemos nossas reflexões em JIMENEZ (2020) e suas contribuições teóricas nos Estudos Gordos.

Por último, utilizaremos a Linguística Sistêmico Funcional, em especial o Sistema de Avaliatividade, de forma a contemplar os Subsistemas de Atitude (afeto, julgamento e apreciação), que nos permitirá investigar a materialidade linguística do discurso que compõem o *corpus*. Mediante o exposto, há a seguir um esquema sintético dos elementos necessários a esta pesquisa.

²⁵ Rever Itinerário teórico II.

Figura 4: Esquema das categorias de análise.



Fonte: a autora.

De acordo com o esquema, cada uma das categorias citadas buscam responder os questionamentos suscitados pelos tweets das mulheres vítimas de gordofobia. Na análise, partiremos das categorias linguísticas, por meio do sistema de avaliatividade, às categorias sociodiscursivas, através dos tipos de sujeito e identidades, e das relações de poder destes sujeitos, na tentativa de visualizar a representação de mulheres vítimas de gordofobia médica.

3.6 Fechando o Capítulo

Este capítulo apresentou como objetivo o percurso metodológico assumido neste pesquisa, justificando o que e como pretendemos desenvolver essa dissertação. O capítulo iniciou-se com a justificativa de pesquisa, seguido da explicação sobre sua abordagem, na qual pudemos vislumbrar a problematização da pesquisa, seu objeto e especificidades.

Em seguida, o percurso de análise buscou demonstrar como se fará o esquema de cada uma das categorias elencadas na tentativa de responder os questionamentos suscitados pelos relatos de mulheres vítimas de gordofobia médica.

4. ANÁLISES: da emergência à insurgência

Neste capítulo, consideramos uma articulação entre as categorias sociodiscursivas e os itinerários teóricos mobilizados, apoiando-se na Linguística Sistêmico-Funcional como subsídio para as análises linguísticas, partindo do Subsistema de Avaliatividade, no eixo macro, e dos seu subsistema de Atitude, com visão teórica específica que foi mobilizada pela característica transdisciplinar dos estudos em ACD.

É possível perceber que todos os posicionamentos advindo do discurso médico são formas de negação. Nega-se o que se entende por mulher, nega-se o como viver, nega-se o como procurar ajuda, nega-se o acesso a uma saúde de qualidade, assim como acesso aos ambientes que podem, potencialmente, possibilitar uma qualidade melhor qualidade de vida, no gozo de seus plenos direitos civis e garantidos²⁶ pela Constituição. Questiona-se sobre o quão mulher essa mulher, é, de fato, mulher. Assim, a violência está organizada por sanção social²⁷.

De tal modo, o subsistema de Julgamento dará conta de apontar a materialidade violenta que dispõe o *corpus* em evidência. As sanções sociais, como já dito anteriormente no itinerário teórico I, baseiam-se na quebra da “regra padrão”²⁸ que é institucionalizada e assim, molda as práticas sociais. Assim, corpos gordos podem ser considerados moralmente enquanto inadequados, haja vista o não cumprimento desse tipo de “acordo” social, no qual considera-se apenas alguns tipos de corpo moralmente adequados, enquanto outros sofrerão as

²⁶ Há de se refletir acerca de quem lucra com a ausência da efetivação de direitos dessas mulheres gordas.

²⁷ Regras para a vida em sociedade.

²⁸ (Vian Jr, 2010, p. 106).

consequências por suas “inadequações”. As categorias são: Sanção por padronização, com 9 relatos; Sanção por condenação, com 6 relatos e sanção por anulação, com 5 relatos.

A seguir, constam as análises textualmente orientadas a partir do *corpus* coletado.

4.1 Sanção por anulação

“Não se nasce mulher. Torna-se mulher”²⁹. A referida frase de Simone de Beauvoir aborda a reflexão de que, ao nascermos, os contextos de vivência são determinantes para a construção ética do indivíduo. Que mulher é essa que “se torna”, abre-se os questionamentos. “Quem ensina o que se tornar a essa mulher”, entre outras reflexões. Nos relatos a seguir, há a idealização do maternar, porém, este é anulado em seu momento mais precoce devido à anulação do querer e do ser. Nesse enfoque, é como se as mulheres gordas não pudessem maternar, afinal, que maternidade é essa, feita por esse tipo de mulher que foge do que é visto como padrão?

- (01) “*Eu na minha primeira consulta com a obstetra na minha primeira gravidez ouvi que se engordasse mais de 06 quilos ela não me operaria. Que eu já era enorme (eu era obesa) e ela não ia arriscar a carreira dela por mim. Eu engordei apenas 02 quilos a gestação toda.*” (REL-TWITTER, Frag. 01- 05/04/2021) - **propriedade**
- (02) “*Ao descobrir que eu estava grávida, o médico me disse que eu era louca por ter engravidado gorda. Saí de lá desesperada, com medo de prejudicar meu bebê. #gordofobiamedica.*” (REL-TWITTER, Frag. 02- 05/04/2021) - **veracidade**
- (03) “*Acabei de sair da ginecologista pois quero cortar o anticoncepcional e colocar o DIU, pois tenho ovários policístico e engordei muito após o uso do AC. Ela teve a pachorra de falar que eu engordei por pura preguiça de fazer exercícios físicos.*” (REL-TWITTER, Frag. 03- 05/05/2022). - **veracidade**
- (04) “[...] em 2019, depois de 1 ano a tentar engravidar do nosso segundo bebê, fomos a uma consulta de apoio á fertilidade. [...] A “Sra.” Perguntou-nos o que se passava para irmos aquela consulta, depois de explicar-mos, a resposta foi: “Pois, você nunca vai conseguir engravidar se não perder pelo o menos 30 kg!”. De ressaltar que poucas semanas depois descobrimos que esperávamos a nossa pipoquinha. Essa “Sra.” Que tem a sensibilidade de um TGV quando choca um mosquito, não deveria NUNCA, mas mesmo nunca estar em contacto com pacientes, ainda mais casais que já chegaram lá num estado de espírito frágil

²⁹ BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 1960.

por não estar a conseguir engravidar, seja porque motivo for”. (REL-INSTAGRAM, frag. 04 – 06/02/2022) - **veracidade**

- (05) “*procurei um obstetra na minha primeira gestação e o infeliz a primeira frase foi “**vamos perder peso que eu não cuido de gestante gorda. Olhei para ele e me senti aflita. Sai na mesma hora e busquei outro, eu estava no peso ideal e com 5 meses. Acho que a medicina não está preparada para problemas que estão fora do padrão de beleza**”.* (REL-INSTAGRAM, Frag. 05 – 07/02/2023) - **propriedade**
- (06) “*Na minha primeira gestação, procurei um obstetra renomado em minha cidade e, mal chegando ao consultório, ouvi dele que eu **precisava emagrecer ou teria que fazer o parto em um centro de bovinos e equinos por conta do meu peso**. Eu estava sozinha, pois meu marido não pode ir comigo na data. Na época eu simplesmente paralisei, não disse nada, mas nunca mais voltei e graças a deus meu bebê veio com muita saúde*”. (REL-INSTAGRAM, frag. 06 – 07/02/2023) – **propriedade**
- (07) “*A obstetra que fez meu parto me falou, na hora de me costurar, **que se eu quisesse outro bebê e, se eu quisesse ter com ela, que eu teria que emagrecer pq meu tecido adiposo estava dando muito trabalho pra ela, pq sangrava demais**. Detalhe que tomei anticoagulante os nove meses de gestação pois tenho SAF³⁰. Na hora estava aberta, numa mesa, sentindo o maior amor do mundo, nem tive força de pensar em nada e senti vergonha pelo trabalho dado. Depois que raciocinei, entendi a gordofobia e violência cirúrgica pos parto ☹️ triste mas bem real!” (REL- INSTAGRAM, frag. 07 – 07/02/2023) – **veracidade***
- (08) “*A pior experiência que tive foi quando entrei em trabalho de parto, gente era pra ser o dia mas feliz de minha vida, era pra equipe me trata bem, mas o anestesista foi extremamente grosso eu tava aprienciva pq a moça tava me apoiando pra fazer a nestezia só que eu tava com medo, foi aí q **ele falo que se eu fosse mas magra não daria tanto trabalho! E a enfermeira ameaço me injetar um remédio que me causaria muita dor!** Eu fiquei muito muito mal uma humilhação no momento q deveria ser de pura alegria não desejo pra ninguém quase entro em depressão pós parto mas Deus é mais.” (REL-INSTAGRAM, frag. 08 – 08/02/2023) – **veracidade***
- (09) “*Fui ao ginecologista do plano de saúde pedir exames anuais e eu mal entrei na sala, ele já disse “**bom, precisamos perder uns 10 a 15 quilos, não é? Você vai ficar muito mais bonita assim**” saí de lá devastada e eu só queria fazer meus exames anuais.*” (REL-TWITTER, frag. 09 – 08/04/2022). – **veracidade**

O momento da prática social, nestes relatos, podem ser compreendidos a partir de duas perspectivas. A primeira diz relação ao que o médico falou, ou seja, às sanções sociais do que ele, enquanto detentor desse lugar de autoridade, entende como pertencente à regra ou não. O

³⁰ De acordo com o Ministério da Saúde, SAF significa Síndrome do anticorpo antifosfolípide

segundo momento diz respeito aos sentimentos e vozes evocadas por essas mulheres, que na maioria dos casos tecem comentários do lugar do que elas sentiram.

Quando o foco é o médico, ou seja, o abusador, estamos sempre percebendo sanções sociais, da linguagem voltada à ética³¹ e respondendo à pergunta “Como você julga este comportamento?”. Já ao falarmos das vítimas, estamos dentro do subsistema de afeto, respondendo à pergunta “como vocês se sente em relação a isso?”, ou seja, linguagem emocional.

Neste subtópico, Sanção por Anulação, há três relatos por propriedade, ou seja, o quão ético este médico está sendo, ao avaliar a conduta expressada em um ambiente que deveria, de fato, ser profissional e acolhedor. Também, há seis relatos por propriedade, que adentram a esfera do “quão sincero alguém é ?”

Em REL-TWITTER, Frag. 01- 05/04/2021, em conformidade a Martin e White (2005), o trecho “*eu já era enorme*” configura-se enquanto um julgamento por sanção social, subcategoria de propriedade, pois é interesse entender que sinceridade necessária é essa, além do lugar de onde vêm essas escolhas lexicais que se legitime dizer que uma mulher seja “enorme”, ainda mais na fase da gravidez, na qual muitos hormônios são alterados naturalmente pelo corpo. No trecho do REL-TWITTER, Frag. 01- 05/04/2021 “*e ela não ia arriscar a carreira dela por mim*” há uma voz implícita que evoca o subsistema de afeto, na emoção, pois a paciente tem a consciência de que a médica em questão supõe que, caso a paciente engorde, a médica estaria arriscando sua carreira. De acordo com o Ministério da Saúde (MS), em seu portal online de informações, o ganho de peso de é variável e permeia entre 10kg a 14 kg, o que já entre em discordância com o “peso ideal” estipulado pela obstetra. Outro fator interessante é o fato de que, mesmo sendo uma mulher enquanto médica, resguardada em seu lugar de poder-hegemonia ao que cita Pedrosa (2012a), como uma coerção do comportamento da vítima.

No Frag.02-05/04/2021, a fala do médico está analisada pela sanção de veracidade, pois é preocupante e aterrorizador imaginar que médicos, em suas salas e consultórios, sintam-se “à vontade” para disseminar um discurso tão violento, pautado na necessidade compulsória de sinceridade, porém, é questionável e pertinente saber se há, de fato, um limite para o exercício

³¹ Rever quadro 8 – Características principais do subsistema da ATITUDE no Itinerário Teórico I.

de sinceridade, haja vista que muitas violências podem ser naturalizadas e, assim, legitimadas, com o uso de “o importante é ser sincero”. Além disso, podemos entender que o uso da palavra “louca” está associado, de acordo com Martin e White (2005), a um julgamento negativo, ou seja, o médico, pautado em um discurso de autoridade e na relação de poder que exerce do consultório, “disse” que “*eu era louca por ter engravidado gorda*”. No âmbito do afeto, que denota visões positivas ou negativas através das respostas emocionais do falante, no trecho “*Saí de lá desesperada*” há uma elipse do “eu” (eu saí de lá desesperada), em primeira pessoa, situando uma avaliação da paciente sobre si, de modo que evidencia a sua sensação de insegurança a respeito do que aconteceu. Nesse sentido, a avaliação médica foi plenamente pautada no estereótipo advindo do estigma (GOFFMAN, 1975) social e relacionado a uma mulher gorda que havia acabado de descobrir uma gravidez.

No trecho “*engordei por pura preguiça de fazer exercícios físicos*”, do REL-TWITTER -Frag 03 - 05/5/2023, em Martin e White (2005), temos um julgamento por veracidade, no qual é questionado a justificativa dada pela paciente e é aferida, então, uma verdade, relativa, tida enquanto verdade universal por estar amparada no discurso médico. Assim, o discurso médico naturaliza essa “sinceridade” violenta em prol de “sucesso”, como se “fins justificassem os meios”³². Em concordância Pedrosa (2012a), a manutenção do poder-hegemonia é feita a partir da ausência de exames que comprovem a relação entre os ovários policísticos, o uso de anticoncepcional e a preguiça de fazer exercícios físicos. Em concordância com Martin e White (2005), vislumbramos no REL-INSTAGRAM, frag. 04 – 06/02/2022, o julgamento por sanção social dado o trecho “você nunca vai conseguir engravidar se não perder pelo o menos 30 kg”. Segundo reportagem realizada pela FIOCRUZ, em 11/10/2019, “a obesidade materna e o ganho de peso excessivo na gestação estão associados ao aumento de complicações antenatais, intraparto, pós-parto e complicações neonatais [...] além de expor a criança a maior risco de complicações a curto e longo prazo”³³. Ou seja, é fato que as escolhas lexicais da pesquisa já sinalizam que há associações, há riscos, o que se deve refletir é quando o contexto de gestar não envolve riscos.

³² Uma reflexão acerca de “por quais motivos as mulheres gordas sofrem tanto preconceito por serem gordas?” O fato de propor emagrecimento e visar um corpo magro justifica a índole duvidosa desse médico?

³³ Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/obesidade-gestacional-uma-situacao-de-alerta#:~:text=RS%3A%20A%20obesidade%20materna%20e,de%20parto%2C%20de%20cesarianas%2C%20de>
Acesso em: 20/04/2023

Isso posto, tais informações “associadas” são entendidas, de modo geral, como regras e laudos concretos do que pode ou não acontecer com uma mulher gorda que tenta engravidar. Dessa forma, casos específicos passam a valer como universais e ajudam o processo de patologização de corpos dissidentes, pois usa-se de generalizações, oportunamente, também são utilizadas exceções como regras. Com isso, a anulação é moldada a partir das regras desse “jogo”, uma vez que o considerado padrão é: mulher mãe, branca, feminina, magra. Tudo que fugir desses estereótipos estará fadado à estranheza e ao preconceito.

Podemos ver no excerto REL-INSTAGRAM, frag. 05, uma mobilização de reivindicação devido a não acessibilidade já sinalizada no início do diálogo quando o médico, ao se referir à situação da gestante, sinaliza que “não cuida de gestante gorda”. A sensação de revolta por parte da vítima é nítida pela escolha lexical “o infeliz” para se referir ao profissional de saúde. Na esfera analítica, o valor de julgamento é visto a partir de “eu não cuido”, deixando claro que, para ele, existe apenas a possibilidade de cuidar da saúde/ da gestação de mulheres magras. Em contrapartida, em REL-INSTAGRAM, Frag. 05 – 07/02/2023, podemos observar uma avaliação a partir da paciente quando ela sinaliza que “*acho que a medicina não está preparada*”, ou seja, para ela, existe uma limitação no que se refere à compreensão dos problemas de saúde por parte dos médicos, uma vez que ela ainda cita o IMC como parâmetro de um “peso ideal”, o que, de fato, ainda é um preceito retrógrado, afinal, segundo o entendimento da OMS, a saúde deve ser conferida a partir da plena concordância entre um bem estar físico e mental.

No trecho, temos a ocorrência de avaliação social em “*eu precisava emagrecer ou teria que fazer o parto em um centro de bovinos e equinos por conta do meu peso*”. Ao analisarmos essa animalização do corpo gordo feminino, Breton (2007) evidencia o caminho trilhado à conclusão de quê, por se tratar de um corpo não validado socialmente, este pode ser animalizado de forma que, se possível, deve-se usar um “centro de bovinos e equinos” para “garantir” acessibilidade, o que entendemos enquanto pura manutenção hegemônica do discurso médico (PEDROSA, 2021a) enquanto sendo aquele que diz e se faz ouvido, sem a necessidade de pensar as práticas e vivências numa perspectiva social e acolhedora.

Em REL – INSTAGRAM, Frag. 07 – 07/02/2023 temos uma avaliação pela gradação³⁴ ao observamos o “sangrava demais”. Neste foco, a gradação opera na escala de intensidade

³⁴ Categoria analítica que não está em evidencia nestas análises, mas que, neste caso, é interessante a sinalização.

“demais”, evidenciando a escolha lexical em questão por ampliar o sentido da questão, afinal, apenas o verbo “sangrava” já daria a entender a questão, porém, em situações gordofóbicas, o peso sempre será um atrativo para desvincular a corporalidade de um sentido bom e útil. No trecho “*senti vergonha pelo trabalho dado*” temos uma avaliação (VIAN JR, 2011), por afeto, por se tratar dos sentimentos. Ao “sentir vergonha”, há uma relação entre a infelicidade, a insegurança e a incapacidade, pois, naquele momento de sua vida, ela estava passando por uma violência.

No trecho “*A pior experiência que eu já tive*”, temos uma gradação negativa³⁵, ou seja, em uma escala de experiências em consultórios, a relatada será a pior de todas. Em seguida, a construção lexical “*o anestesista foi extremamente grosso eu tava aprienciva pq a moça tava me apoiando pra fazer a nestezia só que eu tava com medo,*” apresenta o subsistema de afeto, por denotar os sentimentos que a vítima estava sentido “eu tava com medo”, enquanto, no trecho “*Eu fiquei muito muito mal uma humilhação no momento q deveria ser de pura alegria não desejo pra ninguém quase entro em depressão pós parto*” evidenciamos um afeto, agora, diferente do referido em outro exemplo, mas se tratando de “uma humilhação”, há um julgamento implícito por parte do anestesista, especialidade médica em destaque nesse exemplo.

No trecho “*você vai ficar muito mais bonita assim*”, demonstra um julgamento pela perspectiva de sanção social, (VIAN JR, 2011). É interessante notar o uso verbal do “precisamos”, implicando uma questão de ordem e não de recomendação, uma vez que a paciente mal teve a chance de introduzir um diálogo sobre o que, de fato, levou-a à consulta. Mais uma vez, o silenciamento surge da necessidade autoritária do médico demonstrar que, a todo custo, já sabe o que ela uma mulher gorda ao consultório, mesmo que, no sentido real das coisas, ele não saiba.

Em seguida, o “*eu saí de lá devastada*” engloba o afeto, na subcategoria de infelicidade e insegurança, pois enfatiza a frustração de uma mulher gorda ao ser confrontada com a reflexão de que, se ela perdesse determinado peso, estaria esteticamente mais bonita, embora ela não tenha, em momento algum, sinalizado que este era o seu anseio ao comparecer à consulta.

³⁵ Apesar de não ser a categoria específica em análise, o uso desse “pior experiência” é muito interessante, pois assim, a vítima reflete todas as experiências vividas e chega à conclusão que aquela, especificadamente, foi a pior.

Woolf (2018) ilustra como a década de 1980 ajudou a alevancar carreiras de modelos em todo o mundo, visando uma cartela de possibilidades enquanto mulheres bonitas e, ausência de ascensão, para mulheres consideradas desprovidas.

4.2 Sanção por Padronização

Os relatos a seguir são destacados para o momento da Infância das vítimas. O conceito de infância é pertinente por se definir enquanto “a etapa inicial da vida compreendida entre o nascimento e os 12 anos de idade, segundo o site Saúde, do Governo Federal.³⁶ Neste momento, é imprescindível citar dois artigos presentes no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Artigo 3º - A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo de proteção integral de que trata esta lei assegurando-lhes, por lei e por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de igualdade³⁷.

Artigo 7º - A criança e o adolescente têm direito e proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência.

O ECA(Estatuto da Criança e do Adolescente) dispõe de todas as orientações, direitos e deveres respaldados às crianças e aos adolescentes. Em se tratando de uma violência médica, a padronização dos corpos infantis e pré-adolescentes femininos é uma busca autoritária e recorrente, haja vista a necessidade de performance dessas meninas e pré-adolescentes para se sentirem, pertencerem ao meio e se considerarem, aos olhos alheios, mulheres. Abaixo, os relatos:

- (10) *“Eu indo ao ortopedista e tentando explica que eu tenho problemas no joelho e **ele sem querer examinar dizendo que é peso. Teimei em fazer os exames e ele ficou com o maior carão quando viu que o resultado do meu problema é de infância”***. (REL- TWITTER. Frag. 10 – 12/03/2023) - **veracidade**

³⁶ Disponível em: < [³⁷ Lei nº 13.257/2016](https://bvsmis.saude.gov.br/24-8-dia-da-infancia-2/#:~:text=A%20inf%C3%A2ncia%20%C3%A9%20a%20etapa,social%20e%20emocional%20dos%20indiv%C3%A4duos.> Acesso em: 25/06/2023</p>
</div>
<div data-bbox=)

- (11) *“Lembro-me de ser criança e ter um ligeiro excesso de peso e a minha pediatra sempre a deixar-me abaixo, a dizer à minha mãe que eu tinha que emagrecer, que estava muito gorda. Eu ficava mal ao ouvir aquilo, pois além disso sofria de bullying na escola por não ter uma barriga lisinha como as outras, o que nunca nada disso ajudou na minha auto-estima. Tenho pena que ainda haja profissionais de saúde (e não só) que sejam dessa forma. Esperamos por melhores consciências”*. (REL- INSTAGRAM, frag. 11 – 02/06/2023) – **veracidade**
- (12) *“Essa semana estive em um pediatra com minha filha para uma consulta de rotina. Ela tem 7 anos e é uma criança alta comparada com os colegas de sala de aula, além de que a estrutura corporal dela é bem grande (pai, mãe e avós grandes), porém eu como mãe e nutricionista não considero ela uma criança “obesa” e sim, uma criança grande e saudável. Pois o médico, não sabendo que eu era nutri, consultou uma “tabela de peso ideal para a idade” (pois ele não tinha balança no consultório) e recomendou que ela consultasse uma nutricionista para que pudesse perder cerca de 20kg ou se não iria ficar “cada vez mais gorda e teria problemas mais graves na adolescência” (palavras dele) e também afirmou que a justificativa para isso seria a sua alimentação, que provavelmente era baseada em doces, biscoitos e refrigerantes. Sendo que ela nunca tomou um gole de refrigerante, biscoitos e doces são oferecidos cautela. E ainda deu a “dica” de que caminhássemos com ela e levássemos par andar de bicicleta, já que muito provavelmente, segundo ele, ela ficaria muitas horas sob uso de telas”*. (REL- INSTAGRAM. Frag. 12 – 07/06/2023) – **veracidade e propriedade**
- (13) *“Hoje eu relatando pra médica que quando estive numa fase aguda de depressão no início da minha pré-adolescência perdi 20 kg e a resposta dela foi “por esse lado foi bom”. Eu não assenti, nem disse nada, só a encarei e veio a emenda “pra quem tem obesidade de qualquer jeito perder peso vale a pena”*. (REL- TWITTER. Frag. 13 – 07/03/2023) – **veracidade**
- (14) *“Quando eu tinha uns 12 anos eu fui a um gastro e ele me perguntou se eu não tinha espelho em casa, pq o meu problema era só emagrecer e eu tinha que ver o quão gorda e feia eu estava. Eu e minha mãe saímos chorando do consultório e essas palavras nunca saíram da minha cabeça #gordofobiamedica”*. (REL- TWITTER. Frag. 14 – 25/04/2021). – **veracidade e propriedade**

Neste escopo em análise, há cinco ocorrências de sanção social por veracidade, haja vista que a postura do médico é visando a “sinceridade” e o “cuidado” com essas meninas e crianças, mas, é propício refletir acerca das estratégias e metodologias utilizadas, além de quais as verdadeiras intenções de adotar uma medicina “terrorista” que, propõe, acima de tudo, a padronização de corpos femininos em um período que, aliás, estão passando por diversas mudanças emocionais, físicas e mentais e é de conhecimento que situações traumáticas podem marcar o resto da vida dessas mulheres negativamente, levando-as a se inferiorizarem e viverem em busca de uma padronização utópica, uma vez que o conceito de perfeição e de beleza, ao ser refletido por Wolf (2018) é compreendido como apenas uma necessidade social de moldar essas mulheres para que cresçam insatisfeitas com seus corpos. Segundo Wolf (2018, p. 31) as jovens e as mulheres são gravemente enfraquecidas, uma vez que nossa “beleza” precisa ser a

base da identidade, assim, as mulheres permanecem vulneráveis à aprovação externa e isso funciona como uma exposição aberta acerca da autoestima. Nesse momento de construção de autoestima, identidade, é violento imaginar eventos de prática social que, em seu âmago, operam pela padronização da padronização, ou seja, criar e moldar crianças, futuras mulheres, com inseguranças e preocupações sobre a estética. Aqui, se faz interessante apontar que tais diálogos não ocorreram em clínicas de estética e sim em clínicas de saúde, porém, a ausência de separação entre esses setores (estética e saúde) causa essa confusão³⁸ ideológica e cruel.

A paciente, em REL – TWITTER. Frag. 10 – 12/03/2023, busca explicar ao médico sobre o seu problema, mas, por gordofobia, ele estava “*sem querer examinar*”, haja vista que o diagnóstico previsto pelo médico era de que o peso “dizendo que é peso”, ou seja, um estigma social que classifica todas as dores e problemas sofridos por pessoas gordas como consequências do peso. O abuso de poder (DIJK, 2008) é compreendido quando, mesmo com a constatação, a partir de exames e dos protocolos corretos para que haja uma avaliação do corpo em seu pleno estado de saúde, o médico, por se enquadrar enquanto detentor do saber, do poder, do poder-hegemônico, se autoconfigura enquanto perito (GIDDENS, 1991) e autorregula os resultados, ficando “*com um carão*”, haja vista o confronto pela inesperada resposta da paciente. É importante perceber que neste caso, tornou-se uma espécie incompreendida do que ele acha que é antes mesmo de fazer o exame, pois, com a prepotência adquirida pelo seu lugar de poder, não há “achismos”, quiçá dúvidas, uma vez que ele precisa saber de tudo, e claro, ele sabe, afinal, é médico. Por isso, esse silêncio aliado ao “carão” vale, pela semiótica³⁹, é detentor de sentidos e por isso é destacado nesse recorte.

No REL-INSTAGRAM, frag. 11 – 02/06/2023 temos, em VIAN JR (2011) uma gradação no trecho “*sempre a deixar-me abaixo*”, pois configura o comportamento da pediatra enquanto corriqueiro e usual. Em seguida, temos uma avaliação por afeto quando se trata de “*nada disso nunca ajudou na minha auto-estima*”. Ou seja, mesmo com a afirmação escolar acerca de sua beleza ou quaisquer outro atributo físico, seria visto/entendido enquanto mentira, afinal, o bullying que ela sofria era cotidiano e implicava em reafirmações recorrentes.

No REL- INSTAGRAM. Frag. 12 – 07/06/2023, o estigma (GOLFFEMAN, 1975) é tão sobrecarregado sobre os aspectos de como “deve ser”, “deve vir a ser” “deve se apresentar” que o médico, apenas emponderado de seus conhecimentos prévios e com uma “tabela de peso ideal

³⁸ No sentido da mistura entre o que é feito pela saúde e o que é feito pela pura estética.

³⁹ Estudo de interpretações. Ver: C. S. Peirce, Semiótica.

para a idade”, sem avaliar o critério de altura da paciente, avaliou seu corpo a partir de um sistema perito (GIDDENS, 1991).

A seguir, a nível de exemplificação, apresentamos o quadro com a tabela de peso ideal para a idade, disponibilizado pela rede Unimed em seu site oficial.

Quadro 11- Tabela de peso e altura por idade, para meninas de 3 a 18 anos de idade

Idade (anos)	Mínimo		Médio		Máximo	
	Peso (kg)	Altura (cm)	Peso (kg)	Altura (cm)	Peso (kg)	Altura (cm)
3	11,61	88,4	14,42	95,7	18,96	103,5
4	13,25	95,2	16,42	103,2	21,86	112,3
5	14,56	100	18,37	109,1	23,95	118,8
6	16,87	108	21,09	115,9	26,63	125,4
7	18,73	114	23,68	122,3	30,63	131,7
8	20,55	119,1	26,35	128	35,79	137,4
9	22,27	123,6	28,94	132,9	40,78	143,4
10	24,13	127,7	31,89	138,6	46,22	149,3
11	26,26	132,3	35,74	144,7	51,21	157,4
12	28,85	137,8	39,74	151,9	57,92	164,6
13	32,75	143,7	44,95	157,1	64,55	168,4
14	37,69	148,2	49,17	159,6	68,40	170,7
15	40,37	150,2	51,48	161,1	70,40	171,6
16	41,64	150,8	53,07	162,2	71,53	172
17	42,59	151	54,02	162,5	72,35	172,2
18	42,87	151	54,39	162,5	72,89	172,2

Fonte: Unimed. ⁴⁰

Em se tratando de análise linguística (VIAN JR), no trecho do REL-TWITTER. Frag. 12 – 07/06/2023, temos uma gradação por intensidade em “cada vez mais gorda e teria problemas mais graves na adolescência”, o que seria, de praxe, interessante e pertinente refletir, embora, no momento da escrita, a criança só tivesse 7 anos e estivesse sendo avaliada de tão

⁴⁰ Disponível em: <https://www.unimed.coop.br/viver-bem/pais-e-filhos/estatura-por-idade> Acesso em

forma apenas por não se encaixar em uma tabela fixa que não vislumbra variantes, apenas números fechados.

Ao relatar o ocorrido, temos, em VIAN JR (2011) a subcategoria do afeto, no critério da insatisfação, no trecho “eu não assenti”, haja vista o sentido de não ter concedido uma aprovação sobre o início da fala gordofóbica, que a deixou sem palavras, denotado no trecho “nem disse nada, só a encarei”, pois provavelmente pretendia que, ao silenciar, a linguagem semiótica situacional fosse compreendida, o que, de fato, não foi feito, uma vez que a médica continua, agora a partir de um julgamento por uma institucionalização do sentimento, pela normalidade “qualquer jeito de perder peso vale a pena”, ou seja, o julgamento pela estima social ultrapassa uma análise dos porquês a paciente veio a emagrecer, pois, até o momento, ainda não há pesquisas que validem o fato de que emagrecer por ter depressão seja algo vantajoso.

Um ponto importante de análise é que, ao se fazer uma comparação entre os dados quantitativos de óbitos entre as duas doenças (depressão e obesidade), temos números alarmantes em ambos, porém, a invisibilidade imposta aos depressivos, além do silenciamento, não é vista com a mesma fobia que às pessoas gordas. De acordo com o Ministério da Saúde⁴¹, mais de 700 mil pessoas cometem suicídio por ano. Ver o “lado bom” de estar acometido por uma doença silenciosa e brutal como a depressão por ter, enquanto efeito “colateral”, a perda de peso e, apenas por isso, avaliar a questão enquanto benéfica é, em palavras amenas, cruel e demonstra o quanto a validação social do discurso hegemônico é falha, pois, por se tratar de um discurso médico, a sociedade entende enquanto pautado por verdade e por ética, o que, neste caso, não é.

Em REL – TWITTER. Frag. 14 – 25/04/2021 temos uma avaliação (VIAN JR, 2011) pelo julgamento de estima social quando o médico em questão, um gastro, aponta que o problema da criança era “*só emagrecer*”. Ao se utilizar da forma “*só*”, há uma banalização acerca de todas as questões envolvidas em um processo de emagrecimento, afinal, nem todo processo de emagrecimento pode ser visto/considerado enquanto saudável, da mesma forma, o profissional de saúde simplifica um processo de mudança corporal que envolve diversos outros parâmetros. Em seguida, o trecho “*saímos chorando do consultório*” apresenta uma avaliação

⁴¹ Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/setembro/na-america-latina-brasil-e-o-pais-com-maior-prevalencia-de-depressao> Acesso em: 23/05/2023

de afeto, na subcategoria de insegurança, haja vista que não é previsível uma abordagem dessa forma vinda de um profissional da área de saúde, principalmente ao tratar de uma criança.

4.3 Sanção por condenação

Os relatos a seguir estão amparados em especialidades diversas. Dessa forma, as violências foram sofridas por mulheres adultas, em contexto de acompanhamento médico e a condenação é a partir da constatação da imoralidade enquanto mulheres que não estão alinhadas ao padrão solicitado.

- (15) *“Em outubro eu tive pneumonia e precisei ir várias vezes no hospital. Na minha última ida, a médica que me atendeu me falou gratuitamente as palavras: **“-Você parece um BOI”** Fiquei tão impactada com a violência gratuita que fiquei calada”*. (REL- TWITTER. Frag. 15– 25/05/2022) - **propriedade**
- (16) *“Na otorringolaringologista, a médica me recomentou a cirurgia de retirada das amígdalas, pois tenho muitas amigdalites e que inclusive **eu ia conseguir perder peso no pós-operatório** pq só poderia consumir alimentos líquidos #gordofobiamedica”* (REL- TWITTER– Frag. 16 – 28/05/2022) - **veracidade**
- (17) *“Fui fazer uma tomografia e o aparelho do hospital não comportava meu peso, 125 kg. Precisei ir a um centro veterinário fazer o exame. Nunca me senti tão humilhada.”* (REL- TWITTER– Frag. 17 – 28/05/2023) - **veracidade**
- (18) *“Aconteceu comigo, que sou profissional de saúde, na consulta de medicina do trabalho. Queixei-me de dores musculares e articulares generalizadas, edema dos membros inferiores e cansaço extremo. Ouvi: **“também, com esse peso todo, não quer ter dores?”** Dois meses depois, e por ter uma médica de família atenta, fui encaminhada para medicina interna e fui diagnosticada com Fibromialgia. Marquei consulta de reumatologia, não por não confiar no médico da especialidade de onde tinha ido, mas por achar que iria ouvir orientações mais adequadas. Pois... a história do peso repetiu-se, para o meu espanto. Continuo bem seguida pelo médico que me diagnosticou e que me respeita enquanto pessoa”*. (REL- INSTAGRAM – Frag. 18 – 28/05/2023) - **propriedade**
- (19) *“Eu já passei por situações muito difíceis que me deixaram extremamente desconfortável. Como por exemplo chegar a uma consulta médica para ver um questão hormonal (devido ao uso de anticoncepcional) e a médica perguntou se eu queria emagrecer e já estava me receitando um remédio pra **“ansiedade”** sendo que ela não era neuro nem psiquiatra e outro para eliminar gordura nas minhas idas ao banheiro. Sendo que eu AFIRMEI que tenho um excelente funcionamento do intestino. Foi muito chata a situação, nunca mais voltei na profissional. E esse caso foi um dentre tantos. Isso me nos faz perceber o quão é importante essa discussão dentro da área da saúde. Precisamos de médicos com mais acolhimento e menos preconceito”*. (REL- INSTAGRAM – Frag. 19 – 28/05/2023). - **propriedade**
- (20) *“Fui na psiquiatra (sou bipolar 2), e ela disse: **uma das primeiras coisas para evitar suas crises depressivas é você perder peso pra se amar, levantar a autoestima. Se vc buscar lá***

no fundo o esforço, vc faz exercícios e logo emagrece, vai ver a diferença! Sai chocada e mais pra baixo do que eu já estava.” (REL- TWITTER. Frag. 20 – 30/03/2021) - **propriedade**

Em REL- TWITTER. Frag -15 – 25/05/2022 temos, Julgamento negativo por estima social (VIAN JR, 2011), uma vez que não é visto eticamente enquanto plausível uma médica comparar uma paciente a um animal. Há também uma apreciação por valoração com o uso dos termos “me falou gratuitamente”, pois a paciente estava no ambiente buscando um socorro, em medida de urgência, caracterizado pelas idas várias vezes ao hospital. É possível também refletir e questionar se o fato de ter recebido esse atendimento impactou na busca por atendimentos seguintes, enfatizado pelo trecho “Na minha última ida”.

Em REL- TWITTER – Frag. 16 25/05/2022 temos, por VIAN JR (2023), o critério de saúde sendo questionado logo quando a vítima relata que, segundo a médica, a cirurgia seria recomendável, uma vez que assim ela ia “conseguir perder peso com no pós -operatório pq só poderia consumir alimentos líquidos”.

É importante notar que a referida cirurgia não tem nenhuma perspectiva estética, porém, para a médica, além de sanar o problema solicitado pela paciente, haveria também a solução do problema que a própria médica havia criado= a necessidade de emagrecer. Neste caso, temos apenas a avaliação da médica, trazendo um julgamento negativo sobre o estado físico atual da paciente e já solucionando-o também. No trecho “*nunca me senti tão humilhada*”, há o afeto (VIAN JR, 2011), na subcategoria de infelicidade e insegurança, pois o fato de não haver acessibilidade implicou que a paciente precisasse estar em um ambiente específico para animais, assim, desumanizando-a enquanto indivíduo da sociedade.

No artigo 5 da Constituição Cidadã brasileira, temos:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

- **I** homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição;
- **II** — ninguém será obrigado a fazer ou deixar de fazer alguma coisa senão em virtude de lei;

- **III** — ninguém será submetido a tortura nem a tratamento desumano ou degradante;

Quando uma mulher gorda precisa ir fazer seu exame em um centro veterinário por falta de acessibilidade, esse exemplo é um retrato do que a gordofobia institucional causa na vida das pessoas gordas.

No trecho “também, com esse peso todo, não quer ter dores?” há uma avaliação negativa acerca da massa corporal da paciente, entendido como um julgamento por estigma social, uma vez que toda a fundamentação teórica feita pelo profissional de medicina baseia-se apenas no quadro quantitativo do peso. Nesse relato, é interessante apontar que não é só a situação de violência que está enfatizado, pois, a vítima traz um desdobramento pertinente de ser avaliado: O real diagnóstico. Fibromialgia. Segundo o Ministério da Saúde, a Fibromialgia é entendida

é uma síndrome que engloba uma série de manifestações clínicas como dor, fadiga, indisposição e distúrbios do sono. Trata-se de uma forma de reumatismo associado à sensibilidade do indivíduo frente a um estímulo doloroso. Ainda de acordo com o Ministério, não existe um método de prevenção comprovado e especialistas indicam a atividade física como auxiliar para o tratamento. (GOVERNO FEDERAL. GOV. Acesso em: 01/06/2023)⁴².

Assim, de acordo com o Governo, não há ainda uma comprovação que indique um método de “prevenção comprovado”. Por isso, o diagnóstico médico inicial foi completamente baseado em gordofobia por um estigma social (GOLFFMAN) acerca de que pessoas gordas sempre serão doentes, sentirão dores etc apenas por serem gordas.

Em REL – INSTAGRAM – Frag. 19 – 28/05/2023 temos uma avaliação negativa pautada no julgamento feito pela médica, afinal, em uma configuração hegemônica de poder, tudo que está fora do padrão tem a necessidade de adequação, assim, mesmo sem estar na especialidade adequada, note que a paciente sinaliza que a profissional já estava tentando “receitar” um medicamento, mesmo não sendo neurologista ou psiquiatra, além de outro remédio para ajudar na perda de peso. Neste momento, é válido e pertinente apontar que a procura pela médica foi, de acordo com o relato 19, “ver um questão hormonal (devido ao uso de anticoncepcional)”, o que abre diversas possibilidades de percepção, mas, visto à sociologia

⁴² Disponível em: < <https://www.gov.br/pt-br/noticias/saude-e-vigilancia-sanitaria/2021/11/lei-institui-o-dia-nacional-de-conscientizacao-e-enfrentamento-da-fibromialgia>> Acesso em: 01/06/2023

do corpo (BRETON, 2007), é compreensível que a demanda de procura, no imaginário médico, seja apenas para tratar a superfície, ou seja, perder gordura, estética.

No trecho “foi muito chata a situação, nunca mais voltei na profissional”, temos, por (VIAN JR, 2011), o sistema de atitude, na subcategoria de afeto ao tratarmos de uma infelicidade, insegurança e insatisfação, pois, de fato, a situação, além de vexatosa, não resolveu o problema que a paciente necessitava de solução.

Em REL- TWITTER. Frag. 20 – 30/03/2021 temos a apresentação de um transtorno conhecido como “Transtorno Bipolar tipo II. À vista de conhecimento, de acordo com o Hospital Albert Einstein, esse transtorno

É um tipo menos grave de transtorno bipolar caracterizado por episódios depressivos e hipomaniacos. Envolve pelo menos um episódio depressivo com duração de, no mínimo, duas semanas e pelo menos um episódio de hipomania com duração, no mínimo, quatro dias. Os sintomas depressivos incluem tristeza ou desânimo. Os sintomas hipomaniacos incluem humor persistentemente elevado ou irritável. O tratamento inclui aconselhamento e medicamentos, como estabilizadores de humor. O tratamento pode ajudar, mas essa doença não tem cura. Requer um diagnóstico médico. Raramente requer exames laboratoriais ou de imagem. Crônico: pode durar anos ou a vida inteira. Fonte: Hospital Israelista Albert Einstein. Acesso em: 21/02/2023.⁴³

Assim, ao banalizar toda a situação contextual diagnóstica e sintetizar a cura (emagrecimento) para um problema clínico que, segundo informações citadas logo acima, não há cura por enquanto, apenas demonstra o quão reforçada é o estigma (GOLFFMAN, 1975) negativo a respeito das pessoas gordas, afinal, seguindo essa linha de pensamento, quaisquer doenças poderia ser sanadas, desde que houvesse perda de peso, o que não é verdade.

4.4 Fechando o capítulo

Este capítulo buscou dar conta das análises propostas ao longo do texto. O *corpus* coletado pretendeu dar conta de demonstrar como se dava a representação de mulheres vítimas de gordofobia médica, visando colaborar, no futuro, para a efetivação de medidas

⁴³ Disponível em: <https://www.einstein.br/noticias/noticia/transtorno-bipolar-vida-montanha-russa>
Acesso em: 21/02/2023

antigordofóbicas nos mais variados eixos da sociedade, não só no eixo médico, afinal, a luta contra os preconceitos deveria ser uma luta de interesse de todos.

5- Considerações e Reflexões

Esta dissertação, a partir de uma análise crítica, ancorada na Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso – ASCD, vinculada à Análise Crítica do Discurso – ACD, pretendeu uma reflexão sobre a problemática que é a gordofobia médica e a luta pela despatologização do corpo gordo enquanto um corpo necessariamente doente. Entendemos que essa dissertação poderá contribuir com a luta antigordofobia, evidenciando as denúncias de violências sofridas em consultórios médicos, além de hospitais de urgências e de emergências do Brasil. Ao longo do texto, explicitamos as razões e motivações pelas quais o tema foi escolhido, assim como o *corpus* analítico e o percurso metodológico.

O trabalho foi dividido em cinco capítulos. No Itinerário Teórico I, por se tratar de um trabalho de natureza transdisciplinar, mobilizados os preceitos teóricos advindos da Análise Crítica do Discurso (ACD), da Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso (ASCD), além da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF). Conceitos importantes como o de poder-hegemonia e decolonialidade foram discutidos, haja vista a natureza da pesquisa e o reconhecimento da importância de, enquanto pesquisador crítico, posicionar-se criticamente frente às demandas sociais. A Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso, cunhada em 2012, deu o suporte teórico necessário, uma vez que, por se tratar de uma nova forma de desvelar situações de desnivelamento de poder, as temáticas de pesquisa são, também, inovadoras e insurgentes.

Seguindo para o Itinerário Teórico II, ainda à vista da transdisciplinariedade, o trabalho permeou em diferentes áreas do saber, sendo elas: Sociologia, Antropologia, Estudos gordos. Neste momento, visamos contemplar o conceito de gordofobia, discutido ainda hoje entre os estudiosos, além de invocar o conceito de *sistema perito* para validar o comportamento gordofóbico enquanto comportamento padrão e socialmente esperado, assim, revelando esses comportamentos gordofóbicos enquanto representações do poder-hegemonia dentro da sociedade.

Buscamos, ao longo do texto, apresentar a luta para o reconhecimento da gordofobia enquanto um problema social latente que carece resoluções. Para além do recorte identitário

adotado nesta dissertação, indivíduos gordos, sejam mulheres ou homens, independente do seu tom de pele ou classe social, sofrerão gordofobia, pois o estigma em relação ao corpo perpassa as discussões de classe, renda, raça e etnia e configura-se enquanto ponto estratégico para o desenvolvimento/surgimento de sociedades evoluídas. Ao passo que o corpo não esteja no foco da questão, outras demandas serão observadas e os modos de manutenção da hegemonia discursiva se tornarão ineficazes.

Respondendo à questão de pesquisa e aos objetivos

1. Como se dá a representação de mulheres vítimas de gordofobia médica no *Twitter* e no *Instagram*?”

Alinhados aos objetivos, ficou evidente que as representações sociais em volta da gordofobia e dos indivíduos gordos são negativas e levam as mulheres vítimas a um estado de silenciamento, invisibilidade, patologização e invalidade, haja vista o observado nas materialidades discursivas em questão. As escolhas lexicais do discurso médico, pautados em um âmbito hegemônico e autoritário, funcionaram como um sistema perito, validando todas as proposições médicas sem a necessidade de uma investigação empírica a respeito de cada caso em destaque, e assim, o discurso é sustentado a partir de emoções e julgamentos negativos.

Nas categorias sociodiscursivas Sanção por Anulação, Sanção por Padronização e Sanção por condenação, foram alocados os discursos em seções de etapas específicas na vida de uma mulher. No eixo da Padronização, momento de formação dos conceitos, ideias, valores, a constatação de uma violência verbal pode reverberar pelo resto da vida, acarretando em traumas. No eixo da Anulação, os sentidos ligados à intimidade de acesso à ginecologista e à obstetrícia, além da reflexão sobre qual é o critério avaliado para o ato de “maternar”. No âmbito da Condenação, o eixo contempla mulheres adultas, independente da especialidade, que foram violentadas verbalmente pela imoralidade de não pertecerem ao padrão físico esperado.

Acreditamos que esta pesquisa, a partir da ASCD e da ACD, contribui para trazer luz a uma temática que, costumeiramente, é tratada pela Antropologia, Sociologia, Estudos Culturais, e, a partir desse trabalho, há uma perspectiva de estudo e vislumbre na área da Linguística. Os diálogos que desenvolvemos ao longo do texto podem permitir novas conexões entre diferentes

áreas e a temática, assim, contribuindo para que os Estudos Gordos sejam ainda mais validados e contemplados em artigos, dissertações e teses nas academias do Brasil e, também, do mundo.

Temos a consciência que tal trabalho por si só não conseguirá transformar o cenário atual e encerrar os embates acerca de uma sociedade mais igualitária, equitativa, honesta e antigordofóbica. Aqui, convidamos eos leitores desse trabalho para, também, em suas práticas cotidianas, buscar estratégias de enfrentamento a toda forma de injustiça social, sejam elas o racismo, o sexismo, a lgbtqiapn+fobia, e aqui, adiciono também, a gordofobia. Sabemos que a construção de um mundo perfeito, sem preconceitos, é utopia, porém, não pode deixar de permear o imaginário de uma sociedade que de direito democrático que almeja o enfrentamento de injustiças e de relações com desnivelamento de poder.

REFERÊNCIAS

- ABELLA, Leticia Beatriz Gambetta. *O poder hegemônico das redes sociais: uma análise crítica do discurso de quem "vai pra rua"*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- ALMEIDA, F. S. D. P. *Atitude: Afeto, julgamento e apreciação*. In: VIAN JUNIOR, O.; SOUZA, A. A.; ALMEIDA, F. S. D. P (Org.). *A linguagem da avaliação em língua portuguesa: estudos sistêmicos-funcionais com base no Sistema de Avaliatividade*. São Carlos- SP: Pedro
- BAJOIT, Luís. *Tudo muda: proposta teórica e análise da mudança sociocultural nas sociedades ocidentais contemporâneas*. Lisboa, Portugal: Unijaí, 2006.
- BATISTA JR. José Ribamar Lopes. 1980 – *Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas*. Organização – 1. Edição. São Paulo: Parábola, 2018.
- BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. *(De)Colonialidade da linguagem, lócus enunciativo e constituição identitária em Gloria Anzaldúa: uma “new mestiza”*. Polifonia, Cuiabá-MT, v. 26, n.44, p. 01-163, out.-dez., 2019.
- BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.
- CUNHA, Danielle Brito da. *Análise crítica da (des)(re)construção identitária em produções de narrativas de mulheres vítimas de violência de gênero*. 2015. 151f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.
- CUNHA, João Paulo Lima. *“KD o pai dessa criança?!” Uma abordagem sociológica e comunicacional do discurso de atores sociais pais de crianças com síndrome de Down*. Tese de Doutorado. Doutorado em Letras. UFS. São Cristóvão, 2021.
- DAMACENO, Taysa Mércia dos Santos Souza. *Sujeitos e atores sociais nas representações discursivas de docentes da rede estadual de ensino em Sergipe: uma análise crítica em tempos de ideb*. Tese de Doutorado. Doutorado em Estudos da Linguagem. UFERN. Natal, 2013.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001 [1992].
- _____. *El análisis crítico del discurso como método para la investigación en ciencias sociales*. In: WODAK, Ruth; MEYER, Michel. (eds.). *Métodos de análisis crítico del discurso*. Barcelona: Gedisa, 2003.

FAYE PEDROSA, Cleide Emília. *ABORDAGEM SOCIOLÓGICA E COMUNICACIONAL DO DISCURSO (ASCD): uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso*. PARTE 1: Herança teórica da Sociologia (Aplicada) para a Mudança Social. Natal: UFRN, 2012. Texto fundador. Disponível em www.ascd.com.br.

_____. *ABORDAGEM SOCIOLÓGICA E COMUNICACIONAL DO DISCURSO (ASCD): uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso*. PARTE 1: Herança teórica da Sociologia (Aplicada) para a Mudança Social. Natal: UFRN, 2012. Texto fundador. Disponível em www.ascd.com.br. Acessado em 02 de julho de 2021.

_____. *A Socioanálise e a Abordagem Sociológica e Comunicacional do Discurso: caminhos de análise em Análise Crítica do Discurso*. Trabalho apresentado na mesa-redonda da ABRALIN: Análise Crítica do Discurso e os caminhos de análise. VIII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística. Natal: UFRN, 30\01 – 02\02\2013.

_____. *Abordagem sociológica e comunicacional do discurso (ASCD): uma corrente para fazer Análise Crítica do Discurso* PARTE 1: Herança teórica da Sociologia (Aplicada) para a Mudança Social. 2012 b. disponível em: <http://www.ascd.com.br/>, acessado em 02 de julho de 2021.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. *O Nascimento da Medicina Social*. In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Anthony Giddens; tradução de Raul Fíker. – São Paulo: Editora UNESP; 1991. – (Biblioteca Básica).

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC. (1975).

GURGEL A. *O que é gordofobia? Como deixar de ser gordofóbico*, 2017.

HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional Grammar*. 3rd ed. Revised by Christian M. I. M. London: Mattheiensen Arnould, 2004.

Jeronimo, Aline Conceição. *O corpo real no mundo virtual: ativismo gordo como educação da cultura no ciberespaço* / Aline Conceição Jeronimo. 2019. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

JIMENEZ-JIMENEZ, Maria Luisa; ABONIZIO, Juliana. *Gordofobia e Ativismo gordo: o corpo feminino que rompe padrões e transforma-se em acontecimento*. (2017) Disponível em: http://alas2017.easylanners.info/opc/tl/1243_maria_luisa_jimenez_jimenez.pdf

LÊ BRETON, David, 1953- *A sociologia do corpo* / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MAGALHÃES, Célia (Org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

MATTOS R. *Sobrevivendo ao estigma da gordura*. São Paulo: Vetor; 2012.

ORLANDO VIAN JR.; Anderson Alves de Souza; Fabíola A.S.D.P. Almeida (organizadores) *A linguagem da avaliação em língua portuguesa*. Estudos sistêmicofuncionais com base no sistema da avaliatividade. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010. 230p.

QUIJANO, Anibal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: QUIJANO, Anibal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. P. 1-130.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane de Melo. *Análise de discurso (para a) crítica: o texto como material de pesquisa*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RAMALHO, V.; RESEND. V. M. *Análise do discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A gramática do Tempo: Para uma Nova Cultura Política*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Paulo Sérgio da Silva. *A apropriação do poder hegemônico da ciência em revistas de divulgação científica: estratégias sociodiscursivas*. Paulo Sergio da Silva Santos. 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Cliente%20MTEch/Downloads/PauloSergioDaSilvaSantos_TESE.pdf

TELLES, André. *A Revolução das mídias sociais: cases, conceitos, dicas e ferramentas*. São Paulo- SP: Editora M. Books do Brasil editora Ltda. 2010.

THEMES, Catch. *“As gordas também amam”*. Disponível em: <http://www.unicap.br/webjornalismo/asgordastambemamam/site/index.php/as-consequencias-da-gordofobia/> acesso em 20/02/2020.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. HOFFNAGEL, Judith; Falcone, Karina (Org.). São Paulo: Contexto, 2008.

WHITE, P. R. R. *Valoração – A Linguagem da Avaliação e da Perspectiva*. Linguagem em (Dis)curso, v. 4, n. esp., p. 177-205, 2005.

WOLF, Naomi. *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*/ Naomi Wolf; Tradução Waldéa Barcellos. -1ªed. – Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

ANEXOS

Anexos 1

LISTA DE PUBLICAÇÕES NO INSTAGRAM

PUBLICAÇÃO 01 –

TÍTULO: Gordofobia Médica

LINK PARA ACESSO: <https://www.instagram.com/p/CqoVaeCu8dF/>

DATA DE ACESSO: 16.05.2023



PUBLICAÇÃO 02 –

TÍTULO: Gordofobia Médica

LINK PARA ACESSO:

https://www.instagram.com/p/CmerKMPOr91/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA

DATA DE ACESSO: 23/06/2023



PUBLICAÇÃO 3-

TÍTULO: Gordofobia Médica

LINK PARA ACESSO: <https://www.instagram.com/p/Cj6U7jkrDqY/>

DATA DE ACESSO: 16.05.2023



PUBLICAÇÃO 4-

TÍTULO: Gordofobia Médica

LINK PARA ACESSO: <https://www.instagram.com/p/CuHYaKsOyYI/>

DATA DE ACESSO: 16.05.2023



PUBLICAÇÃO 5-

TÍTULO: Gordofobia Médica

LINK PARA ACESSO: <https://www.instagram.com/p/CocQnLOukLq/>

Data de acesso: 25/04/2023



PUBLICAÇÃO 6 –

TÍTULO: Gordofobia médica

LINK DE ACESSO: <https://www.instagram.com/p/CnPQwvurfKM/>

DATA DE ACESSO: 27/05/2023



Publicação 7

TÍTULO: Gordofobia médica

Link para acesso: <https://www.instagram.com/p/CRomjFqF2Qx/>

Acesso em: 25/05/2023



ANEXOS II

LISTA DE PUBLICAÇÕES NO *TWITTER*

Link para acesso à hashtag: <https://twitter.com/search?q=gordofobiamedica>